

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS

**SORAYA VIEIRA JANUÁRIO**

**MACHADO DE ASSIS NO *JORNAL DAS FAMÍLIAS*:  
UM ESTUDO SOBRE A JOVEM ESCRITA MACHADIANA**

VITÓRIA  
2023

**SORAYA VIEIRA JANUÁRIO**

**MACHADO DE ASSIS NO *JORNAL DAS FAMÍLIAS*:  
UM ESTUDO SOBRE A JOVEM ESCRITA MACHADIANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wilberth C. Ferreira Salgueiro.  
Coorientador: Prof. Dr. José Américo Miranda.

VITÓRIA  
2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

J33m      Januário, Soraya Vieira, 1989-  
MACHADO DE ASSIS NO JORNAL DAS FAMÍLIAS: :  
UM ESTUDO SOBRE A JOVEM ESCRITA MACHADIANA /  
Soraya Vieira Januário. - 2023.  
95 f. : il.

Orientador: Wilberth Claython Ferreira Salgueiro.

Coorientador: José Américo Miranda.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Contos. 3. Contos Brasileiros. 4. Jornal das Famílias. I. Ferreira Salgueiro, Wilberth Claython. II. Miranda, José Américo. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 82

---

**SORAYA VIEIRA JANUÁRIO**

**MACHADO DE ASSIS NO *JORNAL DAS FAMÍLIAS*:  
UM ESTUDO SOBRE A JOVEM ESCRITA MACHADIANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras

Aprovada em \_\_\_\_\_

**Comissão Examinadora:**

---

Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro  
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)  
Orientador: Membro Presidente

---

Prof. Dr. José Américo Miranda  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Professor Coorientador

---

Prof. Dr. Paulo Roberto de Souza Dutra  
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

---

Prof. Dr. Wolmyr Aimberê Alcantara Filho  
Secretaria de Educação do Espírito Santo (SEDU)

---

Prof. Dr. Flávio Martins Carneiro  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Prof. Dr. Nelson Martinelli Filho  
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Luisa Vieira e Antônio Almeida Januário, sem os quais eu jamais teria conseguido chegar até aqui. Nessa caminhada, minha mãe esteve sempre presente com seu apoio incondicional. Meu pai, mesmo em outro plano da vida, permaneceu comigo nos piores momentos dessa trajetória. Pai, mãe: sem o incentivo de vocês eu não seria quem sou hoje.

Ao meu esposo, Bernard Contão, que viveu e enfrentou tudo ao meu lado, do processo de escrita do projeto que guiou essa investigação a sua conclusão. Obrigada por ter me ajudado nas pesquisas e transcrições, sobretudo quando minhas aflições eram tantas; por ter estado comigo em meus melhores e piores momentos. Obrigada por ter lido comigo tantas vezes a ponto de saber tanto quanto eu a respeito do assunto aqui tratado. Serei sempre grata por seu incentivo, amor, carinho e preocupação. Essa conquista também é sua — é *nossa*.

Ao professor Wilberth, meu orientador, pela paciência sem medidas nas mais variadas voltas que esta pesquisa deu até encontrar o seu caminho. Obrigada por ter guiado essa orientação com acentuado interesse e animação acerca do que lhe mostrava em nossos encontros. Obrigada, também, por ter permanecido comigo nessa caminhada. Deixo meus sinceros agradecimentos e friso a alta admiração que nutro por sua pessoa.

Ao meu coorientador, professor José Américo, que mesmo morando em Minas Gerais e estando aposentado topou esta empreitada. Em todos os momentos que precisei, você esteve presente, via chamada de vídeo, com muita solicitude. Sou eternamente grata pelas horas que passamos juntos via *google meet* revirando livros e referências. Tenho total admiração pelo seu alto conhecimento acerca da produção machadiana, conhecimento este que tanto me auxiliou. Muito obrigada pela linda caminhada que trilhamos juntos.

Aos colegas e professores do PPGL e ao grupo de orientação do professor Wilberth, os quais muito contribuíram para sanar algumas das dúvidas que surgiram durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus amigos, que tanto escutaram meus desabafos, alegrias e tristezas, e me acolheram em momentos importantes. Faço, aqui, menção especial à Rainã Maier, que eu conheci na pós-graduação: muito obrigada por ter dividido comigo as angústias e outros sentimentos que surgiram ao longo desses dois anos.

Ao meu orientador do curso de graduação em Letras, professor Wolmyr Alcantara, por em meados de 2013 ter despertado em mim a curiosidade pela escrita machadiana.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão da bolsa de estudos que financiou esta pesquisa.

## RESUMO

Machado de Assis escreveu e publicou, em 1858, seu primeiro conto, cujo título é “Três tesouros perdidos”. Em 1862, publicou “O país das quimeras”. Dois anos depois, volta a publicar contos, a exemplo de “Frei Simão”, lançado no periódico *Jornal das Famílias*, onde divulgou mais da metade de sua produção contista. O principal foco desta pesquisa é estudar a jovem escrita machadiana em contos publicados no *Jornal das Famílias* no ano de 1863. Nosso objetivo é analisar as características de sua escrita, a escolha por determinados temas e as possíveis influências que levaram Machado de Assis a iniciar sua produção de contos. Além disso, pretendemos investigar possíveis autorias atribuídas ao autor que ainda hoje suscitam interesse e polêmicas. No *Jornal das Famílias*, o Bruxo assinou com seu nome poucas vezes. Os pseudônimos dominaram os escritos machadianos do período de 1864 até 1878, o último ano do *Jornal das Famílias*. Nosso interesse, nesse sentido, é analisar a possibilidade de o jovem e pouco experiente Machado de Assis ter contribuído para a revista utilizando outros pseudônimos no ano de 1863. Para isso, apresenta-se nesta pesquisa, também, um panorama dos pseudônimos utilizados pelo autor em publicações feitas em seu início de carreira no periódico. A análise que empreendemos neste estudo sustenta-se com as contribuições de pesquisadores e estudiosos como Massa (2009), Magalhães (1956), Galante de Souza (1955), Crestani (2009), Pinheiro (2007), entre outros, que trazem aspectos importantes na escrita do contista Machado de Assis em 1863 no *Jornal das famílias*.

**Palavras-chave:** Contos; *Jornal das Famílias*; Machado de Assis.

## ABSTRACT

Machado de Assis wrote and published his first short story in 1858 called “Três Tesouros Perdidos”, in 1862 he published “O país das quimeras” and only in 1864 he published stories again, such as “Frei Simão”, in the periodical “O Jornal das Famílias”, where he released more than half of his short story production. The main focus of this research is to study the young Machadian writing in short stories published in the “Jornal das Famílias” in 1863. Our object is to analyze the characteristics of his writing, the choice of themes by the writer, which would have influenced his initial production of stories and we also intend to investigate possible authorship attributed to Machado de Assis that still raise interest and controversy. In the “Jornal das Famílias,” the Bruxo signed with his name a few times, pseudonyms dominated Machado's writings from 1864 to 1878, the last year of the Journal. Could it be possible that the young and inexperienced Machado de Assis could have contributed to the magazine using other pseudonyms? This work also aims to present an overview of the pseudonyms used by the author to sign his stories during the initial publications of his career in the journal. The analysis undertaken in this study is based on the contributions of researchers and scholars such as: Massa (2009), Magalhães (1956), Galante de Souza (1955), Crestani (2009), Pinheiro (2007), among others, who bring through the information presented here, important aspects in Machado de Assis' short story writing in 1863 in the “Jornal das Famílias”.

**Keywords:** Short Story; Jornal das Famílias; Machado de Assis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeira página do índice geral de 1863, destaque para os textos de “Romances e Novelas”.....	16
Figura 2: Segunda página do índice geral de 1863 constando a seção “Poesias”.....	18
Figura 3: Índice de 1863. Destaque para o poema “Alpujarra”, traduzido por Machado de Assis. ....	18
Figura 4: Jornal das Famílias: primeira página inaugurando o primeiro ano de publicação, 1863 .....	27
Figura 5: Continuação da página de abertura do Jornal das Famílias em 1863 .....	28
Figura 6: Título da página de abertura da edição de janeiro de 1869.....	30
Figura 7: Jornal das Famílias – nº 1, janeiro de 1870, p.4.....	31
Figura 8: Segunda lista de janeiro de 1877 (contracapa).....	31
Figura 9: Final do texto de Augusto Fausto: “Onde se encontra a felicidade” - setembro de 1865 .....	32
Figura 10: Propaganda dos livros da editora Garnier.....	33
Figura 11: Recorte da publicação “O Sassy” (O saci) com pseudônimo de Augusto Emilio Zaluar.....	36
Figura 12: Propaganda do livro de Augusto Emilio Zaluar no jornal Diário do povo.....	37
Figura 13: Índice de romances e novelas de 1864 em destaque o texto “A fantasia da Morte” .....	38
Figura 14: Índice de 1863, seção “Viagens”, em destaque “Um casamento na roça”, por Hope .....	39
Figura 15: Índice de 1868, destaque para o texto “A sombra e a luz” na seção “Romances e Novelas” .....	39
Figura 16: Trecho do conto “Uma águia sem asas”, destaque para a apresentação da família Hope .....	40



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. MACHADO DE ASSIS E O JORNAL DAS FAMÍLIAS EM 1863 .....</b>	<b>22</b>
2.1 O perfil de um periódico: sua história, seus leitores.....	22
2.2 O Jornal das Famílias e sua rede de colaboradores: pseudônimos e abreviações .....	30
2.3 A prosa machadiana em despertar: contos e influências nos primeiros anos.....	41
<b>3. ALGUNS PSEUDÔNIMOS E CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: IDENTIFICAÇÕES E SEMELHANÇAS.....</b>	<b>49</b>
3.1 Contos assinados com pseudônimos e atribuições de Raimundo Magalhães Júnior .....	49
<b>4. TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE DOIS CONTOS DE 1863 NO <i>JORNAL DAS FAMÍLIAS</i>: “CONTO MORAL” E “LUCIA” .....</b>	<b>58</b>
4.1 Análise: referências, características e repetição de temas nos contos de 1863 .....	58
4.2 Transcrição do conto de 1863 assinado por F. ....	61
4.3 Análise: referências, características e repetição de temas em “Lúcia” .....	66
4.4 Transcrição do conto de 1863 assinado por F. ....	69
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO A - Fac-símile de “Conto moral” .....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO B - Fac-símile de Lucia .....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO C - Lista de pseudônimos.....</b>	<b>94</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Durante os últimos sessenta anos, diversos pesquisadores, escritores, historiadores e biógrafos se dedicaram à investigação da vida e da obra de Machado de Assis. Considerando que o autor teve uma “primeira fase romântica” e uma “segunda fase realista”, nosso estudo foca na primeira, mais especificamente no ano de 1863 em publicações no *Jornal das Famílias*. Para obter informações acerca desse contexto, buscamos estudiosos que se dedicaram a esse período da escrita machadiana, entre os quais podemos citar: Jean-Michel Massa, Ubiratan Machado, Raimundo Magalhães Júnior, John Gledson, Lúcia Miguel Pereira e José Galante de Souza. Como uma das fontes mais importantes para este trabalho, destaca-se o livro *Machado de Assis no Jornal das Famílias* (2009), de Jaison Luís Crestani, o qual delinea um rico panorama da atuação machadiana no periódico *Jornal das Famílias*, sublinhando ainda como essa atuação se transformou com o tempo.

Ademais, há também pesquisas de doutorado e mestrado bem relevantes, tais como: *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros* (1990), de Silvia Maria de Azevedo; *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias* (2005), de Daniela Magalhães Silveira; *Moralidade e bons costumes nos contos de Machado de Assis (Jornal das Famílias, 1864 -1878) e de Marmontel (Mercure de France, 1761-1765)*, de Fernanda Oliveira Cunha (2020); e *As Assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações de autoria* (2021), de Fernando Borsato dos Santos.

Diversos estudiosos se debruçaram em busca de novas perspectivas em torno da vasta obra de Machado, que conta com mais de 50 anos de vida literária. Contudo, as atividades e sua atuação constante em periódicos são ainda pouco estudadas, considerando o período de início da sua carreira contista. Machado de Assis publicou seu primeiro conto, “Três tesouros perdidos”, em 1858, em *A marmota fluminense*, um jornal de moda e variedades, e construiu o estilo de sua pena em diversos outros periódicos, como *O Futuro* (1862) e o *Jornal das Famílias* (1863). Nesta última revista, ele publicou diversas vezes e, conseqüentemente, foi onde deixou a sua maior contribuição em periódicos.

Machado, aos poucos, conquistou espaço no *Jornal das Famílias*, o que foi essencial para a prática e o aperfeiçoamento de sua escrita no gênero narrativo, principalmente no que diz respeito à produção de contos. Afirmamos com segurança que os contos de Machado de Assis — ou os atribuídos a ele — publicados no *Jornal das Famílias*, em sua época inicial de produção e publicação, especificamente em 1863, necessitam de mais atenção de estudiosos e estudiosas.

A colaboração de Machado de Assis em diversos jornais pode ser constatada no livro *Bibliografia de Machado de Assis* (1955), de Galante de Souza, sobretudo no capítulo “Colaborações”. A partir dessa obra é possível conhecer aproximadamente 50 nomes de periódicos diferentes com os quais o Bruxo colaborou no período oitocentista.

A leitura de algumas dessas publicações nos trouxe a necessidade de conhecer melhor o perfil da escrita que o autor usava em periódicos, uma vez que ele “experimentava” temas variados, como contos fantásticos — a exemplo de “Um esqueleto” (de 1875) e “Sem olhos” (de 1876), ambos publicados no *Jornal das Famílias* — e romances românticos cujos motes abordavam amores impossíveis, como nota-se em “Cinco mulheres” (de 1865) e “Mariana” (de 1871). Essas e outras experiências poderiam compor o cerne do que viria a ser o seu conjunto de romances e contos consagrados pelo cânone literário. Por isso, pretendemos explorar o seguinte tema: “Machado de Assis no *Jornal das Famílias*: um estudo sobre a jovem escrita machadiana”, expondo mais especificamente os anos dos quais pouco se fala quando o assunto é a participação machadiana neste periódico.

Dado o âmbito deste trabalho, nosso intuito também é destacar importantes características da escrita machadiana contista em um período que, embora considerado “não maduro”, pode ter sido essencial para a futura consagração de Machado de Assis como escritor no panorama da literatura brasileira, especialmente se considerarmos a segunda fase de sua escrita, chamada — não sem polêmica — de realista.

A produção contista de Machado vinculada a essa época sempre nos despertou curiosidade. Ao mesmo tempo, sentíamos uma necessidade de estudar mais esse período a fim de conhecermos e compreendermos as “primeiras publicações” machadianas em periódicos — tendo em mira, sobretudo, as seguintes perguntas: O que o jovem Machado de Assis escrevia antes de ser reconhecido como um dos maiores romancistas da literatura brasileira? Quais valores estéticos e ideológicos o quase “inexperiente” escritor inscrevia em seus textos? Qual era seu repertório enquanto leitor? O que escreveu durante os anos precedentes ao surgimento de um Machado de Assis considerado maduro? O que teria influenciado sua tão intensa produção de contos por um período que durou mais de quarenta anos (1858-1907)? Ainda haveria algo de inédito a ser pesquisado dentro da tão vasta obra contista do Bruxo?

Partindo desses questionamentos empreendemos o início desta dissertação, cujo exercício investigativo volta-se à colaboração machadiana no periódico *Jornal das Famílias*, colaboração que perdurou por toda a existência da revista, de 1863 a 1878. Pretendemos analisar, ainda, alguns contos assinados por Machado de Assis, e outros atribuídos a ele — ainda que haja, no que diz respeito aos trabalhos atribuídos, certas dúvidas acerca da

autenticidade da autoria. Nesse sentido, pretendemos buscar esclarecimentos que tratam do que pode ou não ter sido escrito e publicado por Machado de Assis quando este assinou, possivelmente, com pseudônimos.

Machado de Assis, durante o início de sua carreira — mais especificamente durante o período em que escrevia para periódicos —, lançou mão de muitos pseudônimos. A investigação sobre o uso desses pseudônimos é objeto de estudo de alguns poucos pesquisadores. Não há consenso a respeito de diversas autorias atribuídas, entre elas as que pretendemos analisar aqui, o que torna esta pesquisa altamente desafiadora no intento de buscar elementos que provem a autoria de textos atribuídos a Machado de Assis.

Magalhães Júnior conduziu uma investigação acerca da possível atribuição de autoria a Machado de Assis nas coletâneas *Contos Esparsos*, *Contos Recolhidos*, *Contos sem Data*, *Contos Avulsos* e *Contos Esquecidos*, todos de 1956. Tais textos foram assinados com diversos pseudônimos — muitos deles, ainda alvos de questionamentos voltados à atribuição autoral machadiana. No capítulo “Machado de Assis contista (1864-1869)”, por exemplo, de *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual* (2009), Jean-Michel Massa questiona alguns dos pseudônimos atribuídos ao Bruxo por Magalhães, principalmente os utilizados nas assinaturas de autoria dos contos publicados no *Jornal das Famílias*. Também pretendemos trazer esse debate à tona questionando os contos que compõem a coletânea *Obra completa* (2015) de Machado de Assis, da editora Nova Aguilar. Nessa edição, enquanto algumas narrativas foram reconhecidas pela editora, outras não. Por que isso ocorreu? Essa seleção também é um dos pontos tratados nesta pesquisa.

Durante o período de 1863, Machado de Assis se profissionalizou como jornalista, trabalhou como repórter e logo em seguida tornou-se redator e cronista no *Diário do Rio de Janeiro* por convite de Quintino Bocaiuva, diretor e redator-chefe do jornal. Este, segundo Ubiratan Machado, era “um jornal comercial e literário fundado pelo português Zeferino Vito de Meireles, que começou a circular em 1º de junho de 1821” (MACHADO, 2021, p. 183).

O Machado jornalista estaria ocupado com as publicações e as atribuições do cargo no *Diário do Rio de Janeiro* e, ao mesmo tempo, estaria já colaborando com alguns escritos no *Jornal das Famílias*? Consideramos este um ponto importante a ser discutido, tendo em vista a ampla produção de contos que sucedeu o ano de 1863. Em 1862 surge a publicação de “O país das quimeras” no jornal *O Futuro*, assinado por Machado de Assis, e somente em junho de 1864 outro conto do autor é publicado, “Frei Simão”, com a assinatura M. A., no *Jornal das Famílias*. Curiosamente, o escritor não teria produzido mais nada do gênero conto e publicado em nenhum periódico no qual trabalhava no período, pois na pesquisa para esta dissertação não

conseguimos encontrar nenhum registro que comprovasse o contrário, nem mesmo na bibliografia de Galante de Souza (1955). Eis que, dessa constatação — de não haver nesse período conto publicado com o nome “Machado de Assis”, nem tampouco com suas iniciais —, outro questionamento surge: Machado de Assis realmente não teria se arriscado em publicação alguma em 1863 ou estaria apenas sublimando sua identidade com algum pseudônimo que ainda não conhecemos?

De acordo com Massa, no capítulo “Machado de Assis contista (1864–1869): os enigmas do *Jornal das Famílias*”, o autor teria intensificado sua escrita contista a partir de sua entrada no periódico. Nesse capítulo, que trata da produção contista de Machado, Massa explica que o verdadeiro interesse do Bruxo “por esse gênero literário só se tornou perceptível a partir de 1864, quando começou a publicar seus contos no *Jornal das Famílias*” (MASSA, 2009, p. 451). As reflexões de Massa se referem apenas ao período contista machadiano na revista. As traduções de poemas realizadas por ele, por exemplo, são ainda pouco comentadas.

Durante a coleta de dados e informações sobre essa fase da vida do escritor foi possível perceber que poucos biógrafos mencionam a participação de Machado de Assis no *Jornal das Famílias* no ano de 1863. Sua carreira contista, de acordo com a bibliografia consultada, inicia-se em 1864. Galante de Souza, contudo, indica outro tipo de participação no periódico ao apontar a tradução de um poema assinado por Machado no ano de estreia do *Jornal*, em 1863. O principal ano que pretendemos explorar nesta pesquisa, então, parece revelar um Machado de Assis iniciante em sua carreira como contista, já dentro do periódico da Casa Garnier.

Além disso, percebemos que o escritor realizou uma tradução de poesia, “Alpujarra – Do Poema Konrad Wallenrod”, do principal poeta do romantismo polonês, Adam Mickiewicz, em julho de 1863, a qual foi publicada no volume de julho do mesmo ano no *Jornal das Famílias*. Isso confirma, assim, que a sua atuação como colaborador do periódico teria se iniciado no primeiro ano da revista, como garante Galante de Souza na seguinte passagem de seu livro *Bibliografia de Machado de Assis*: “a colaboração de Machado de Assis estende-se de julho de 1863 a dezembro de 1878” (SOUZA, 1955, p. 215).

A tradução do poema foi publicada em *Crisálidas*, primeiro livro de poesia de Machado de Assis, editado e publicado pela Casa Garnier em 1864. O início da relação de Machado e Garnier, pelo que temos notícia, partiu de um encontro ocorrido em uma festa na casa do fotógrafo e pintor Victor Frond, que possuía um estúdio no Rio de Janeiro nessa época. Segundo Ubiratan Machado, em seu livro *Dicionário de Machado de Assis* (2021), e Magalhães Júnior, em sua biografia de Machado de Assis, *Vida e obra – Aprendizado - Volume 1* (2008), em 27 de janeiro de 1859 houve uma reunião de amigos, na casa de Frond, realizada em comemoração

ao nascimento do seu filho Charles. Curiosamente, Machado de Assis era o único brasileiro presente nessa ocasião e, talvez, não por acaso, mais tarde estreitaria laços com o editor da Casa Garnier, considerando que além da colaboração no *Jornal das Famílias*, a editora publicou toda a obra machadiana, incluindo o seu primeiro livro de poesia em 1864.

Quanto ao nosso objetivo central, que é descortinar o ano de 1863, “esquecido” do *Jornal das Famílias*, é importante ressaltar que o acesso a informações acerca desse período limitou-se à leitura de estudiosos como Galante de Souza e Magalhães Júnior. Para exemplificar, Galante de Souza menciona em sua *Bibliografia de Machado de Assis* (1955), assim como Magalhães Júnior o faz em *Contos Esparsos* (1996), que durante as pesquisas e consultas para a elaboração de seus livros nos arquivos da Fundação Biblioteca Nacional Brasileira, constataram que muitas páginas dos periódicos desapareceram. Apenas partes dos volumes do *Jornal das Famílias* do ano de 1863 estariam disponíveis para leitura. Destas partes, havia somente três volumes intactos: os de janeiro, fevereiro e março, que ainda estão digitalizados no site da Hemeroteca Digital Brasileira<sup>1</sup>. Algumas páginas foram criminosamente arrancadas após a publicação da bibliografia de Galante de Souza em 1955, como é possível constatar no trecho a seguir:

A divulgação da obra de Galante de Sousa, útil sob muitos aspectos, teve o inconveniente de suscitar em pessoa ou pessoas de espírito perverso e baixa formação moral o saque daquelas coleções. Um caderno inteiro foi criminosamente arrancado da coleção, já incompleta, do *Jornal das Famílias*. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 13)

Durante nossa investigação sobre o paradeiro dos arquivos mencionados na citação acima, descobrimos que parte desse acervo, quase perdido, estaria no Real Gabinete Português de Leitura, localizado no Centro do Rio de Janeiro, e que todos os números da revista estariam supostamente fora do Brasil, no acervo da Biblioteca Nacional da França. Neste país, a revista era impressa, como bem relata Ubiratan Machado: “[...] Impresso em Paris com os mesmos requintes das similares francesas” (2021, p. 285).

Assim, imaginamos ser possível encontrar esses materiais em melhores condições na França. No site da Biblioteca Nacional da França, que tem todo o seu acervo registrado em *web site*, esses números perdidos poderiam estar disponíveis para nossa consulta, o que facilitaria muito a investigação. O contato com a Biblioteca Nacional da França se deu por meio do site, onde existe um sistema de pedidos de cópias dos microfimes do acervo<sup>2</sup>. Após alguns meses, em conversa com os bibliotecários do serviço de cópias, chegaram as fotos digitalizadas de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-familias/339776>. Acesso em: 02 fev. 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb32796581c>. Acesso em: 10 mar. 2021.

índices e arquivos completos do ano de 1863 do *Jornal das Famílias*, o que viabilizou de forma bastante considerável a consulta aos textos — tanto poemas, quanto contos — que são importantes para esta pesquisa.

O trabalho de doutorado da pesquisadora Alexandra dos Santos Pinheiro, *Para além da amenidade - O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção* (2007), foi um ponto de partida fundamental para aumentar nosso interesse em trabalhar com a pesquisa sobre a colaboração machadiana no ano de 1863 na revista, uma vez que a tese conta com uma listagem de romances e novelas que nos auxiliou no estudo dos nomes dos colaboradores e de textos das produções de todos os anos da revista. Entretanto, é necessário ressaltar que o índice da tese conta somente com a transcrição do índice da seção de “Romances e Novelas”, ignorando quase totalmente que a revista continha outras seções, como as de poemas, por exemplo.

Para nossa pesquisa, seria imprescindível ter em mãos o índice da revista completo, principalmente onde constava a tradução da poesia que inaugurou a estreia de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. A partir dessa lacuna, surge o interesse em buscar esse referido índice completo em outros locais. Os arquivos que a pesquisadora Alexandra Pinheiro utilizou para o estudo de sua tese não foram localizados, o que tornou impossível conferir o índice de 1863 do *Jornal das Famílias*. Até mesmo o anexo de narrativas publicadas na seção “Romances e Novelas”, transcrito pela autora da tese, elencava algumas informações incorretas, como os nomes dos autores. Um dos casos que podemos relatar é o do escritor Augusto Emilio Zaluar. A autora da mencionada tese, erroneamente, esqueceu-se de informar o pseudônimo do escritor na publicação do conto “O saci”, de 1863, assinado com o nome Hope. Além disso, também foi possível encontrar outros erros ou falta de informações no texto, como esse que mencionamos, a exemplo da atribuição do pseudônimo do jornalista Augusto Fausto<sup>3</sup> a Machado de Assis. Equívocos como esses servem de alerta para sermos bastante cautelosos e conduzirmos a pesquisa com preocupação minuciosa no tocante a atribuições autorais.

Há algumas publicações no índice de 1863 que não receberam a devida atenção de nenhum pesquisador que tenha lido e analisado a fundo seu conteúdo. Isso nos motivou — tal qual um detetive que coleciona as pistas necessárias para a resolução de um mistério — a ir em busca, na França, dos arquivos supostamente desaparecidos do periódico. A seguir constam as fotocópias das páginas do índice do *Jornal das Famílias* de 1863, enviado pela Biblioteca Nacional da França em 11 de junho de 2021. Na primeira parte do índice, na seção “Romances e Novelas”, notam-se alguns contos de autoria duvidosa e que ainda se encontram inexplorados,

---

<sup>3</sup> Augusto Fausto aparece como A. F. em textos como “Dois dias de felicidade no campo” (1866) e “Um casamento de tirar o chapéu” (1873).





nenhum pesquisador dos já mencionados até aqui, nem encontramos nada nas pesquisas que fizemos sobre o tema até o momento. Aparentemente são narrativas que passaram despercebidas, provavelmente pelo fato dessas páginas estarem incompletas na Coleção do Jornal na Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Localizamos apenas o arquivo do ano de 1863 completo no Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro. O arquivo está disponível somente para consulta no local, o que torna — em tempos atuais — seu acesso bem mais restrito.

Eis um fato que precisa ser dito e é de grande relevância: o pseudônimo F. teria sido, supostamente, utilizado por Machado de Assis em 1866 no conto “Felicidade pelo casamento”, cuja primeira parte saiu sob a assinatura de F. e a segunda sob a assinatura de S. Isso foi considerado um possível erro tipográfico ou de revisão, como consta no *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan Machado:

Inicial com que foi assinada a primeira parte do conto: “*Felicidade pelo casamento*”, no *Jornal das Famílias*, em junho de 1866. Foi um erro de revisão, pois no índice a autoria é atribuída a S., inicial com que foi subscrita a segunda parte do trabalho. A atribuição de autoria é de R. Magalhães Júnior. (MACHADO, 2021, p. 212)

O pseudônimo F. foi identificado por Magalhães Júnior, como mencionado por Ubiratan Machado na citação acima, e publicado em *Contos Esparsos* de 1956. A atribuição contraditória é citada por Jean-Michel Massa em sua obra biográfica *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual* (2009).

Na segunda figura, ilustrada na página a seguir, consta o índice de 1863, com destaque para a seção de “Poesias”, a qual buscávamos para verificação da participação machadiana. Nesse índice estão alguns textos de Augusto Emilio Zaluar, escritor que era amigo de Machado de Assis e já contribuía em outros jornais à época, tendo utilizado pseudônimos durante suas participações no *Jornal das Famílias*. Na terceira figura, também ilustrada na próxima página, destaca-se o poema traduzido por Machado de Assis, “Alpujarra”, já mencionado há pouco. Trata-se, desse modo, de uma comprovação factual de que Machado de Assis já estaria colaborando no período de estreia do *Jornal das Famílias*, e que poderia até mesmo estar utilizando algum pseudônimo ainda não conhecido, considerando que ele já havia escrito alguns textos em outros jornais com assinatura ou abreviações, como quando assinou em 1860 no jornal *O Espelho* a poesia “Escravo e Rainha” apenas com um M. Abaixo, destaca-se a seção de poemas do índice onde consta a tradução mencionada, que também é citada no índice de contribuições de Machado de Assis no livro biográfico de Jean-Michel Massa (2009).

Figura 2: Segunda página do índice geral de 1863 constando a seção “Poesias”.

<p>546</p> <p>Um coração partido, pelo padre Manoel Bernardes. . . . . 16</p> <p>Conselhos para educação, pelo padre Manoel Bernardes. . . . . 17</p> <p>Prudência no falar, pelo padre Manoel Bernardes. . . . . 19</p> <p>Tudo passa, pelo padre Manoel Bernardes. . . . . 20</p> <p>Lenda do infiel, pelo padre Manoel Bernardes. . . . . 21</p> <p>Conversações de Philemon e Ariano, pelo padre Manoel Bernardes. . . . . 42</p> <p>Frecheiros, pelo padre Manoel Bernardes. . . . . 54</p> <p>A arte da beleza, artigo para sómente ser lido por senhoras, por Pauchila Montez. . . . . 65</p> <p>Da caridade, pelo padre Manoel Bernardes. . . . . 87</p> <p>O palácio encantado, pelo padre Manoel Bernardes. . . . . 88</p> <p>Bem casados, pelo padre Manoel Bernardes. Rio de Janeiro anecdótico, colheita de bons ditos, repentes felizes e pilherias mais ou menos chistosas, por Jonor Achimbert. . . . . 115</p> <p>Folhas soltas, por Nuno Alvares. . . . . 149</p> <p>Desalento, por Nuno Alvares. . . . . 150</p> <p>Fragmentos, por Nuno Alvares. . . . . 151</p> <p>Adágios do pão. . . . . 152</p> <p>Modo de tirar as nodosas de gordura do papel e folhas de livros. . . . . 155</p> <p>Água para tirar nodosas. . . . . 156</p> <p>Jogo de espirito, por Cariquina. . . . . 182</p> <p>Rio de Janeiro anecdótico, colheita de bons ditos, repentes felizes e pilherias mais ou menos chistosas, por Jonor Achimbert. . . . . 210</p> <p>O que não diz a lingua e o que não ouvem os ouvidos? por Sebastianopolino. . . . . 258</p> <p>A mulher, por Nuno Alvares. . . . . 269</p> <p>O que não diz a lingua e o que não ouvem os ouvidos? por Sebastianopolino. . . . . 271</p> <p>Homem herbívoro. . . . . 278</p> <p>Páginas íntimas, por Nuno Alvares. . . . . 301</p> <p>O que não diz a lingua e o que não ouvem os ouvidos? por Sebastianopolino. . . . . 504</p> <p>O que não diz a lingua e o que não ouvem os ouvidos? por Sebastianopolino. . . . . 558</p> <p>Rio de Janeiro anecdótico, colheita de bons ditos, repentes felizes e pilherias mais ou menos chistosas, por Jonor Achimbert. . . . . 541</p> <p style="text-align: center;">POESIAS</p> <p>Virgem branca, por Luiz V. F. . . . . 24</p> <p>Canção do exílio, por Peregrinus. . . . . 57</p> <p>Sonhos perdidos, por Peregrinus. . . . . 59</p> <p>A . . . . . por A. E. Zaluar. . . . . 91</p> <p>Albertina na costura, por Sophia. . . . . 92</p> <p>Ao partir para . . . . . num album, por A. F. Collin. . . . . 124</p>	<p>INDICE.</p> <p>Queixas do mar, imitação, por A. E. Zaluar. . . . . 157</p> <p>O topador, poesia dos sertões do Norte, por Juvenal Galleno. . . . . 184</p> <p>17 Alpujarra, do poema <i>Conrad Wallenrod</i>, de Mickiewicz; por Machado de Assis. . . . . 216</p> <p>19 Por mim?. . . . . 218</p> <p>20 A C. . . . . por A. E. Zaluar. . . . . 247</p> <p>O teu sorriso, a V. . . . . por Joaquim Silverio dos Reis Montenegro. . . . . 250</p> <p>Amor virgem, por A. E. Zaluar. . . . . 279</p> <p>Leito de flores, por Eustaquio Pinto da Costa. . . . . 281</p> <p>Lágrimas de vida. . . . . 508</p> <p>A graciosa, canção, por Juvenal Galleno. . . . . 510</p> <p>Recitativo, por M. Jesuino Ferreira. . . . . 515</p> <p>Fada, por Franklin Doria. . . . . 544</p> <p>A flor e a borboleta, por M. B. Fontenelle. . . . . 575</p> <p>Eu, no album de um amigo, por Aureliano José Lessa. . . . . 577</p> <p style="text-align: center;">AGRICULTURA</p> <p>Doas palavras sobre o algodão e a sua cultura. . . . . 82</p> <p style="text-align: center;">MEDICINA DOMESTICA</p> <p>Lenimento contra as queimaduras. . . . . 61</p> <p>Meio de destruir as lagartas. . . . . 62</p> <p style="text-align: center;">EXPLICAÇÃO DOS TRABALHOS</p> <p>Tapete de candieiro. — Almofadinha. — Ventarola. — Alamar feito com crochet. . . . . 212</p> <p>Agafate-almofadinha. — Chinela de boneca em tapeçaria. — Bordado sobre filet quadrado. — Pequeno vestuário de boneca. . . . . 254</p> <p>Bolsa-sacola. — Chinela bordada com trançolim. — Porta-relogio. — Centro para pendão da Virgem Santissima. — Ramalhete em tapeçaria. . . . . 285</p> <p>Sapatinho de criança. — Agafate-Victoria. — Desenho de crochet com malmequeres. . . . . 547</p> <p>Sapatinho de criança. — Novos pontos de mecia para colchas. — Flores de crochet. . . . . 547</p> <p>Tapete para lampada, de crochet, com guarnição de ponto de mecia mesclado de contas. — Collarinho de crochet. — Parte superior de um porta-agulhas. . . . . 580</p> <p style="text-align: center;">—o—o—o—</p> <p style="text-align: center;">ANNEXIDADES</p> <p style="text-align: center;">JASEIRO</p> <p>Figurino de modas (colorido). — Figurino de capas para senhoras. — Estampas de moldes de</p>
---	--

Fonte: Biblioteca Nacional da França<sup>5</sup>

Figura 3: Índice de 1863. Destaque para o poema “Alpujarra”, traduzido por Machado de Assis.

<p>INDICE.</p> <p>16 Queixas do mar, imitação, por A. E. Zaluar. . . . . 157</p> <p>O topador, poesia dos sertões do Norte, por Juvenal Galleno. . . . . 184</p> <p>17 Alpujarra, do poema <i>Conrad Wallenrod</i>, de Mickiewicz; por Machado de Assis. . . . . 216</p> <p>19 Por mim?. . . . . 218</p> <p>20 A C. . . . . por A. E. Zaluar. . . . . 247</p> <p>O teu sorriso, a V. . . . . por Joaquim Silverio</p>	<p>157</p> <p>184</p> <p>216</p> <p>218</p> <p>247</p>
---	--

Fonte: Biblioteca Nacional da França<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/index.do>. Acesso em: 10 mar 2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/index.do>. Acesso em: 10 mar 2021.

Diante das informações até aqui apresentadas, algumas outras questões surgem nesta trama complexa e cheia de detalhes. Se Machado de Assis, de fato, colaborou com essa tradução para o *Jornal das Famílias* em 1863, seria possível supor que ele já estivesse enviando outros textos como uma “espécie de teste” antes de se arriscar a escrever algo e assinar com seu nome para o *Jornal das Famílias*? Ou, por outro lado, ele era apenas levado pela necessidade de escrita de textos de teor moralizante e ameno por exigência dos editores da revista? Veremos, adiante, essa situação no subcapítulo 2.2, denominado “O *Jornal das Famílias* e sua rede de colaboradores em 1863: pseudônimos, abreviações e anônimos”.

A produção contista do jovem escritor seria intensificada com o decorrer de sua participação no periódico, considerando que foram publicados aproximadamente 85 contos, incluindo os que foram atribuídos a ele até o momento. Quais temas, contudo, apareceram com recorrência durante os anos seguintes à primeira publicação de Machado de Assis? Por que isso seria importante para esta pesquisa? Magalhães Júnior, em livro de título *Machado de Assis Desconhecido* (1955), no capítulo “As repetições de Machado de Assis”, trata da recorrência de temas abordados pelo autor durante a sua carreira, reflexões que nos serão úteis.

A interação de temas na obra machadiana é vasta. Alguns assuntos acabaram se repetindo com o passar do tempo, o que também foi objeto de investigação de alguns pesquisadores de sua obra. A respeito disso, Magalhães argumenta que Peregrino Junior, em seu *Doença e Constituição de Machado de Assis* (1938), foi um dos que melhor analisou esse aspecto presente na obra do grande escritor. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1955, p. 196)

Peregrino, tratando da iteração dos temas presentes na escrita de Machado de Assis, afirma:

Seus assuntos favoritos são sempre o mistério da vida, as dúvidas do espírito, o isolamento do homem, a atração secreta da morte, a inutilidade de tudo e todos. Obstinado na constância dessas repetições, retoma em *Histórias sem data*, nos contos “Uma senhora” e “Senhora Galvão”, os temas de “O segredo de Augusta” (*Contos Fluminenses*) e do “Relógio de ouro” (*Histórias da meia-noite*). (PEREGRINO, 1938, p. 114)

Além dos temas dos contos citados acima, não podemos deixar de sublinhar a presença do cotidiano e a vida das pessoas do Rio de Janeiro do século XIX. A intenção, ao estudar a recorrência de temas em textos do Bruxo, é trazer esse tópico como parâmetro que nos auxilia na análise de dois contos que posteriormente serão transcritos nesta dissertação, e observar a tendência de escolhas de determinados temas na tentativa de verificar se esses contos podem ou não ser atribuídos a Machado de Assis.

Há, portanto, como demonstrou o índice há pouco apresentado, dois contos assinados por um misterioso F. em 1863 no *Jornal das Famílias*: “Lucia” e “Conto Moral”. Esses contos se encaixam em iterações de temas do autor, e por meio das leituras de tais textos podemos perceber recorrências muito próximas à escrita machadiana. “Conto Moral” se parece com “Um apólogo”, publicado em 1885 no jornal *Gazeta de Notícias*, e incluído mais tarde na coletânea *Várias histórias* (1896). A narrativa “Lúcia”, por sua vez, nos desperta a lembrança de uma série de outros textos — de características românticas — publicados em período posterior a 1864, e que se assemelham ao final trágico e triste da protagonista, o que traz à tona a delicada ironia do autor em seu começo de carreira. Nele, um homem queria se casar com Lucia; no entanto, a moça se adoenta e falece ao saber que não poderia se casar com seu amado. O rapaz, ao saber da morte de Lucia, virou “Capitalista, engordou, casou e tem filhos, e agora vai às partidas no club” (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p. 198)<sup>7</sup>. O trágico dentro dos romances é tema bastante revisitado por Machado em alguns contos desse período, como é possível notar em “Cinco mulheres”, publicado em 1865 no *Jornal das Famílias*.

O trabalho empreendido por pesquisadores como Magalhães Júnior, Jaison Luis Crestani e outros, que se arriscaram nesse desafiador processo de análise dos contos do *Jornal das Famílias* e da escrita machadiana, merece e necessita de outras pesquisas. Contos como os citados poderiam ser definidos e influenciados pela época, pelo formato e tema do *Jornal das Famílias*. Trata-se, aqui, de textos moralizantes e dedicados a agradar às famílias burguesas oitocentistas. Não é por acaso que o nome da revista se chamava *Jornal das Famílias*. Esse material, contudo, ainda poderia entrar para a lista de atribuições que estariam próximas a uma fronteira entre o que poderia ser de Machado de Assis ou não, incluindo as atribuições de Magalhães Júnior — as quais carecem de mais investigações e comprovações. Para obter dados e algumas confirmações que contribuam para essas hipóteses, teríamos que, ao menos, avaliar alguns temas mais recorrentes nos escritos do Bruxo; temas que foram compondo, aos poucos, um estilo próprio após o período de 1863 e que poderiam indicar a construção de uma jovem escrita machadiana, foco central desta pesquisa.

Destaco, agora, Jean-Michel Massa, que expressa com bastante precisão o que é necessário fazer para que este estudo alcance seus objetivos:

A verdade tem como preço a minuciosa análise dos duzentos contos publicados nessa revista, não apenas nos anos de 1864-1869, mas extensiva ainda até 1878. Sem um estudo prévio dos temas, do estilo dos tiques, do tom, numa palavra – da maneira dos diversos colaboradores, não será possível separar o joio do trigo: trabalho ingrato,

---

<sup>7</sup> Esse conto será comentado no segundo capítulo desta dissertação.

porque em relação ao bom grão não haverá muita abundância, como constatamos ao ler um bom número de contos aparecidos entre 1864 e 1869. (MASSA, 2009, p. 476)

Será necessário e prudente que o estudo acompanhe os critérios mencionados por Massa. Então, para separar o joio do trigo, é imprescindível a construção de uma análise do estilo que Machado mais utilizou no *Jornal das Famílias*, seus tiques e seus temas recorrentes. Eis o nosso ponto de partida para começar a desembolar esse emaranhado de publicações que podem ser ou não de Machado de Assis. No processo de investigação, é crucial dar os créditos necessários àqueles que possuem o devido direito sobre eles, como é o caso do pouco conhecido escritor e colaborador do *Jornal das Famílias*, Augusto Emilio Zaluar, e tantos outros que permaneceram esquecidos por muito tempo.

Os textos “Conto Moral” e “Lucia”, de 1863, publicados por F., serão transcritos e analisados no capítulo 4. Pretendemos partir dos critérios mencionados acima, observando as escolhas de determinados temas e estilo de escrita presentes nos contos, comparando com alguns escritos machadianos dos anos posteriores. Nossa tentativa é expor novas perspectivas ao analisar o conteúdo desses textos, com a intenção de penetrar o mundo “quase inexplorado” de 1863 no *Jornal das Famílias*; bem como analisar e investigar a linguagem, o estilo e a recorrência de temas que possam nos permitir pensar e sugerir que F. poderia ser Machado de Assis. Todavia, para entender boa parte do que foi relatado até aqui, precisaremos, primeiro, tratar da fundação da revista, seus colaboradores e, principalmente, redescobrir quem era o Machado de Assis de apenas 24 anos, começando sua carreira de jornalista e escritor.

## 2. MACHADO DE ASSIS E O JORNAL DAS FAMÍLIAS EM 1863

### 2.1 O perfil de um periódico: sua história, seus leitores

Durante o século XIX as famílias burguesas oitocentistas do Rio de Janeiro tiveram acesso a revistas periódicas e jornais. Nessas publicações, vimos surgir vários escritores em ascensão, sendo um desses o jovem Machado de Assis. Houve também um crescimento na quantidade de tais veículos de comunicação — principalmente as revistas — de teor literário. Essas publicações traziam artigos de política, crítica literária, novelas, moda, receitas, anúncios de produtos e vendas. Havia, naturalmente, um público-alvo que as revistas pretendiam alcançar. A definição do que era uma revista ou jornal à época pressupõe, de certo modo, a existência de certas seções e artigos. A pesquisadora Ana Luiza Martins, em seu livro *Revistas em Revista* (2008), define o termo “revista” da seguinte forma:

O dicionário *Le Robert* informa que, derivada da palavra inglesa *review*, data de 1705 o primeiro uso do termo revista, hoje mais divulgado no sentido de publicação, definindo-o como “publicação periódica” mais ou menos especializada, geralmente mensal, que contém ensaios, contos, artigos científicos etc. (MARTINS, 2008, p. 45)

A definição supracitada se encaixa corretamente com as seções do periódico *Jornal das Famílias*, e também com alguns outros desse mesmo período, como *A Estação*, que surge em 1879. A respeito dos objetivos da revista, o pesquisador Crestani esclarece que

para se conhecer a fundo os objetivos da folha jornalística, nada melhor do que se analisar os seus editoriais de apresentação e as cartas da redação dirigidas aos assinantes. Nesses editoriais, constitui procedimento habitual um projetar-se promissivo para os atos futuros de escrita, a partir do qual podemos apreender e discutir a imagem que a imprensa procura dar de si mesma e do seu público-alvo. (CRESTANI, 2009, p. 60)

De fato, no *Jornal das Famílias* aparece em 1863 a “carta-programa” destinada “Aos nossos leitores”, que procura enfatizar exatamente a função de cada seção e seus textos em geral. Nota-se:

Mais do que nunca dobraremos os nossos zelos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importarem ao país, à economia doméstica, à instrução moral e recreativa, à higiene numa palavra, ao recreio e utilidade das famílias. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p. 2-3)

A partir de 1855, periódicos como *A Marmota Fluminense*, *Correio Mercantil*, *O espelho*, *Diário do Rio de Janeiro* e tantos outros começam a conceder espaço para que alguns escritores em início de carreira publiquem seus escritos, ou até mesmo trabalhem na divulgação

de suas produções. Escritores como Machado de Assis, José de Alencar e Augusto Emilio Zaluar publicaram alguns de seus melhores textos em folhetins.

José de Alencar publicou, no dia 01 de janeiro de 1857, o capítulo inicial de *O Guarani* no *Diário do Rio de Janeiro*. Machado de Assis inicia sua jornada nos periódicos e publica sua primeira poesia, “Ela”, em 1855, e o seu primeiro conto, “Três tesouros perdidos”, em 1858, em *A Marmota Fluminense*, periódico que era comandado pelo jornalista, escritor, poeta e dramaturgo Francisco de Paula Brito. Esse espaço de publicação torna-se disputado, como enfatiza Ana Luiza Martins: “no início do século XIX, jornais e revistas tornam-se espaços disputados, inclusive para divulgação da literatura romântica, reunindo nomes consagrados da época” (MARTINS, 2001, p. 39).

Logo, esses periódicos tornavam-se bem procurados, e seus espaços passaram a ser essenciais e prestigiados para a publicação de literatura romântica, evidenciando o trabalho de muitos autores e inaugurando o conceito dos “romances de folhetim” na sociedade oitocentista carioca. A pesquisadora Lúcia Granja, em artigo “No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim”, destaca as origens do gênero: “Ao longo do século XIX brasileiro, o romance-folhetim, principalmente traduzido das páginas dos jornais ou dos volumes franceses, esteve presente no rodapé dos periódicos brasileiros de forma significativa” (GRANJA, 2011, p. 147).

A professora e crítica literária Marlyse Meyer, em seu livro *Folhetim, uma história* (1996), foi uma das precursoras na pesquisa sobre a influência do folhetim na vida dos leitores e escritores brasileiros. A respeito dessa influência, Granja afirma:

Marlyse Meyer foi sem dúvida a pioneira nos estudos da “acomodação” do romance-folhetim francês no Brasil e de sua relação com o desenvolvimento de uma ficção “brasileira” nos jornais. No entanto, ainda é possível estudar a transferência do folhetim de variedades da França ao Brasil, pensando nas particularidades desses processos, produzidas certamente a partir de trocas culturais. (GRANJA, 2011, p. 148)

O conceito de acomodação se vincula ao de “transferência cultural”, a qual o Brasil passava nessa época com a influência direta na forma de publicação de jornais e revistas periódicas em formato similar aos que circulavam na França no século XIX. Não somente o *Jornal das Famílias*, mas outros periódicos dessa época tiveram influência direta dos folhetins franceses. Sobre isso, Ana Luiza Martins destaca que

ao longo do século XIX, a revista tornou-se moda e sobretudo, ditou moda. Sem dúvida essa tendência tinha uma explicação, referendada na Europa pela conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas, aumento da população leitora e alto custo do livro; favoreceu-a definitivamente, o mérito de condensar, numa só publicação, uma gama diferenciada de informações sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos. Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-

se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. (MARTINS, 2001, p. 40)

A cultura europeia ligada ao consumo de folhetins crescia no Brasil e, como destaca acima a pesquisadora, o público leitor que assinava essas revistas também se modificava em concomitância ao surgimento de opções que atraíssem mais pessoas, sobretudo as mulheres, as donas de casa e a família como um todo. Logo, esses periódicos tinham que servir ao propósito de entretenimento dos leitores ou leitoras, que não necessariamente precisavam ser eruditos para prestigiarem o conteúdo da revista:

De fato, a nova publicação estava destinada a agradar ao público feminino, que tinha mais tempo de ler e que fora um pouco repellido pelo caráter intelectual da Revista Popular. Inspirava-se bastante nas revistas francesas da época, que desfrutavam então de um grande sucesso. Garnier renunciou às suas ambições educativas por razões comerciais, ou pelo menos cedeu um pouco às necessidades do comércio, pois o *Jornal das Famílias* não deixava de ter algumas preocupações pedagógicas. (MAURO, 1991, p. 224)

Como Frédéric Mauro afirma, essas publicações tinham muita inspiração na imprensa periódica europeia, sendo totalmente voltadas ao público consumidor feminino. Durante a leitura da tese da pesquisadora Fernanda Cunha (2020), *Moralidade e bons costumes nos contos de Machado de Assis (Jornal das Famílias, 1864-1878) e de Marmontel (Mercure de France, 1761-1765)*, foi possível entender melhor algumas das influências que podem ter levado Garnier a iniciar a mudança de público-alvo do jornal na migração de *Revista Popular* ao *Jornal das famílias*:

O desenvolvimento do jornal na França foi estimulado pelo poder real, originando três tipos de periódicos políticos: a Gazeta, a revista acadêmica e o jornal literário. Vamos nos ater ao estudo do jornal literário, ao qual *Mercure de France* pertence, mas, antes, é preciso ressaltar que este termo não aparece no século XVIII, mas por ser um periódico dedicado aos textos, à atualidade de novas obras e à crítica, passa a ter esta denominação na época moderna. Além de sua vocação crítica, o “jornal literário” se caracteriza também por produzir divertimento, o que leva os redatores a dedicarem uma parte privilegiada para seus leitores, chegando a atingir um público muito amplo. O periódico era produzido para um leitor alfabetizado, mas não forçosamente erudito e especialista, por isso, os assuntos eram acessíveis a todos, amadores e curiosos. (CUNHA, 2020, p. 33)

A partir da reflexão de Fernanda Cunha, entendemos que Garnier, com toda a bagagem que trouxera da França, possivelmente pensava que a nova publicação da Casa Garnier necessitava de algo mais focado em entretenimento ameno, de acesso simples ao público geral, destacando também o modelo do “jornal literário”, que continha seções dedicadas aos textos de autores conhecidos pelo consumidor, o qual procurava uma leitura rápida e de fácil entendimento. O jornal *Mercure de France*, por exemplo, foi uma forte influência no quesito



moralidade e bons costumes, pois destacaram-se — durante toda a existência dessa revista — as publicações de literatura moralizante.

Ainda sobre o foco e público-alvo, cada um desses periódicos contava com propósitos diferentes, sendo eles também direcionados a gêneros variados. Uns eram mais voltados ao público feminino, outros ao masculino, e outros periódicos para ambos. Eles variavam conforme os diversos assuntos de interesse. Temos como referência o primeiro periódico com o qual Machado de Assis colaborou, *A Marmota Fluminense*, compreendido como um jornal de modas e variedades; já *O Espelho*, era uma revista semanal de literatura, modas e arte, enquanto o *Diário do Rio de Janeiro* era folha política, literária e comercial; e *O futuro* foi uma revista literária quinzenal, como afirma Galante de Souza (1955, p. 206-214).

Dessa forma, assim como as publicações acima citadas, o *Jornal das famílias* seguiu fórmula similar ao definir um público-alvo e trazer informações relevantes em suas publicações, que deveriam cativar os principais consumidores da revista (as mulheres), e ter qualidade de impressão. Além disso, a revista contava com uma lista de colaboradores importantes ou pelo menos com alguns autores que já circulavam por outros periódicos e tinham nome no mercado das publicações de folhetim.

Com a proposta de substituir a *Revista Popular*, o *Jornal das Famílias* tinha todos esses objetivos traçados. Baptiste Louis Garnier, o fundador e chefe da editora Garnier no Brasil, com sua fama já consolidada nas letras do Rio de Janeiro, lança em 1859 a *Revista Popular*, que não demorou a encerrar seus trabalhos, logo em 1862. Garnier percebeu que o empreendimento desse periódico já não agradava completamente a todos os públicos. De acordo com Jaison Crestani, “a *Revista Popular* era um jornal quinzenal ilustrado e impresso no Brasil. Como o próprio nome indica, o objetivo principal era a instrução do povo” (CRESTANI, 2009, p. 57). Diferentemente do *Jornal das Famílias*, que era impresso na França e com objetivos diferentes, seu antecessor não fez tanto sucesso, como afirma Frédéric Mauro, em sua obra *O Brasil no Tempo de Dom Pedro II (1831-1889)*:

*O Jornal das Famílias* é descendente direto da *Revista Popular*; o simples fato de ser publicado pela Garnier já lhe conferia título de nobreza. A *Revista Popular* era um jornal ilustrado, dedicado às letras, às ciências e às artes. Saía duas vezes por mês, e era impressa no Brasil. (MAURO, 1991, p. 223)

Apesar de ter o selo da casa Garnier, a *Revista Popular* não conseguiu se manter em alta no mercado oitocentista como o *Jornal das Famílias*. As duas revistas são da mesma editora, inspiradas em periódicos franceses, porém, em conteúdo e público-alvo, as brasileiras eram

completamente diferentes. Sobre a substituição da *Revista popular* pelo *Jornal das Famílias*, Mauro destaca:

Talvez devido ao seu caráter um pouco austero, demasiado erudito, demasiado intelectual, a *Revista Popular* não fez muito sucesso. Ao cabo de quatro anos ela deixou de ser publicada, e, seis meses depois do seu desaparecimento, foi substituída pelo *Jornal das Famílias*. (MAURO, 1991, p. 223-224)

Mesmo tendo no nome a palavra “popular”, o periódico fracassou com o público leitor oitocentista que consumia esse tipo de leitura. Assim, o *Jornal das Famílias* tomou o lugar da *Revista Popular*, sua antecessora, em uma nova tentativa de obter êxito como um periódico que fosse bem recebido pela sociedade oitocentista e principalmente pelo público feminino, de modo que a impressão seria feita em Paris, na tipografia dos irmãos Garnier, o que deixaria a impressão mais barata e com uma qualidade superior. Crestani afirma que, com a qualidade de impressão, aumentaria a qualidade das ilustrações e dos figurinos de moda que passariam a ter lugar de destaque; o custo menor para imprimir também alcançaria o consumidor, aumentando a acessibilidade e consequente difusão do periódico (CRESTANI, 2009, p. 58), pois as seções de receitas de beleza, dicas de moda, de casa e costura eram muito direcionadas às mulheres. Alexandra Pinheiro comenta:

O primeiro empreendimento pretende satisfazer a todos os gostos e profissões: do agricultor ao literato; o segundo restringe-se aos cuidados domésticos, com muitos artigos para “serem lidos apenas pelas mulheres”. Além do mais, a própria mudança do nome, levando, consequentemente, à mudança de caracterização, já que um é jornal e o outro revista, e a tendência adotada por eles, o primeiro foi mais informativo, político e literário e o outro, mais voltado aos interesses domésticos e femininos: moda e ficção, também podem confirmar que a B. L. Garnier publica dois periódicos no século XIX. (PINHEIRO, 2007, p. 53-54)

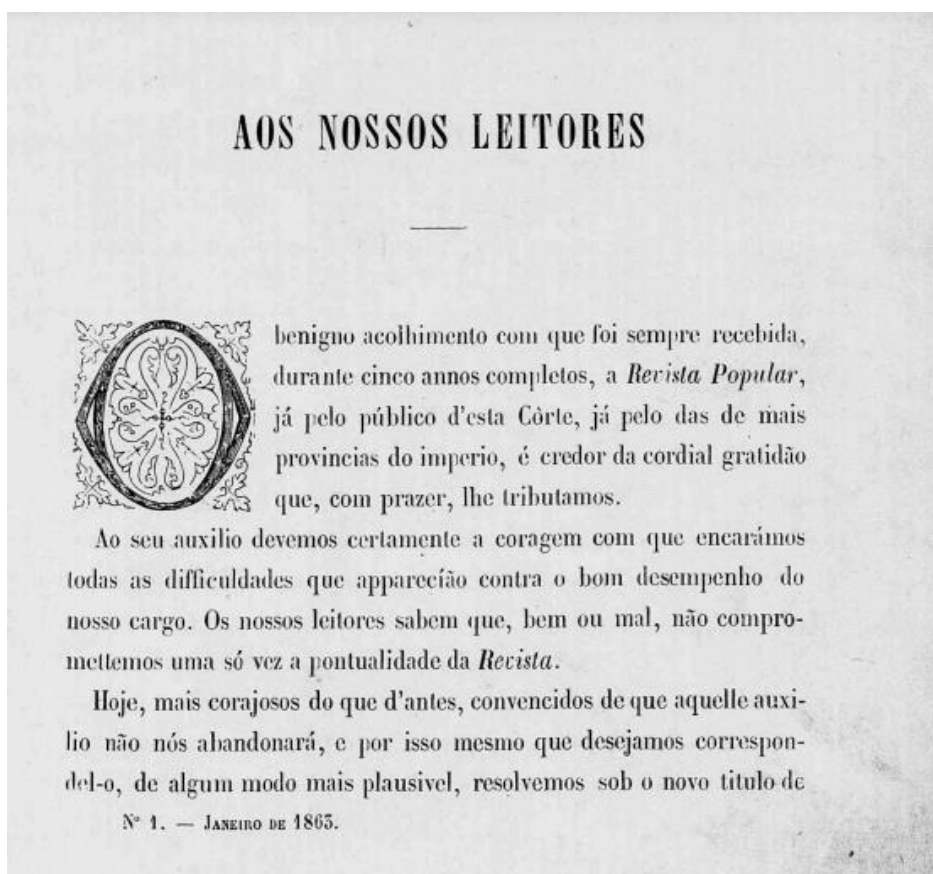
Vê-se, portanto, que são perfis diferentes em cada empreendimento Garnier. O *Jornal das Famílias* se dedica a conquistar um público leitor especificamente feminino. As seções dedicadas às mulheres ganham destaque, a qualidade de impressão francesa torna realidade essa missão de atrair as moças e senhoras para as seções diferenciadas da revista.

O mais extraordinário é que esse jornal era impresso na França, em Paris, o que aliás elevava muito a qualidade da sua impressão, em uma época em que o Brasil se caracterizava pela indigência das suas artes gráficas. Mas qual era o valor do seu conteúdo? Fornecido muitas vezes por escritores famosos, ele era de uma qualidade literária bastante alta. (MAURO, 1991, p. 226)

O conteúdo também era destacado como algo de alta qualidade e certamente a qualidade de impressão francesa foi um ponto alto na história de sucesso na migração de formato e conteúdo da *Revista Popular* para *Jornal das Famílias* em 1863. Veremos abaixo a primeira página da revista que vem anunciando essa transformação na história do periódico Garnier.

Destaca-se a importância que a antecessora teve durante seus cinco anos de circulação. Apesar de não ter feito tanto sucesso com o público em geral, a revista tinha seu lugar de destaque no meio literário; ademais, enfatiza como deverá ser a “sucessora” naquele momento. Note:

Figura 4: Jornal das Famílias: primeira página inaugurando o primeiro ano de publicação, 1863

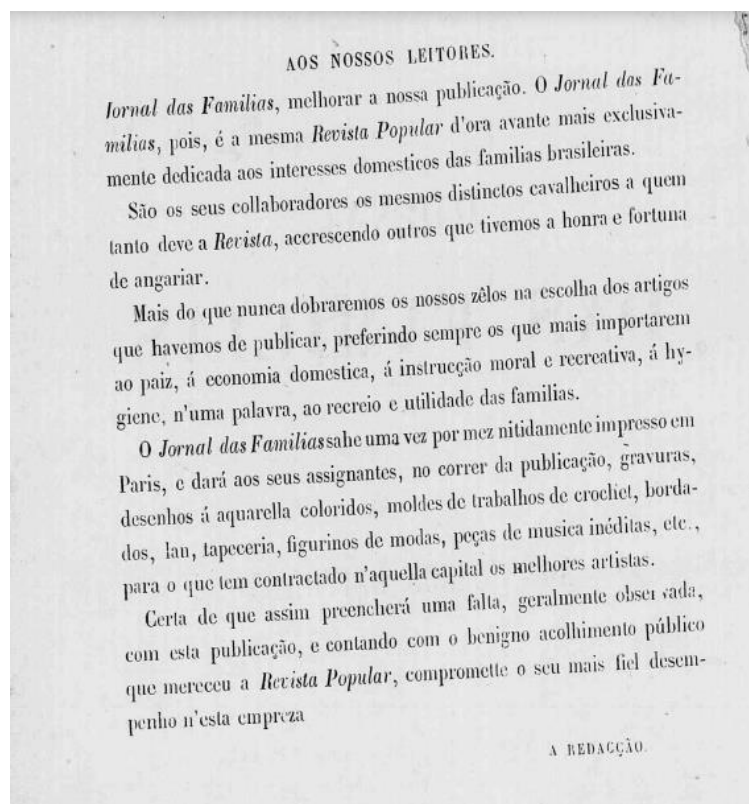


Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional

Em destaque vemos que a redação se compromete em manter a pontualidade da revista e agradece aos seus leitores que acompanhavam anteriormente a *Revista Popular*. De forma cordial, também assume que tiveram dificuldades — em possível referência à falta de sucesso do periódico —, mas que mantiveram a pontualidade da revista.

Indiscutivelmente, o público-alvo e o objetivo desse periódico estavam traçados desde seu primeiro momento: alcançar as famílias burguesas do século XIX e agradar as moças com o que havia de melhor no mundo da moda parisiense. Sobre esse aspecto do *Jornal das Famílias*, Frédéric Mauro afirma: “nele, a influência francesa dominava, pois se inspirava não só nas ideias importadas da França, mas também nas revistas femininas desse país” (MAURO, 1991, p. 226). Logo abaixo, a figura continua o texto de inauguração:

Figura 5: Continuação da página de abertura do *Jornal das Famílias* em 1863



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

A imagem confirma a impressão francesa, informa os interesses da revista e destaca as gravuras e os conteúdos das seções: “certa de que assim preencherá uma falta, geralmente observada [...]”. Esse trecho destaca a necessidade que se deu em virtude da mudança de público-alvo, ficando a revista dedicada a conquistar as queridas leitoras cariocas e investir no que havia de melhor para elas. Outros periódicos franceses também já tentavam atrair o promissor público feminino, como os periódicos *Conseiller des Dames*, de 1844 a 1892, e *Magasin des Demoiselles*, de 1845 a 1896, com similaridade nas publicações, seções e números de páginas. Acerca do perfil dos periódicos franceses, Frédéric Mauro afirma:

[...] Além de ter o mesmo formato e o mesmo número de páginas (*in-quarto*, trinta e duas páginas), tinha também as mesmas seções: romances, mexericos, meditações, conselhos domésticos, gravuras de moda, obras de senhoras etc. Todas essas publicações, muito respeitosas, editavam folhetins. (MAURO, 1991, p. 225)

Efetivamente, a fórmula que Garnier tentava implementar no Rio de Janeiro oitocentista era uma cópia do que ele já teria visto em exemplares franceses. Sobre a influência de periódicos estrangeiros, um dos mais próximos de fato seria o *Mercure de France*, idealizado por Armand Jean du Plessis, Cardeal de Richelieu, que foi o primeiro-ministro de Luís XIII de 1628 a 1642,

e obteve grande influência e sucesso na França desde o século XVII até o século XIX, ou seja, com consistente longevidade e fama. O *Mercure*, abordando assuntos diversos, tinha um diferencial que o distinguia dos outros jornais:

O periódico se destaca por sua perspectiva crítica, seja ela moral ou literária. É aclamado pelos leitores, tendo um público heterogêneo. Ele opõe-se à ideia de uma cultura reservada a uma determinada elite, tendo um espaço privilegiado para seu leitor que pode interagir com os redatores, constituindo, deste modo, um grupo de colaboradores que discorrem sobre o costume da sociedade de sua época. Nele as mulheres não são deixadas de lado, todos têm a possibilidade de realizar a leitura do jornal durante as refeições, abrangendo, desta forma, toda a família à mesa e os leitores que buscam se instruir sem serem especializados nos assuntos, portanto o tom adotado é ameno. O jornal literário do século XVIII aparece como um ateliê literário, um lugar de experimentação da literatura, sendo de fato um fenômeno característico dos Iluministas. (CUNHA, 2020, p. 34)

Apesar de o *Mercure de France* não ser totalmente voltado ao público feminino, e sim para família em geral, esse formato abrangente, que atende desde a mulher até todo o núcleo familiar, era também uma necessidade inicial que Garnier importou para a revista. Com o passar dos anos, a revista muda o foco, possivelmente por entender que as moças compunham um público mais interessante de se cativar. O *Jornal das famílias*, assim, buscou alcançar o padrão da mulher do século XIX, que se interessaria por amenidades:

Imaginemos, portanto, a moça, a jovem casada ou a mãe de muitos filhos, abrindo uma vez por mês o *Jornal das Famílias* que acabou de receber. Na capa há uma magnífica gravura de moda francesa, em cores. Do exemplar se destacava, ao ser aberto, um “suplemento prático”, com modelos, de sonhos de bordados, pontos de crochê e de renda. Esse suplemento era muito importante para a venda da revista, pois atraía um numeroso público feminino ávido por conhecer as últimas novidades da moda francesa. (MAURO, 1991, p. 227)

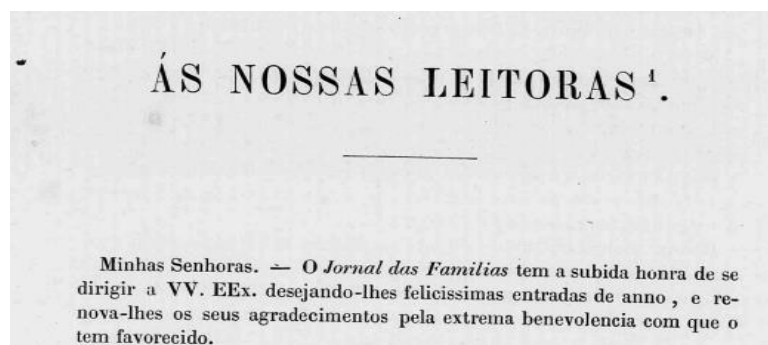
Frédéric Mauro destaca o quanto o público feminino, leitor de romances e de dicas de beleza e moda, era importante para o sucesso do *Jornal das Famílias*. Logo, os conteúdos eram moldados ao que haveria de mais respeitável, sendo repletos de temas com teor moral ao abranger os valores das famílias burguesas. Não poderiam ser textos de teor pesado. A leitura deveria ser leve e demonstrar a vida da mulher recatada da família, como se constata:

Graciosos romances têm sido publicados em nossas colunas nos seis anos de existência que já contamos, e parece-nos que nem uma só vez a delicada susceptibilidade de VV. EE.x tem sido ofendida.

Anedotas espirituosas e morais têm por certo causado a VV. EEx. o prazer que as pessoas de finíssima educação experimentam nesse gênero de amena literatura, e mais de uma vez conseguiram dissipar as névoas da melancolia que se haviam acumulado nas belas frentes das nossas leitoras. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, n. 1, fevereiro, 1869, p. 02).

A publicação de fevereiro de 1869 demonstra que a revista se tornou o que pretendia, visto que iniciava com o título “Às nossas leitoras”, como se observa na figura 6:

Figura 6: Título da página de abertura da edição de janeiro de 1869



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional

Os textos cheios de conteúdos moralizantes eram um ponto central do periódico, e muitos deles não tinham a autoria revelada. Esse conteúdo moralizante pode ser um dos primeiros motivos que levou vários escritores a adotar pseudônimos, considerando a quantidade de nomes abreviados, textos anônimos e criptônimos na revista. Os escritores da época teriam óbvios motivos em certas circunstâncias para se esconderem atrás de um nome falso ou simplesmente não assinarem um texto de sua autoria. Um dos motivos é o fato de que alguns desses autores, os já reconhecidos, não queriam estar ligados a gêneros considerados “menores”, por isso preferiam sublimar a própria identidade com o uso de pseudônimos:

Fornecido muitas vezes por escritores famosos, ele era de uma qualidade literária bastante alta. Fica difícil, às vezes, identificar esses escritores, pois frequentemente eles assinavam um pseudônimo. Os poetas por exemplo não queriam comprometer o nome com os gêneros menores – contos, novelas, mexericos – a que o jornal os levava a dedicar-se. (MAURO, 1991, p. 226)

O que Frédéric Mauro aponta pode ter acontecido com os escritos do início da carreira contista de Machado de Assis, que utilizou pseudônimos e também “moldou” alguns textos de acordo com o formato temático da revista. Outros colaboradores em início de carreira, além de Machado, estariam por trás de alguns pseudônimos e textos anônimos. Falaremos sobre isso na seção seguinte.

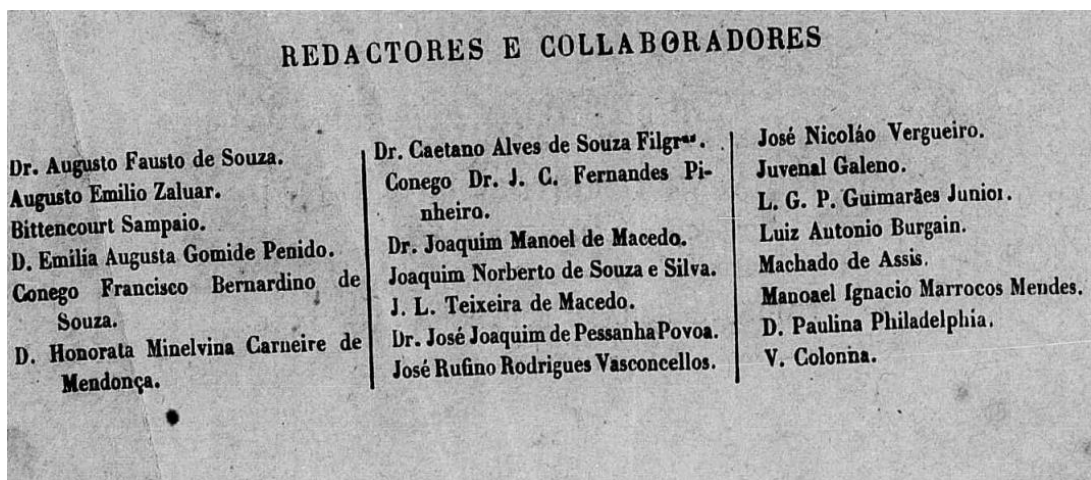
## 2.2 O Jornal das Famílias e sua rede de colaboradores: pseudônimos e abreviações

Durante o primeiro ano do *Jornal das Famílias*, os nomes dos colaboradores ainda eram uma incógnita para o público leitor. Nessa pesquisa, entendemos que há necessidade de esclarecimentos a respeito de determinados modos de assinatura ou abreviações dos nomes de

alguns colaboradores, sobretudo em 1863, pois nenhum nome foi mencionado no texto de abertura deste ano. As assinaturas apareciam, às vezes, no final dos textos. Não houve nenhuma apresentação citando os colaboradores antecipadamente. Só houve, como vimos, um texto sobre a transição do nome e formato do periódico anterior, a *Revista Popular*. Em seu ano de estreia, o *Jornal das Famílias* apresentou uma nota sobre a colaboração: “são os seus colaboradores os mesmos distintos cavalheiros a quem tanto deve a *Revista*, acrescentando outros que tivemos a honra e fortuna de angariar” (JORNAL DAS FAMÍLIAS, Tomo 1, janeiro de 1863, p. 2-3).

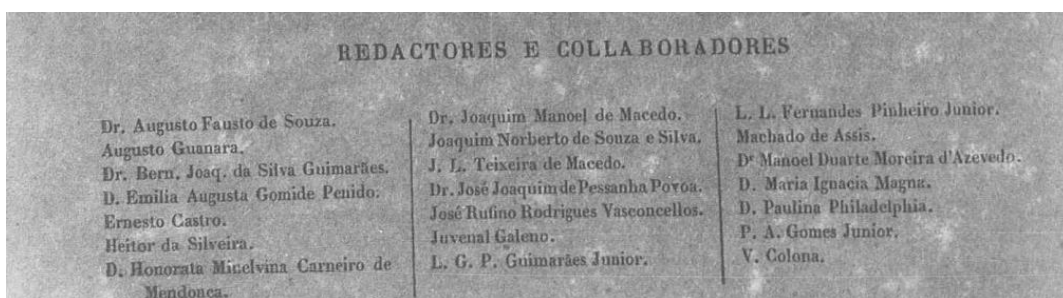
Com o passar dos anos e o reconhecimento da revista pelo público em geral, a editora passa a publicar listas com os nomes das pessoas que colaboraram no jornal. Precisamos destacar que nem mesmo uma nota explicativa ou legenda foi publicada informando o fato de que muitos desses colaboradores assinavam os textos com abreviações das iniciais de seus nomes, o que tornava impossível saber de quem era a autoria de tais escritos. Em 1870, a revista publica pela primeira vez na primeira página uma listagem de “redatores e colaboradores”, como veremos a seguir nas figuras 7 e 8:

Figura 7: Jornal das Famílias – nº 1, janeiro de 1870, p.4.



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional

Figura 8: Segunda lista de janeiro de 1877 (contracapa)



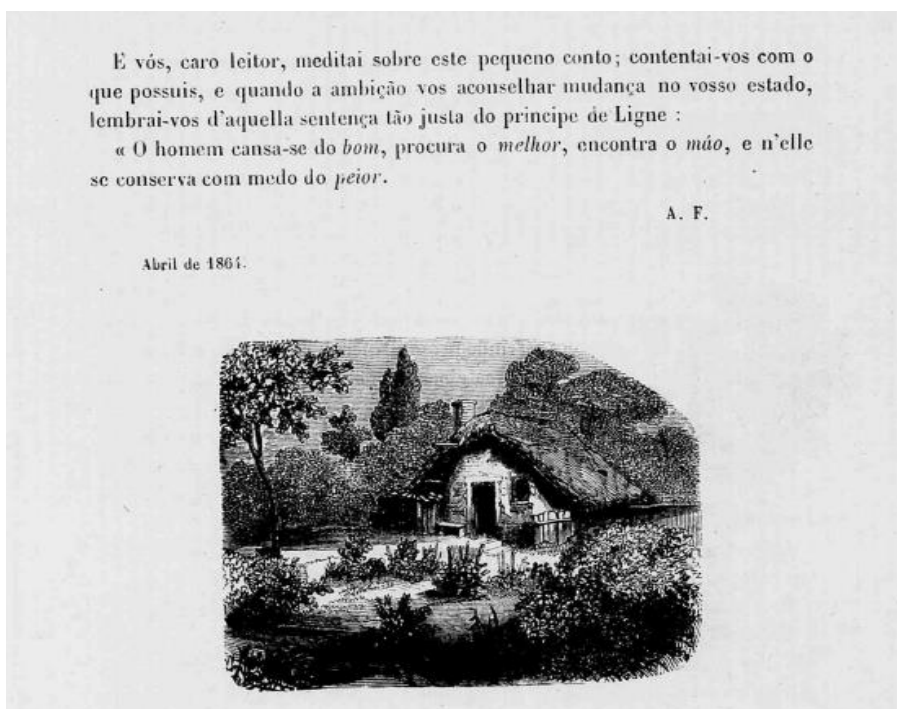
Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional

Nas duas listas acima, notamos que nomes de autores eram abreviados como: L. G. P. Guimarães Junior, V. Colonna, J. L. Teixeira de Macedo, Dr. J. C. Fernandes, e tantos outros colaboradores e redatores que assinavam seus textos com essas mesmas abreviações. Ainda não obtivemos informações que dessem conta de explicar o porquê delas — o que é mais um desafio para essa pesquisa.

Esta característica de abreviação de assinatura da autoria contribuiu para que alguns equívocos ocorressem, sobretudo quando um leitor ou um pesquisador procura saber de quem é/era a assinatura no fim do texto. Ainda hoje, quando se observam os índices do jornal à procura dos textos e autores originais, como acontece com Machado de Assis e outros escritores que têm textos importantes de sua carreira publicados nesses periódicos, pode haver alguma confusão quanto à autoria.

Um caso interessante são os textos do Dr. Augusto Fausto de Souza, que está listado junto a outros colaboradores na figura 8. O escritor assinava suas publicações com A. F., que diz respeito a uma abreviação de seus dois primeiros nomes. O conto publicado em setembro de 1865, “Onde se encontra a felicidade”, como vemos na imagem a seguir, chama atenção por dois itens interessantes:

Figura 9: Final do texto de Augusto Fausto: “Onde se encontra a felicidade” - setembro de 1865



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional



As iniciais destacadas no texto são abreviações do nome do Doutor Augusto Fausto. Um questionamento que nos vem à mente imediatamente a respeito das abreviações é: se Augusto Fausto era tratado como pseudônimo A. F., quantos pseudônimos passaram sem que seus donos fossem investigados? Haveria ainda algum pseudônimo inexplorado no *Jornal das Famílias*? No decorrer de nossa pesquisa foi possível constatar diretamente dos livros da editora Garnier propagandas dos contos do Dr. Fausto publicados no referido periódico, como veremos na figura abaixo<sup>8</sup>:

Figura 10: Propaganda dos livros da editora Garnier.

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA		
Collecção in-12 a 1\$000 o volume		
J. DE ALENCAR.	— Til . . . . .	4 v
BERN. GUIMARÃES.	— O Indio Afonso . . . . .	1 v
O. FEUILLET.	— Julia . . . . .	1 v
J. SANDEAU.	— João de Thommeray . . . . .	1 v
FAUSTO.	— Um Casamento de tirar o Chapéu . . . . .	1 v
—	— A Caça de um Baronato . . . . .	1 v
—	— Cenas da Vida Republicana . . . . .	1 v
—	— Um Provinciano ladino . . . . .	1 v
—	— Dois dias de Felicidade no Campo . . . . .	1 v

Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional

A figura acima demonstra que os textos publicados no *Jornal das Famílias* com os títulos “Um casamento de tirar o chapéu”, “A caça de um baronato”, “Cenas da vida republicana”, “Um provinciano ladino” e “Dois dias de felicidade no campo” são textos de autoria do Doutor Augusto Fausto de Souza. Tal contexto nos provoca alguns questionamentos. A respeito da primeira imagem, vimos no final da escrita a seguinte passagem que conclui o conto:

E vós, caro leitor, meditai sobre este pequeno conto; contentai-vos com o que possuis, e quando a ambição vos aconselhar mudança no vosso estado, lembrai-vos daquela sentença tão justa do príncipe de Ligne: “O homem cansa-se do bom, procura o melhor, encontra o mau, e nesse se conserva com medo do pior”. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1865)

Nessa passagem de encerramento do conto o autor faz algo muito similar a uma clássica característica do Machado maduro: a interlocução direta com o leitor, levando-o a meditar sobre o assunto em pauta. Mais tarde, em outras circunstâncias, estando mais famoso entre os escritores do Rio de Janeiro e com sua carreira consolidada, Machado aperfeiçoa esses traços

<sup>8</sup> Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7105>. Acesso em: 02 fev. 2021.

de escrita, trabalha na ironia, no humor, e traz o leitor para dentro das narrativas. Machado poderia ter adquirido e aperfeiçoado essas características com os anos de escrita em periódicos? Talvez sim, principalmente nesse ponto em que ele era obrigado a seguir os padrões da revista em questão. Quem sabe tenha tomado para si as manias estilísticas da escrita que experimentou, tendo com o tempo aperfeiçoado essas mesmas manias?

Os leitores assíduos de Machado, os quais conheciam um pouco sua trajetória e puderam acompanhar suas publicações no *Jornal das Famílias*, conseguiram perceber que, ano após ano, com o aumento no número de publicações, sua forma de escrita contista e os temas presentes em seus textos transformaram-se visivelmente:

Grande parte dos seus contos foi publicada no *Jornal das Famílias*, da qual ele talvez tenha sido o principal colaborador, pelo menos de 1864 a 1878. De um total de duzentos e vinte e seis contos e romances publicados no *Jornal das Famílias*, oitenta e dois, ou seja, trinta e sete por cento, foram escritos por Machado de Assis. (MAURO, 1991, p. 227)

É necessário reiterar que essa contribuição do Bruxo de fato foi se intensificando com o passar dos anos no *Jornal das Famílias*. Só podemos comprovar que Machado de Assis de fato publicou tanto, pois muitos pesquisadores como Magalhães Júnior e Galante de Souza dedicaram boa parte de suas vidas trabalhando em busca de decifrar os pseudônimos da carreira do escritor, já que o uso de pseudônimos foi muito recorrente em suas primeiras publicações. A mudança e o amadurecimento do escritor aconteceram com o tempo, de acordo com as condições que possivelmente Garnier e a editoria do *Jornal das Famílias* passaram a proporcionar para Machado. A respeito do amadurecimento do autor, Frédéric Mauro destaca:

A apoteose de sua colaboração foi a publicação, pela Garnier, em 1869, de *Contos Fluminenses*, coletânea de alguns dos contos publicados por Machado de Assis no *Jornal*. Tratava-se ainda, é claro, do Machado romântico, que não atingira ainda a maturidade do autor de *Dom Casmurro* e do *Memorial de Ayres*. Mas esse romantismo servia perfeitamente para as leitoras dos sobrados, cuja vida reclusa ou semireclusa tendia a fazer de cada uma delas uma Madame Bovary. Convinha também ao código moral preestabelecido que devia inspirar todos os redatores do *Jornal*. Era necessária “uma leitura tranquila, de pura fantasia, sem nenhum fundamento na realidade; histórias que acontecessem em um mundo convencional em que os despeitos amorosos eram os únicos sofrimentos, onde tudo girasse em torno de olhos bonitos, suspiros e confidências trocadas entre damas elegantes”. (MAURO, 1991, p. 227)

Assim, entendemos que as características presentes nas publicações de Machado de Assis quando este inicia sua carreira possivelmente fizeram com que ele escrevesse de forma a se encaixar no que era desejado, inclusive elegendo temáticas que talvez não apreciasse. Posteriormente, o autor faria uma seleção em sua já mencionada coletânea *Contos fluminenses*. Elementos de mudança e amadurecimento na escrita já se manifestam em 1864, o segundo ano

da revista, quando o autor começa a experimentar temas que ainda não havia abordado em outros jornais, como acontece com uma gama de contos publicados depois de 1864.

A escrita de Machado de Assis foi, provavelmente, influenciada pela necessidade de “encaixe” no formato da revista. Considerando seu teor moralizante e a necessidade de agradar ao público feminino, os textos, decerto, eram encomendados. Por isso, nas narrativas, percebemos que existem muitas informações em comum entre os textos e também entre os autores. Sendo assim, precisamos separar o “joio do trigo” e entender mais sobre quem colaborou no ano inicial da revista e se esses nomes se repetiram ao longo dos anos.

A respeito dos valores da revista, encontramos na terceira narrativa do ano de 1863, “A flor do baile”, por J. F. de Menezes, abreviação do nome de José Ferreira de Menezes, um texto que merece destaque. A introdução já vale um registro enfático: “A redação d’este jornal recomendou-me um conto simples e breve, e que pudesse entrar no vosso toucador; por essa dita muitos bem-aventurados trocariam a mansão celeste” (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p. 97-103).

Tal declaração nos faz pensar se a necessidade de uma narrativa “simples e breve” não seria decorrência de dois fatores: primeiro, a tentativa de agradar ao público feminino, pois naquela época o foco eram as leitoras, donas de casa, consumidoras de literatura amena e romântica, além daqueles que apreendiam a leitura como um mero passatempo, já que a revista era dedicada a agradar as famílias oitocentistas; segundo, o texto não poderia ser muito complexo, considerando que a *Revista Popular* já tinha cometido esse erro ao trazer escritos demasiado eruditos.

Verificamos aqui, nesta segunda passagem do conto, como Menezes se refere às “leitoras” do *Jornal*:

Leitoras, como cada um de nós não concorda do sistema de levar o herói à casa, entrar com ele, e segui-lo, e explicar-lhe as palavras, e nomear-lhe a ascendência, e descortinar-lhe a alma, findaremos aqui este primeiro capítulo, e passaremos ao segundo, cumprindo, assim, a recomendação da redação de que fizesse um “conto simples e breve”. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p. 97-103)

A citação se dirige diretamente às gentis leitoras do *Jornal das Famílias*, o que parece confirmar que as publicações de literatura romântica e amena eram direcionadas sempre ao público feminino. O primeiro ano do *Jornal das Famílias* avança em outras colaborações de temática moralizante e religiosa. O interesse em agradar a família conservadora e burguesa oitocentista e as senhoras que acompanhavam a revista já era evidente. Tal interesse se comprova com a quantidade de textos que aparecem com a assinatura do Padre Francisco Bernardino de Souza, o qual, somente em 1863 nas seções “Romances e Novelas” e “História”,

contribui com as seguintes publicações: “A filha de Jephthé”, “Os festins de Baltasar”, “A senhora do bom sucesso”, “A revolta dos anjos”, “A mãe d’água (lenda)”, “A mulher adúltera (trechos bíblicos)” e “O dedo de Deus”. O Padre esteve presente no *Jornal das Famílias* até 1867 nas seções “Romances e Novelas” e “História”. Era poeta, memorialista, ensaísta, orador, tradutor e jornalista. Também foi professor e membro do Instituto Histórico Brasileiro (COUTINHO, 2001, p. 1530).

O segundo nome de alta colaboração no periódico durante 1863 é o de um amigo próximo a Machado de Assis, Augusto Emílio Zaluar, que inclusive foi um dos primeiros a utilizar pseudônimos para assinar seus escritos no ano de estreia da revista.

Apesar de bem mais velho, Zaluar (Lisboa, Portugal, 1825) foi um dos primeiros amigos de Machado de Assis nos meios literários. Igualava seu entusiasmo pela Literatura. Tendo chegado ao Rio de Janeiro em 1849, depois de abandonar o curso médico em sua terra, logo passou a colaborar nos jornais cariocas. (MACHADO, 2021, p. 566)

Um dos primeiros pseudônimos confirmados que encontramos na página do índice de 1863 do *Jornal das Famílias* é “Hope”, utilizado por Augusto Emílio Zaluar. No referido índice há um texto sobre folclore, “O Sassy” (Saci), assinado por Hope em novembro.

Figura 11: Recorte da publicação “O Sassy” (O saci) com pseudônimo de Augusto Emílio Zaluar

O Sassy, por Hope. . . . .	555
O Sassy, por Hope (continuação). . . . .	555
Um episódio da roça, por A. E. Zaluar. . . . .	360

Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional

Na figura acima vemos que, no mesmo mês da publicação com pseudônimo, aparece uma segunda narrativa do escritor no índice: “Um episódio da roça”<sup>9</sup>. A comprovação da autoria do texto “O Saci” aparece no jornal “*Diário do Povo – Político, Literário, Noticioso e comercial*”, que está disponível para consulta na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional *on-line*. Esse jornal começou a ser distribuído em 1867.

A publicação (ver abaixo) tem a listagem dos contos que compõem o livro de Zaluar, destacando seu valor e onde encontrá-lo. Uma curiosidade importante: na imagem do *Jornal das Famílias* mostra-se o ano em que a propaganda foi postada porque os contos publicados no livro foram publicados, em grande parte, no *Jornal das Famílias*, antes de 1867, pois são de

<sup>9</sup> Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=367737&pagfis=1> Acesso em: 10 dez. 2021.

1863. Logo, podemos levantar informações que nos ajudam a entender que esses escritores iniciantes, não só Machado e Zaluar, utilizaram os periódicos não apenas como forma de divulgação, mas também como uma espécie de “treino” a partir do qual era possível analisar a recepção do público frente aos escritos em questão. A seguir, nota-se a publicação da propaganda de lançamento do livro *Contos da Roça*, de Augusto Emilio Zaluar:

Figura 12: Propaganda do livro de Augusto Emilio Zaluar no jornal Diário do povo.

**CONTOS DA ROÇA**

POR

**AUGUSTO EMILIO ZALUAR**

Referindo-se a esta publicação diz a *Gazetilha do Jornal do Commercio* de 10 do corrente :

« *Litteratura.* — Com o titulo *Contos da Roça* acaba o Sr. Augustu Emilio Zaluar de encetar uma publicação, cujo fim principal parece ser pintar em ligeiros quadros os costumes do interior do paiz, geralmente pouco conhecidos sobretudo na republica das letras. São cinco os contos que formão o primeiro livrinho já publicado, e embora destinados á *leitura fugitiva* não desdizem da conhecida e apreciada penna do autor que em prosa e verso tem já produzido muita cousa digna de lêr-se. »

O *Correio Mercantil* do dia 9 exprime-se assim:

« *Contos da Roça.* — Da penna do conhecido poeta o Sr. Emilio Zaluar é o livro que sob o titulo modesto de *Contos da Roça* acaba de sahir á luz.

« São esses contos paginas unidas de simples poesia, que se harmonisa com as scenas e as lendas que o autor descreve.

« A historia singela do *Pescador do Salto*, o brado do valle do *Parahyba*, a lenda do *Sassy*, tetrica e medonha, contada ao lado da fogueira, sob o telheiro do rancho, na linguagem rude do tropeiro, as impressões de um passeio á bella aldeia de S. Vicente, *Um leilão na roça* e o *coronel F...* taes são as historietas desse bello volume, dedicado, como declara o seu autor, a uma *leitura fugitiva.* »

Fonte: Hemeroteca Digital – fundação biblioteca nacional

É preciso destacar, ainda, uma outra publicação do pseudônimo “Hope”, a qual possivelmente pode ser atribuída a Augusto Emilio Zaluar. Trata-se de texto lançado em 1864, no segundo ano de circulação do *Jornal das famílias*. Temos duas publicações com essa assinatura peculiar, pois a palavra é de origem inglesa e sobre ela há duas curiosidades: a primeira é que em agosto de 1864 aparecem no índice de publicações da revista mais dois textos assinados, uma como “Hopes”, cujo título é “A fantasia da morte”, na seção “Romances e Novelas”:

Figura 13: Índice de romances e novelas de 1864 em destaque o texto “A fantasia da Morte”

ROMANCES E NOVELLAS	
A fantasia da morte, por Hopes.. . . .	5
Um episodio da roça, por A. E. Zaluar (fim).	10
A filha do tropeiro, por Adolpho.. . . .	29
A sereia (lenda), por F. B. de Souza.. . .	36

Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional

A narrativa trata de um casal recém-casado e apaixonado que passa por problemas no matrimônio. O problema começa quando o casal recebe em sua casa um amigo vindo de fora do Brasil. No decorrer da trama, a moça e o amigo hóspede começam a se relacionar em segredo. Quando acontece a traição, a mulher começa a se sentir atingida pelo peso do segredo que ela carrega e transforma-se em uma criatura cadavérica. A cada parágrafo o narrador a descreve quase como uma alma atormentada. Em resumo, ela aparece para o rapaz, que também é atormentado pela culpa e atira em si mesmo assim que a moça entrega uma arma para ele. A moça segue a mesma ação.

Não é possível ainda, apenas com a leitura do conto, afirmar se de fato esse texto foi ou não escrito por Zaluar. Temos duas condições que “bagunçam” os elementos de investigação dentro da pesquisa e também a mente de quem leu as narrativas publicadas até aquele momento. O conto segue uma trama um tanto quanto tenebrosa em seu final, tal como notamos em “O Sassy”, mas levantamos a seguinte hipótese: Hope também é Hopes? Na segunda narrativa do mesmo ano, no índice referido acima, temos mais um texto para ser questionado e que se tornará parte da investigação, isto é, “Um casamento na roça”:

Figura 14: Índice de 1863, seção “Viagens”, em destaque “Um casamento na roça”, por Hope

VIAGENS	
O convento da Luz em S. Paulo, por ... . . . .	64
Um casamento na roça, por Hope. . . . .	252
S. João do Rio Claro, por A. E. Zaluar. . . . .	258
Um leilão na roça, por Achard. . . . .	290
Petropolis, por Stephen. . . . .	551
O peráio, pelo padre Francisco Bernardino de Souza. . . . .	555

Fonte: Hemeroteca digital – Fundação Biblioteca Nacional

O segundo conto gira em torno de uma viagem: o narrador é convidado para um casamento no interior. Ele não menciona em que local o casamento se passa, mas faz muitas descrições de paisagens e de como ele chegou à região. O tom humorístico do narrador nos faz achar irônica e cômica a situação da moça, que se casava com um homem que era bem mais velho do que ela. Zaluar foi um dos que mais colaborou com a seção “Viagens” nesse período (1863-1864). Ele viajava para alguns locais e relatava o que via, e logo lançou um livro: *Peregrinação pela província de São Paulo*, lançado em 1863. Poderíamos até dizer que esses textos da seção “Viagens” podem ter sido alguns escritos não publicados em seu livro, mas isso seria uma hipótese. Machado de Assis comentou sobre esse livro e as viagens de Zaluar:

De temperamento arrojado, Zaluar deixou um emprego na burocracia para realizar uma longa excursão pelas províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo, durante os anos de 1860 e 1861. Dessas reportagens surgiu a *Peregrinação pela província de São Paulo*. Livro criticado por Machado no Diário do Rio de Janeiro, de 16 de novembro de 1863. (ASSIS, 2021, p. 566)

Em continuidade à saga dos pseudônimos “Hope e Hopes”, destaco mais um texto nesse meio, uma narrativa romântica, “A sombra e a luz”, de fevereiro de 1868:

Figura 15: Índice de 1868, destaque para o texto “A sombra e a luz” na seção “Romances e Novelas”

ROMANCES E NOVELLAS.	
Não é o mel para a boca do asno, por Victor de Paula.....	5
Dolores, traduzido por Paulina Philadelphia (continuação).....	25
A sombra e a luz, por Hopes.....	37

Fonte: Hemeroteca digital – Fundação Biblioteca Nacional.

A narrativa trata de um romance impossível entre dois jovens: o pai não aceita o casamento, e eles se encontram às escondidas. A moça se chama Julieta, tal qual a peça de Shakespeare. Um outro rapaz, que já tinha sido prometido à tal moça pelo pai, entra em confronto com o amado de Julieta. O final é simples e não impressiona em absolutamente nada. Esse escrito se encaixaria perfeitamente nos valores da revista: leitura leve, “amena” e romântica. O questionamento, desse modo, continua em nossas mentes: sendo “O Sassy” e “Um casamento na roça” assinados por Hope sem o “S”, podendo ser lidas como narrativas indiscutivelmente inscritas no ambiente temático que Zaluar produzia, é possível afirmar que ambos eram textos do autor? Além disso, “A fantasia da morte” e “A sombra e a luz”, tão distintos no tema e na forma, também seriam de sua autoria?

A trama se complica um pouco mais com a seguinte questão: Machado de Assis tem um conto atribuído a si, chamado “Uma águia sem asas” de 1872, publicado no *Jornal das Famílias* sob o pseudônimo J. J. O autor publicou outros contos com o mesmo pseudônimo, contos que mais tarde entraram em seus livros, como: “A mulher de preto” e “Luís Soares”, (re)publicados em *Contos fluminenses* de 1870. Mas a que trama servem essas informações? Pois bem: o conto “Uma águia sem asas” fala de uma família estrangeira, cujo sobrenome é Hope, como é possível constatar na figura 16:

Figura 16: Trecho do conto “Uma águia sem asas”, destaque para a apresentação da família Hope

James Hope viera para o Brazil em 1830, com pouco mais de 20 anos, e começou imediatamente uma brilhante carreira commercial. Casou pouco depois com a filha de um compatriota, já nascida aqui, e mais tarde fez-se cidadão brasileiro, não só no papel, como no coração. Do seu matrimonio teve um filho e uma filha; o primeiro, chamado Carlos Hope, seguia a carreira do pae, e contava 26 annos no tempo em que começa este romance: a filha recebeu o nome de Sará e tinha 22 annos.

Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

Eis que novos questionamentos surgem: se “Hope” é Augusto Emilio Zaluar, e considerando que Hopes também seja, isso seria apenas uma coincidência, ou Machado — talvez por ser muito amigo e próximo de Zaluar — teria feito essa narrativa com esse (sobre)nome de propósito? Além disso: por que as duas narrativas de “Hopes” com “S” teriam uma temática tão diferente uma da outra, assim como das narrativas anteriores? São questões que precisam de muita investigação e paciente trabalho. Considerando tais informações, temos duas hipóteses.



Como já mencionamos, em primeiro lugar, a necessidade que os escritores tiveram de se encaixar em moldes impostos pela temática moralizante e romântica da revista *Jornal das Famílias* poderia ter levado alguns escritores a escrever de forma semelhante, o que incluía Machado de Assis. A segunda hipótese, mais audaciosa, é a de que esses escritores poderiam compartilhar os pseudônimos no *Jornal das Famílias*, pois vez ou outra um repetiria a assinatura do outro.

Essas possibilidades levantadas até aqui só demonstram o quanto as atribuições realizadas por Magalhães Júnior e outros pesquisadores machadianos ainda precisam de muita atenção para serem consideradas legítimas. O *Jornal das Famílias* tem ainda um terreno de longas áreas inexploradas, textos que pouco foram analisados, índices que guardam segredos, que desafiam a todos os interessados na estrutura estilística e temática usada por esses autores — em nosso caso, Machado de Assis.

A necessidade, praticamente uma obrigação, de conteúdo específico que a revista impunha aos escritores, fez com que muitos escrevessem de forma similar. Tudo isso torna essa pesquisa um verdadeiro desafio. É um terreno complexo, movediço, sedutor. Os textos se assemelham, as dúvidas se multiplicam. Por isso, e por dever de ofício, o crítico deve desconfiar das certezas. Assim, mais especificamente, vamos colocar em xeque algumas atribuições feitas por Magalhães Júnior, em outro capítulo.

### **2.3 A prosa machadiana em despertar: contos e influências nos primeiros anos**

Antes de tratar dos pseudônimos machadianos no *Jornal das Famílias*, precisamos abrir um parêntese nessa breve descrição do início da carreira do Bruxo. Trazemos, nesse sentido, uma perspectiva acerca dos dois primeiros contos publicados por Machado “Três tesouros perdidos” (1858) e “O país das quimeras” (1862). A necessidade de evidenciarmos esses dois contos tem ligação direta com o objetivo desta pesquisa, fazendo-se necessária uma avaliação voltada à crítica desses textos — e mesmo do próprio escritor nesse período —, tendo em vista sobretudo como foi a transformação de Machado na prosa no início de sua carreira. Trata-se aqui, portanto, de um levantamento de hipóteses que possam contribuir com a investigação dos contos publicados sob pseudônimos no início de sua carreira no *Jornal das Famílias*.

O que teria levado o Bruxo a utilizar vários pseudônimos em diversas publicações no início de sua carreira ainda é um mistério, mas é possível crer que muitas de suas publicações iniciais talvez tenham sido sublimadas por pseudônimos, por razão de vaidade do escritor em relação aos seus textos iniciais — seja por considerá-los de menor valor literário, ou por estar

em um momento de aperfeiçoamento na arte do conto. Essas entre outras hipóteses serão apontadas neste capítulo, assim como a possibilidade de os contos aqui analisados (“Lúcia” e “Conto Moral”) terem feito parte das obras que os estudiosos machadianos ainda não tiveram interesse em examinar dentro do conjunto de textos do *Jornal das Famílias* — como já ocorreu com alguns dos contos analisados pelo escritor Raimundo Magalhães Júnior.

Sobre a obra contista machadiana, ainda existem outros fatos importantes que merecem questionamento. Um deles diz respeito à distância entre as publicações de contos no período em que Machado começou a trabalhar com a prosa. Desse modo, o conto “Três tesouros perdidos” assinado com “Machado d’Assis”, foi publicado em 1858; no ano seguinte, publicouse “A bagatela” em 1859, com a assinatura M. A.; por fim, somente em 1862 surge um novo conto, “O país das quimeras”, assinado como Machado de Assis e publicado em *O futuro* — este último, aliás, é considerado um conto fantástico devido a seu teor, conteúdo e estilo. Contudo, em primeiro momento surge uma indagação em nossa mente, isto é, o porquê dessa distância de quatro anos entre as duas publicações e o motivo pelo qual Machado demorou tanto tempo para publicar novamente.

As respostas para estas questões envolvem muitas informações, sendo uma delas, quem sabe, a inexperiência da juventude de nosso escritor. Afinal, ele ainda não havia se arriscado no campo da escrita contista, mas se arriscava em prosa. Ou seja, um escritor que passou quase todo início de sua carreira investindo na poesia, apostou em um novo gênero, publicando em 10 de junho de 1856 em *A Marmota* um texto interessante a respeito da poesia. Este seria o seu primeiro texto que fugia do campo do conto e da poética.

O jornal comandado pelo jornalista, escritor e editor Francisco de Paula Brito, na seção “Ideias Vagas”, recebera pela primeira vez um texto sobre poesia escrito por Machado de Assis — que, na ocasião, ainda não completara dezessete anos de idade. Tal escrito pode ser encontrado no livro *Dispersos de Machado de Assis* (1965) de Jean-Michel Massa. Intitulado de “A poesia”, apresenta em sua introdução o questionamento: “Sabeis o que é a poesia?”. Diante dessa interrogação, o autor inicia uma série de apontamentos a respeito do que seria o gênero textual poético, e como ele seria explicado em diversos pensamentos carregados por um tom lírico e cheios de referência. Assim, o autor cita a *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, tentando até mesmo definir o trabalho de um poeta de forma bastante delicada. A conclusão do texto, que parece bem peculiar e conveniente, merece um espaço em nosso estudo: “Aqui terminam as minhas ideias sobre a poesia, e sobre os poetas. – Perdoai, leitores, a minha fraca linguagem; é de um jovem que estreia nas letras e que pede proteção e benevolência. Ainda existem alguns mecenas piedosos: animai o escritor” (ASSIS *apud* MASSA, 1965, p. 30).

Esta passagem alude exatamente a uma das sugestões propostas por nós neste estudo: a de que o jovem Machado de Assis ainda carecia de aperfeiçoamento com as palavras. O tal mecenas a quem refere-se devia ser Paula Brito, seu editor, pessoa que lhe ofereceu apoio no começo de sua carreira abrindo espaço para publicação no periódico, e o aceitou como editor. Brito é uma figura que carrega grande importância na trajetória inicial de Machado de Assis e de alguns jovens escritores que se arriscavam no mundo das publicações em periódicos. Na seguinte passagem de Massa, acentua-se a importância de Paula Brito para essa geração de escritores da qual Machado fez parte: “Paula Brito acolhia espontaneamente os jovens e lhes abria as colunas de sua *Marmota Fluminense*”. (MASSA, 2009, p. 83)

O Machado de Assis que se lançou ao mundo das letras nesse período era ciente de que seus primeiros escritos poderiam não ser abundantes em qualidade, e que provavelmente melhorariam com o tempo. Essa inexperiência possivelmente exerceu influência na seleção que o autor fez em seus livros publicados na era madura, período em que seu nome já era consagrado nas letras. Machado foi bem rigoroso com os contos que entraram nas coletâneas: *Contos fluminenses* (1870), *Histórias da meia-noite* (1873), *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias de casa velha* (1906). Destas coletâneas, poucas incluíram contos da era de aprendizado de Machado, tendo o mesmo acontecido com seus poemas, que também seguiam critérios rigorosos de seleção. A esse respeito, Jean-Michel Massa enfatiza:

Machado de Assis, juiz mais implacável do que qualquer outra pessoa, concluía que nenhum dos 26 poemas era digno de ser retomado ou republicado. Este fato mostra sua severidade, rigor e lucidez. E mostra também como era urgente descobrir essas poesias, das quais dezenove, até 1965 estavam perdidas, para penetrar mais profundamente na obra de Machado de Assis. O maior prosador brasileiro era antes de tudo um poeta. (MASSA, 2009, p. 148)

É evidente que o Bruxo conduziu suas escolhas com bastante rigor, como bem destacou Jean-Michel. Dos 26 poemas acima referidos, 25 foram publicados na *Marmota*, e um deles foi para o *Diário do Rio de Janeiro*. Posteriormente, contudo, ele não publicaria nenhum desses textos poéticos em suas coletâneas de poemas.<sup>10</sup>

Em 1858 Machado de Assis inicia a escrita contista. Nesse período, o autor ainda está distante de começar a colaborar com o *Jornal das Famílias*. Em sua pena, entretanto, a escrita em prosa começa a aparecer timidamente em alguns trabalhos. O escritor, com apenas 18 anos nessa época, publica seu primeiro conto em *A Marmota Fluminense*, de título “Três tesouros perdidos”. Como já mencionado aqui, o texto indica uma simplicidade e até certa timidez na

---

<sup>10</sup> Essa discussão será abordada com maiores detalhes adiante.

escrita, contendo ainda um teor que nos aponta para uma tendência moralizante. De acordo com Jean-Michel Massa:

Três tesouros perdidos ainda é bem pobre em comparação com os trabalhos posteriores: um breve conto moral, reduzido a um bosquejo esquemático em que suas anotações psicológicas se reduzem a expressão mais simples. O que se poderia atribuir ao rigor ou à concisão não é, no fundo, senão o efeito da inexperiência do autor principiante, ainda mal preparado para contar uma história e animar personagens. (MASSA, 2009, p. 168)

O comentário de Massa destaca dois fatores importantes e necessários para esta pesquisa. O primeiro diz respeito aos adjetivos que ele utiliza para descrever um Machado ainda inexperiente, que analisaremos nessa etapa do trabalho. Os pontos que ficam mais nítidos à medida que se avança na leitura não somente dos contos, mas dos outros trabalhos em prosa, é que o Machado contista de 1858 tem peculiaridades, como as mencionadas acima; ele não nutre, ainda, grandes expectativas e complexidades em suas narrativas, mas mesmo assim, apesar de não elaborar tanto seus personagens, produz um texto interessante para o leitor. O segundo fator, por sua vez, relaciona-se à questão psicológica trabalhada no conto, como bem declarou o crítico, que é de fato reduzida, consagrando-se assim como um “breve conto moral”.

No ano seguinte, surge um novo conto publicado nas páginas da *Marmota*, intitulado “Bagatela”, dos dias 10 e 13 de maio, 3 e 14 de junho e 26 e 30 de agosto de 1859. Trata-se de um trabalho machadiano sobre o qual ainda pairam algumas incertezas a respeito de seu conteúdo. Alguns críticos, inclusive, acreditam ser uma tradução. O escritor e pesquisador Mauro Rosso, em seu trabalho *Contos de Machado de Assis: Relicários e Raisonés* (2008), menciona:

Partindo da premissa conceitual de Bagatela ser um ‘conte fantastique’, Jean Michel Massa consultou na França e na Suíça “os melhores especialistas no conto fantástico, como M.M Castex, Vax, Stragliati, M. Versians”, não encontrando entre eles nenhum registro ou referência sobre o conto; pesquisou também na Biblioteca Nacional de Paris, tentando encontrar e identificar o conto em obras publicadas entre 1842 e 1859 – da mesma forma sem resultado – Além de consultar e nada encontrar, diversas coletâneas de contos. “Possivelmente, mas não certamente” segundo ele, o conto tenha sido publicado em alguma revista literária francesa de menor importância, da qual não se tem notícia ou registros”. Conclui, no entanto, tantas são as citações nesse sentido, que o conto foi escrito por um francês ou por alguém que residia em Paris ou, no mínimo, conhecia muito bem a cidade e os comportamentos típicos e os hábitos dos parisienses de meados do século XIX. (ROSSO, 2008, p. 108-109)

Desse modo, o texto “Bagatela” não é citado em nosso estudo como uma criação da “era de aprendizado” de Machado de Assis, visto que, como foi dito, ainda há imprecisões sobre a origem deste conto. A justificativa para adicionarmos essa informação em nossa dissertação é enfatizar os fatos que Mauro Rosso expõem em relação à árdua pesquisa feita por Michel-Massa

com especialistas em contos (dentro e fora da França), o que inclui sua procura por registros em diversos arquivos e livros na Suíça, por exemplo<sup>11</sup>.

Machado frequentou durante um longo período o Gabinete Português de Leitura, local que guarda uma história de suma importância em sua trajetória, e que abrigou diversas revistas e livros de literatura francesa disponíveis para pesquisa e leitura naquela época: “Na década de 1850, quando residia em São Cristóvão, o adolescente Machado frequentava muito o prédio na rua dos Beneditinos. Sócio da instituição, levava os livros emprestados, lendo-os na barca que então unia o cais “Pharoux” ao bairro imperial. As relações do escritor com o Gabinete permaneceram pela vida a fora” (MACHADO, 2021, p. 232).

Como já mencionado no capítulo anterior os periódicos franceses estavam em alta e tinham forte influência no formato dos modelos brasileiros. Machado consumiu essa literatura em sua mocidade e, desse modo, as influências francesas em sua vida como escritor foram crescendo ao longo do tempo. Isso teve forte implicação em sua entrada no periódico de Garnier, o *Jornal das Famílias*, totalmente influenciado por modelos franceses, e editado na França. A probabilidade de que Machado tenha lido com bastante afinco o conteúdo de algumas revistas e jornais periódicos franceses durante as suas visitas e estudos no Gabinete Português de Leitura é muito alta. Atento para a preferência do escritor por alguns autores que também fizeram parte de prefácios e citações em seus trabalhos ao longo dos anos, o escritor Jean-Michel Massa menciona que durante o período de sua mocidade, Machado fez questão de deixar suas inseguranças marcadas, bem como suas influências registradas.

Na época em que o escritor estreava como prosador no periódico de Paula Brito, *A Marmota Fluminense*, seu primeiro texto em prosa aparece novamente na seção “ideias vagas”, como já mencionado:

Machado de Assis sentia-se, por essa época, pouco seguro, incerto quanto a sua capacidade como prosador. Por meio desse primeiro texto em prosa, registrava-se uma ampliação de suas leituras doravante abertas para o estrangeiro. Além de uma atração pela cultura francesa, representada por Vigny e Lamartine – Vitor Hugo parece ainda ignorado –, ele manifestava particular admiração pela Grécia, que citava pela primeira vez. (MASSA, 2009, p. 159)

Apesar da obra de Victor Hugo já ser conhecida no Brasil no século XVIII, Machado ainda não cita em seus escritos de prosa publicados em periódicos nenhuma das obras do escritor francês. Assim, somente mais tarde viria a despertar um interesse em falar do autor e

---

<sup>11</sup> Massa não obteve sucesso em sua busca. Com isso, sugeriu que o conto em discussão tenha sido retirado, possivelmente, de uma revista periódica francesa. Como já mencionado, era algo comum nesse período do século XVIII a circulação de revistas estrangeiras no Rio de Janeiro, principalmente as francesas.

seu trabalho. No entanto, Machado de Assis ainda estaria em contato com outras obras francesas que entrariam para sua lista de influências. Certamente a admiração pela escrita e pela cultura francesa o levou a estudar a língua, trabalhar em diversas traduções e, mais tarde, fazer parte da revista francesa de Garnier por tantos anos, *o Jornal das Famílias* — fato que o levou a empenhar-se com tanta intensidade no aperfeiçoamento da escrita contista.

Machado passa por um período de intensa colaboração com alguns periódicos, nos quais se dedica a trabalhar com diversos temas e gêneros, aprofunda-se na poesia e no teatro, e aperfeiçoa sua pena de modo a amadurecer sua escrita. O autor, assim, compartilha com a sociedade oitocentista aquilo que era solicitado por seus editores, inclusive temas com teor religioso ou político:

Durante o período de 1858 a 1859 Machado esteve envolvido com muitas atividades em sua carreira de escritor iniciante, a colaboração em folhetins da época ainda se mantém de forma intensa, passa a colaborar no ‘*Correio Mercantil*’ e no ‘*Paraíba*’ e neste período também volta a concentrar sua produção em poesias, se envolve com muitos temas, interesses que aparecem em seus escritos para atender as demandas destes periódicos. ‘Como as folhas atendiam a interesses técnicos, políticos, religiosos, acadêmicos, literários, entre outros, era comum as famílias adquirirem mais de um jornal diário.’ (CASTRO, 2020, p. 299)

A importância desse período para o aprimoramento da escrita machadiana precisa ser destacada. Os periódicos invadem as casas das famílias em 1858 e, nesse momento, já circulam folhetins inspirados nas folhas literárias de fora do país. É possível perceber que Machado trouxe em seus romances a presença dos periódicos nos quais tanto trabalhou. Ele não negava o apreço pela profissão que tornou possível que ele trilhasse um caminho de ascensão e reconhecimento como escritor. Essa questão é, inclusive, marcada na profissão de alguns de seus personagens:

Em todos os romances de Machado de Assis há a presença dos impressos, e as relações das personagens com essas folhas são as mais distintas: além de leitor, Tristão também colabora para algumas folhas portuguesas; Rubião, em *Quincas Borba*, e Brás Cubas, em *Memórias Póstumas*, tornam-se, respectivamente, sócio de um jornal ou fundador de um. Nos contos, os periódicos também compõem as curtas histórias. Desde a primeira narrativa, “Três tesouros perdidos”, saída em 05 de janeiro de 1858 n’*A Marmota*, já se vê a presença do suporte: “desesperado, fora de si, o Sr. F. lança-se a um jornal que perto estava: o pacote tinha partido às oito horas (*A MARMOTA*, 1858, p. 03)” (CASTRO, 2020, p. 300).

Enfatizamos neste parágrafo a importância que os periódicos tiveram na vida de Machado, de tal maneira que alguns pesquisadores apontam que tudo o que foi escrito nesses folhetins determinou o que ele viria a ser quando se consagrou escritor, e que a essência da escrita do jovem Machado está ancorada, primeiramente, ao jornal. Contudo, também acreditamos que para absorver os detalhes do amadurecimento e da escrita machadiana inicial,

faz-se necessário entender a importância do próprio jornal na vida do escritor. Ainda que seja possível dizer que as principais características estilísticas de Machado foram forjadas nestes periódicos, por certo ainda persistem textos a serem desvendados que podem lançar luz sobre essas questões:

Em seus escritos, transparecem os principais acontecimentos que compreendem desde a estruturação da Cidade da Corte até o advento da República, os quais recobrem praticamente meio século de produção em diversos gêneros, o que explica a relação de sua pena com os periódicos, veículos sobre os quais muitas vezes escreveu, tanto em suas crônicas quanto em suas composições ficcionais. (CASTRO, 2020 p. 300)

Assim como os costumes, um ponto chave a ser destacado é a complexidade psicológica de seus personagens. Machado de Assis também trabalhava na estrutura social e psicológica da trama, elemento por meio do qual elaborava problematizações a respeito da sociedade em que vivia. Além disso, esteve presente em diversos jornais até chegar ao *Jornal das Famílias*, aceitando as propostas que lhe eram feitas, e colaborando em mais de um jornal ao mesmo tempo. Isso quer dizer que a era do jornalismo machadiano estava em alta:

Provavelmente o que oportunizou essa exposição do autor nos jornais, atingindo até mesmo as outras províncias, foram as suas produções em teatro, poesia, crônica e crítica, que desde os anos finais da década de 1850, já estampavam variadas folhas cariocas, como A marmota, O Espelho, Correio Mercantil, A Pátria, Correio da Tarde, O Parahyba, O universo Ilustrado e o Diário do Rio de Janeiro. (CASTRO, 2020, p. 302)

Em primeiro de novembro de 1862 surge nas páginas do jornal *O futuro* um novo conto machadiano, “O país das Quimeras”, publicado com o subtítulo de “conto fantástico”, o qual indica a inscrição de novas características estilísticas do Machado contista. “O temor que lhe inspirava o mundo real se manifestou sob outra forma num conto. Machado de Assis subtraiu a realidade. Necessitava da ficção do conto para manter certa distância do cotidiano, por vezes doloroso. “*O país das Quimeras*” é uma obra transparente.” (MASSA, 2009, p. 305). Massa, ao produzir tal crítica, analisa o conto pela visão de seu autor, que retrata o seu olhar sob a perspectiva de quem vivia do que escrevia, o que incluía os seus anseios em relação ao futuro.

A trama do texto em discussão apresenta a história de um poeta que se vê em uma situação difícil. Pela falta de apoio e a opressão, encontra-se sem saída e necessita vender todas as suas obras para um sujeito rico que tentava ser poeta, mas não tinha talento, e que usa os escritos do protagonista como se fossem seus. Certa noite — descrita como o melhor horário para a inspiração e a criação — ele se vê transportado para o “País das Quimeras”. Assim, “mediante essas alegorias, que vê com seus próprios olhos, o herói faz uma descoberta: o que parece ilusão é a verdade. Dessa forma, Machado de Assis afirma, para o homem, o direito ao

sonho” (MASSA, 2009, p. 305). A narrativa fantástica se destaca com as influências de autores como Edgar Allan Poe — grande nome da literatura norte americana —, e E. T. A. Hoffmann, escritor alemão influente do período literário romântico que, assim como Poe, destacava-se no gênero fantástico.

Após a publicação deste conto fantástico, Machado dedicou-se à produção de textos variados, como os de teatro, poesia, críticas, crônicas e algumas traduções. Consultando a *Bibliografia de Machado de Assis* (1955), de Galante de Souza, verificamos que Machado passou de 1855 a 1863 colaborando nos seguintes folhetins: *A Marmota fluminense*, que posteriormente se torna *A Marmota*; tendo trabalhado também em *O Paraíba*, *O Correio Mercantil*, *O Espelho*, *A Semana Ilustrada*, *O futuro* e, finalmente, *O Jornal das Famílias*. Quando falamos de colaboração, nos referimos a qualquer tipo de publicação. Muitos dizem que Machado chegou ao *Jornal das Famílias* apenas em 1864, mas esse ano seria o da primeira colaboração do autor com o gênero conto, visto que em 1863 Machado já mantinha contato com Garnier, tendo publicado na primeira edição do folhetim uma tradução de “Alpujarra”. Após isso, o nome Machado apareceria novamente em junho de 1864 com a publicação do conto “Frei Simão”, assinado apenas com M. A. — bem como outros contos assinados sob pseudônimos, dos quais trataremos no capítulo seguinte.



### 3. ALGUNS PSEUDÔNIMOS E CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: IDENTIFICAÇÕES E SEMELHANÇAS

*São migalhas da história, mas  
as migalhas devem ser  
recolhidas.*

— Machado de Assis

Embora Machado de Assis tenha publicado muitos textos assinados com o seu nome, o Bruxo também fez uso de muitos pseudônimos durante toda sua carreira, tanto no período que antecedeu seu ingresso no *Jornal das Famílias*, quanto após isso. Destacamos, aqui, duas curiosidades: a primeira é que grande parte desses pseudônimos apareceram no periódico de Garnier; a segunda, por sua vez, diz respeito ao gênero textual nos quais encontram-se esses pseudônimos, isto é, Machado usou muitos deles para assinar diversos *contos*. Ao consultar o livro de Galante de Souza, *Bibliografia de Machado de Assis* (1955), que catalogou alguns pseudônimos comprovadamente vinculados ao autor, percebemos uma grande quantidade de contos assinados sob pseudônimos.

Lembramos, ainda, que até esse período Raimundo Magalhães Júnior ainda não havia publicado as primeiras edições dos livros *Contos Esparsos*, *Contos Recolhidos*, *Contos sem Data*, *Contos Avulsos* e *Contos Esquecidos*, lançados em 1956. Dentro da vasta quantidade de pseudônimos utilizados pelo Bruxo, grande parte foi descoberta e estudada somente com a publicação das obras de Galante e Magalhães<sup>12</sup>. Assim, considerando que esta pesquisa se dedica à investigação de traços importantes da escrita machadiana presentes no início de sua carreira, nos centraremos, neste capítulo — com base nos críticos aqui citados — em uma revisão dos pseudônimos machadianos que se repetiram ao longo dos anos, bem como em outras informações pertinentes a este estudo, o que inclui, obviamente, a tendência de Machado no que diz respeito a certas repetições de temas em romances, teatros, poesias e contos.

#### 3.1 Contos assinados com pseudônimos e atribuições de Raimundo Magalhães Júnior

Atuando como pesquisador da vida e obra de Machado de Assis, Raimundo Magalhães se dedicou por muito tempo ao estudo dos contos machadianos. Contudo, seu interesse não era

---

<sup>12</sup> Entendemos que algumas considerações acerca de determinados fatos que se destacam nas atribuições feitas por Magalhães Júnior são importantes para o estudo aqui desenvolvido. Por esse motivo, elas atuam como apoio para análise e leitura dos contos de 1863 publicados sob o pseudônimo F. no *Jornal das Famílias*.

voltado apenas aos textos consagrados, mas também àqueles que, por um logo período, foram negligenciados pela crítica, isto é: os escritos publicados em folhetins e assinados sob os mais diversos pseudônimos. Magalhães Júnior nutria grande apreço pela obra contista machadiana, principalmente a produzida para ser publicada em folhetins. Assim, por volta de 1950, o pesquisador começou a trabalhar na identificação e recuperação da obra do Bruxo que estaria “esquecida” nas amareladas páginas de periódicos. O resultado dessa investigação só veio a ser lançado em 1956 pela editora Civilização Brasileira.

Declaramos que mais valeria que os recursos oficiais fossem empregados na divulgação das numerosas páginas de Machado, dispersas em jornais, revistas e almanaques, quase de todo ignoradas e ameaçadas de perder-se, nas velhas coleções roídas pelo tempo, se alguém não se apressasse a recolhê-las (MAGALHÃES JÚNIOR, 1956, p. 13)

Sobre essa informação que consta no prefácio de *Contos esquecidos* (1956) de Machado de Assis, organizado por Magalhães Júnior, o autor menciona com mais detalhes que esses recursos oficiais foram designados a uma pesquisa que resultou na publicação dos seus livros. Os “contos esquecidos” foram os primeiros da série de cinco volumes da coletânea criada para divulgar os contos do Bruxo, pois estes estavam de fato perdidos ou não identificados nos diversos locais nos quais Machado trabalhou em sua juventude.

Revistas periódicas e folhetins abrigavam uma vasta obra machadiana, o que incluía traduções, contos, crônicas e poemas — sendo os contos e as crônicas, provavelmente, de maior número.

Nas “Várias Histórias”, nas “Histórias sem data”, nos “Papéis Avulsos”, estão os melhores contos de Machado de Assis, encontram-se nesses volumes, verdadeiras obras primas, páginas em que o escritor chegou à perfeição no difícil gênero em que foi e há de ser sempre um dos mestres em nossa literatura. Nem por isso devemos menosprezar uma parte de sua obra, aquela que representou a sua preparação, o seu aprendizado, a conquista paulatina dos segredos mais sutis, a arte de escrever contos. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 13)

Magalhães acreditou com veemência que, pesquisando os periódicos com os quais Machado colaborou, seria possível ampliar o conhecimento já produzido a respeito do escritor, o que traria para a crítica literária dedicada a Machado de Assis uma espécie de revolução em termos de descoberta. Machado já era consagrado como um dos maiores da nossa literatura, mas esse título sempre pareceu ser reflexo de seus romances consagrados e de seus contos publicados em livros. Antes do início da empreitada de análise e pesquisa dos textos publicados em folhetins, o que o escritor produzira em seu período de aprendizado era muito vago para a crítica especializada.

Ainda que alguns pesquisadores tenham buscado, em materiais biográficos e literários, pistas — seja em falas, cartas ou outras fontes que envolvem Machado de Assis — que comprovassem a autoria de alguns contos em seu período de amadurecimento, essa tarefa nem sempre resultava em sucesso. Isso porque há grandes fatores que tornam complexa essa investigação, tais como a dificuldade de acesso aos periódicos, sua vasta quantidade, e a fragilidade de seu material, tendo em vista que muitos sequer foram conservados de maneira apropriada. Entretanto, o maior dos jornais com o qual Machado colaborou ainda se encontra intacto e conservado sob o teto da Biblioteca Nacional da França. Acreditamos que Magalhães não tinha conhecimento deste fato quando empreendeu sua investigação. Durante sua pesquisa ao redor desses periódicos, contudo, ele trouxe à luz da crítica muita informação no tocante ao estilo do autor em seu começo de carreira.

Para os estudiosos, como para os leitores, em geral, essa parte da obra de Machado de Assis terá sempre um valor documental muito expressivo. Faz parte da história do escritor, mostrando a evolução do seu estilo, a disciplina gradual da sua prosa, a escolha do vocabulário e a seleção dos temas, a que algumas vezes, há de voltar com melhor disposição e, sobretudo, com técnica mais apurada. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 13)

Assim como prevê este estudo, Magalhães acreditava que nos periódicos constavam os ensaios responsáveis por solidificar o estilo machadiano, ou seja: os temas que mais envolveu os leitores, os vocábulos mais presentes; tudo que, com o tempo, passaria a ser marca registrada do autor. Para o crítico: “não se pode deixar de reconhecer que mesmo o Machado dos primeiros tempos, longe de ser um escritor perfeito, já tinha, contudo, qualidades pessoais que singularmente o distinguiram e que estão presentes nos seus derradeiros escritos.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 13)

Durante a organização e pesquisa desses conjuntos de contos, Raimundo Magalhães, em sua seleção, comentou no prefácio de cada livro as técnicas e formas que utilizou para confirmar a autoria dos contos nas páginas dos periódicos. Assim, ele separou os escritos cuja autoria ele tinha certeza de que poderia ser atribuída a Machado, justificando ainda os porquês de suas atribuições. Em alguns destes contos o crítico notou a recorrência de determinados temas. Desse modo, como a identificação de pseudônimos foi feita por ele, sendo possível comprovar a precisão do crítico em seu processo de atribuição de autoria, abordaremos neste capítulo somente os contos selecionados por Magalhães Júnior — contos que, por sua vez, também fizeram parte do *Jornal das Famílias*.

O primeiro conto que inaugura a coletânea é intitulado “Decadência de dois grandes homens”, tendo sido publicado no *Jornal das Famílias* em 1873. Magalhães observou neste

texto algumas peculiaridades que lhe foram familiares e atuaram como ponto nodal no processo de definição de autoria.

Foi sob o pseudônimo de “Max” que o “Jornal das Famílias” publicou “decadência de dois grandes homens”, excelente trabalho, como ideação e como fatura. Bem merecia ter sido exumado por Machado de Assis, das páginas do “Jornal das famílias” para uma de suas coleções de contos. Tem um tom bem machadiano. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 14)

Em continuidade à análise dos traços de identificação, o crítico compara o texto a trechos de outros trabalhos machadianos e cita: “Algumas de suas tiradas, lembram passagens de outros trabalhos seus, como por exemplo, ‘A teoria do medalhão’. Aqui fala Machado na arte difícil de pensar o pensado, ‘Em decadência de dois grandes homens’ sustenta que a vida é uma eterna repetição e que ‘todos inventam o inventado.’” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 14). O pesquisador continua suas comparações, destacando o tom de “sonho acordado” que permeia a narrativa. O próprio Magalhães publicou um livro neste mesmo período, intitulado *Contos Fantásticos de Machado de Assis* (1973). Nele, o crítico selecionou os contos nos quais o escritor trabalha com os elementos fantásticos entre personagens que poderiam estar sonhando acordados, ou que tinham incertezas a respeito de estarem ou não vivendo determinada situação, vendo criaturas místicas, anjos e imagens fantasmagóricas. De fato, houve um certo número de contos que traziam esse tipo de temática, e curiosamente Machado foi o único escritor que praticou o uso de temas fantásticos no jornal.

“Frasas soltas são encontradas, em decadência de dois grandes homens, que nos soam ao ouvido como se já nos fossem familiares, pelo seu tom machadiano, ou por serem ideias repetidas com outras palavras em outros contos ou romances” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 14). De fato, alguns temas e ideias são recorrentes dentro da coletânea machadiana do *Jornal das Famílias*: o da moça que quer se casar com um homem diferente do que teria sido escolhido por sua família; ou a mulher que adoece por não poder se casar com o amado; a que desiste do casamento arranjado por esperar o grande amor, dentre outros. Esses temas são frequentes na maioria dos contos deste período.

Dentre os textos acima mencionados, destacamos aqui “Uma loureira”, que compõe um dos materiais esquecidos. Este conto foi publicado em junho de 1872 com o pseudônimo “Lara” — cuja autoria foi revelada por Galante de Souza na obra bibliográfica de 1955. Ao retomar as informações de autenticidade do conto, Magalhães ressalta o seguinte a respeito da presença do espírito machadiano:

Nesse conto, em certas passagens, estão presentes alguns traços constantes do espírito machadiano, por exemplo quando, quando o contista fala, com muito pitoresco, do

nariz do pai da moça, “nariz não vulgar”, se entendermos no tamanho, mas vulgaríssimo se lhe estudarmos a expressão”. Aí o contista se permite uma pequena digressão: O nariz é um livro, até hoje pouco estudado pelos romancistas, que aliás se presumem grandes analistas da pessoa humana. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 14)

Outro conto que também foi assinado com este mesmo pseudônimo é “As bodas do Doutor Duarte”, que faz parte do livro *Histórias da meia noite* (2015), lançado por Machado em 1873. Dessa forma, seria mais simples que Galante de Souza identificasse esse pseudônimo assim que verificasse que ele já constava no *Jornal das Famílias* com outra assinatura. O mesmo pode ser dito a respeito de Magalhães com alguns contos da coletânea de cinco volumes: reconhecer o que havia no jornal com o pseudônimo “Lara” e publicar nos livros, visto que ele tinha certeza que Machado era o usuário deste nome feminino no folhetim por ter sido já publicado um conto em coletânea do próprio autor com esse pseudônimo.

Sob esse mesmo pseudônimo constam também: “Tempo de Crise”, “Um dia de entrudo”, “Muitos anos depois”, “Brincar com fogo”, “O Passado, Passado”, “D. Mônica” e “O Machete”. Isso nos faz concluir que Machado repetia seus pseudônimos em alguns textos, porque esse não é o único que se repete durante os anos de publicação da revista. Ao que tudo indica, Magalhães Júnior também observou fatores importantes que caracterizavam o uso dos pseudônimos. Nota-se:

Decerto Machado de Assis escrevia esses contos à medida que se preparava cada edição da revista, o que explica algumas repetições, destinadas a reavivar a memória dos leitores, num mesmo número, surgem, em continuação, duas as vezes três diferentes narrativas, todas elaboradas sob diversos pseudônimos, ou sob a sua própria assinatura, para não fatigar o leitor com a insistência de um só nome, ou para não dar a impressão de que faltavam redatores à revista. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 15)

Em relação aos temas desses contos, pode-se afirmar que o escritor obedecia a certos padrões impostos pela revista, que era voltada exclusivamente ao público feminino. Os contos desse período expõem informações a respeito dos costumes das mulheres oitocentistas — chamadas, por Machado, de “gentis leitoras”. O pesquisador ou pesquisadora que se propor a ler uma camada de contos de 1864, segundo ano de circulação do *Jornal das Famílias*, possivelmente perceberá que os temas que permearam os textos publicados tratavam de questões como o amor e o casamento, tópicos que, naquele contexto histórico, eram de interesse feminino:

Em vários destes contos da primeira fase de Machado de Assis mostra como se namorava na antiga Corte e como eram tramados os casamentos, em geral ao sabor das conveniências ou da vontade dos pais. Note-se, porém, que suas personagens, as donzelas fluminenses do terceiro quartel do século passado, quase sempre se conformavam com essas decisões, por mais inesperadas, por mais violentas, por mais

contrárias que elas fossem aos seus sentimentos e inclinações. É evidente que se assim não fosse, o folhetinista amável, cheio de cuidados com suas leitoras, perderia o emprego, ou o Jornal das famílias seria banido dos severos lares brasileiros, como publicação revolucionária e nociva. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 17)

Apesar da citação de Magalhães Júnior levantar fatores importantes, como o fato de as narrativas serem uma espécie de documentação histórica a respeito dos costumes das moças e rapazes da época, é possível provar que com o tempo — provavelmente até Machado ganhar espaço e confiança no periódico —, o autor conseguiu arriscar temas mais polêmicos, como o caso da publicação do conto “Confissões de uma viúva moça”. Este, trata de uma mulher que narra sua vida de jovem viúva através de uma carta, contando como se apaixonou por um homem antes de sua viuvez. Assim que seu marido, que já estava enfermo, falece, ela encerra seu relato marcando um encontro com o seu amor, que até aquele momento era secreto. Esse tipo de situação, naquele período histórico, configurava assunto bastante escandaloso, pois fugia de um decoro zelado pela revista.

Machado de Assis, desse modo, começa a engatinhar aos poucos em direção a sua marca maior — a *ironia* —, utilizando-se, algumas vezes, de recursos de fantasia por meio do universo fantástico com vistas a mascarar certos aspectos que fossem indecorosos para aquele período. Durante a leitura de alguns contos específicos desse período fica claro que, se comparado ao início da revista, a partir de 1864 já constam contos que tratam de assuntos minimamente polêmicos. Como ficou comprovado, isso aponta para uma estratégia de marketing da própria revista. Esta informação pode ser consultada no livro *Dispersos de Machado de Assis* (1965), de Jean-Michel Massa. A respeito dos temas fantásticos, Magalhães informa no prefácio dos contos esquecidos:

Não são muitos, na obra de Machado de Assis, os contos macabros, as páginas de horror. Se “O Enfermeiro” começa como um conto macabro, acaba convertido em página de psicologia e de humor... “A Causa Secreta” é, decerto, nesse domínio, a história mais densa e mais impressionante. As vezes dá Machado de Assis a impressão de que vai resvalar para o macabro, ensaia todos os efeitos do gênero, a maneira de Hoffmann ou de Poe, mas desmancha, depois a impressão do leitor, numa pedrada final, como que compadecido de seus nervos. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 18)

Ocorre que, como dito anteriormente, Machado se utilizou da “vestimenta” fantástica para falar de temas caros à sociedade oitocentista. Além disso, trabalhou com a ironia em seus contos fantásticos, abordando a traição e o medo, bem como o pavor e o horror. A maior prova desses apontamentos está no conto “Sem olhos”, publicado em 1876 e 1877, em três partes. Este conto foi assinado com o nome de Machado de Assis e elenca muitas referências de Poe e Hoffmann — como bem menciona Magalhães Júnior —, tratando-se de um conto quase macabro.

Investigando as páginas do periódico foi possível identificar, em janeiro de 1864, um conto intitulado “A fantasia da Morte”, assinado por Hopes. O texto conta com elementos da narrativa e temas semelhantes aos contos fantásticos assinados por Machado de Assis. Entretanto, o pseudônimo usado também é quase que idêntico ao pseudônimo do conto “Sassy”, que já provamos ser de Zaluar, amigo de Machado. A mudança empregada seria apenas o “s” utilizado no fim da palavra *Hope*, que significa esperança em inglês. Outro ponto interessante a respeito das assinaturas “Hope” e “Hopes” é que, além do conto ter um tom machadiano, encontramos o caso da narrativa “Uma águia sem asas” — também publicada no *Jornal das Famílias* e reconhecida como sendo de autoria de Machado de Assis. Trata-se, aqui, de um enredo inteiro que desenvolve a história de uma família cujo sobrenome é Hope. Como é possível notar, são muitos os traços de confusão — embaralhados por certo esquecimento por parte dos pesquisadores atuais, bem como pelo difícil acesso ao acervo completo desse período — que nos levam a várias suposições acerca do *Jornal das Famílias*.

Em continuidade à análise dos livros de contos de Magalhães Júnior e suas atribuições, é importante destacar que durante a leitura e análise dos quatro prefácios, o autor sempre expõe um pouco do que foi feito durante as pesquisas e resgates de contos das páginas dos periódicos. Sua análise era pautada em verificar semelhanças em reiteração de temas, repetição de nomes de personagens, e situações que se assemelham nos contos e romances do período de maturidade do escritor.

Não era fácil manter tão intensa, tão abundante, tão continuada colaboração sem repetições, sem voltar algumas vezes a temas já explorados, sabido principalmente, como sabemos, que, Machado de Assis não primava pelos voos de imaginação. Em dois contos deste volume, “Brincar com fogo” e “Casa não casa” o tema é o mesmo. E o que agrava ainda mais a repetição é o fato de terem sido ambos publicados no mesmo ano, em 1875. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 19)

As semelhanças entre esses dois contos citados por Magalhães Júnior são entre os personagens e as histórias, ambos realmente muito próximos. Embora um tenha sido assinado com o pseudônimo Lara, e o outro tenha sido assinado com o nome Machado de Assis, o tema é exatamente o mesmo: um rapaz “frívolo”, de família rica, corteja duas moças ao mesmo tempo, até que acaba ficando sem as duas. Algo muito interessante a se destacar a respeito desse tipo de narrativa é que, em alguns textos, Machado tenta ressaltar certa “canalhice” e falta de empatia dos homens protagonistas. Isso chama bastante atenção, e ao mesmo tempo pode ser considerado já um ponto irônico que começa a surgir durante o amadurecimento da escrita machadiana. Não bastava, para o autor, apenas finalizar o conto, ele tinha que deixar uma reflexão moralizante para as mulheres que configuravam seu público-alvo. Isso pode ser

exemplificado com o desfecho dos contos “Cinco Mulheres” e “Mariana”; além, claro, de alguns dos contos fantásticos, como “Sem olhos”, em que um rapaz é assombrado por uma jovem com os olhos arrancados, mas acaba enlouquecendo e padecendo de loucura no fim da história. Ou seja, podemos concluir que em diversas histórias desse período há a marca de repetição de finais onde as moças morrem e os moços vivem; além das recorrências dos homens vivendo suas vidas normalmente, com a frieza de quem não se importa, como se nota no encerramento do conto “Cinco Mulheres”.

Os pseudônimos identificados por José Galante de Souza que constam em registro no capítulo “Pseudônimos, iniciais e anônimos” em sua bibliografia são: As., M.-as, M. A., M. de A., Dr. Semana, Gil, M., Sileno, J., Job, J.J, Victor de Paula, Platão, Y., Lara, Manassés, Eleazar, Lelio, João das Regras, Malvolio, Boas noites e Max. Isso evidencia como havia uma variedade, mesmo nesta primeira leva de nomes, antes das identificações feitas por Magalhães Júnior. Os nomes que se sucederam, os quais foram identificados e que tiveram reconhecimento pela pesquisa de Magalhães Júnior estão por completo nos anexos desta pesquisa. No prefácio de “Contos Recolhidos” verificamos que Magalhães menciona duas versões do conto “O País das Quimeras”, que foi publicado em 1862 em uma versão inicial, tendo uma segunda versão lançada no *Jornal das famílias* com outro nome, “Uma Excursão Milagrosa”, recolhida em “Relíquias de Casa Velha”, coletânea de contos do autor<sup>13</sup>.

O autor também informa que muitas pessoas, inclusive as que tinham certo conhecimento sobre Machado de Assis, ignoraram essa versão, tendo ela surgido somente anos depois com as pesquisas de Magalhães Júnior e Galante de Souza. De certa maneira, o crítico ressalta como eram ignorados os trabalhos produzidos por Machado nesse período, visto que esse texto só recebeu atenção após dois pesquisadores se envolverem no trabalho de reconhecimento — ainda que a única tarefa, nesse caso, fosse comparar as versões dos contos, cuja premissa narrativa é exatamente a mesma.

Tratando-se de pseudônimos, todos sabem que Machado os teve numerosos e variados. Em alguns casos, sem nada que ainda remotamente lembrasse o seu nome próprio ou qualquer dos apelidos, como Victor de Paula, Lara, Lélío e Eleazar. Mas houve certa constância na escolha de pseudônimos, que tivessem iniciais de um dos seus nomes. Por exemplo, “Manassés” – que graficamente como fonicamente sugere certa semelhança com “M. Assis” e que, como Eleazar, reflete suas leituras bíblicas. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 18)

Ao aprofundarmos nossa pesquisa no *Jornal das Famílias* nos deparamos com inúmeras páginas com alguns textos que ainda não haviam sido examinados — sobretudo por conta da

---

<sup>13</sup> O pseudônimo usado para segunda versão foi um “A” sozinho, variando mais uma vez a forma de assinatura.



dificuldade de acesso, considerando que estes materiais não são tão facilmente liberados no Brasil. O ano de 1863 torna-se de fato muito importante para a história do *Jornal das Famílias* e para a trajetória de Machado de Assis no periódico, pois inaugura um grande escritor e diz muito sobre o que aconteceria com aquele jornal ao longo dos anos. Dessa forma, podemos entender que a história de Machado e do *Jornal das Famílias* se complementam e se parecem, pois o escritor e o jornal se modificaram e foram se transformando cada vez, ano após ano.

Em 1863 são publicados dois contos na seção “Romances e Novelas”, cujos títulos são “Lucia” e “Conto Moral”. Identificamos, nesses textos, traços da escrita machadiana, e demonstraremos no próximo e último capítulo uma versão transcrita dos contos mencionados, bem como um texto que elenca alguns dos elementos que indicam a presença de um tom machadiano que pode ser encontrado no começo da carreira do autor. Dito isso, sugerimos que a leitura dos contos que virão seja feita como indica essa passagem de Magalhães Júnior no prefácio de “Contos Avulsos”:

Leiam essas páginas os críticos mais severos, os leitores mais entendidos, e logo se convencerão do que aqui afirmamos. E os que não se convencerem que refutem tão sólidas razões, não com um displicente dar de ombros, porém com outras de igual ou maior peso [...] (MAGALHÃES JÚNIOR, 1986, p. 11)

#### 4. TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE DOIS CONTOS DE 1863 NO *JORNAL DAS FAMÍLIAS*: “CONTO MORAL” E “LUCIA”

*A moral é uma, os pecados são diferentes*

— Machado de Assis  
(Quincas Borba)

A pesquisa de Raimundo Magalhães Júnior sobre os contos e pseudônimos machadianos ainda gera muito debate, sobretudo debates voltados às atribuições do *Jornal das Famílias*. Atribuir um texto a um autor é algo que demanda um vasto e longo estudo sobre sua obra, leituras e análises de temas, modos de escrita, repetições e manias criadas pelo autor. Magalhães trabalhou por muito tempo nessas publicações, apontando o que para ele configurava característica marcante da escrita machadiana. Assim, solicitamos que o leitor dessa dissertação verifique nesta análise que as informações aqui expostas se baseiam primeiramente na fase de amadurecimento da escrita contista de Machado, da qual pouco se sabe em comparação a sua fase madura e de ascensão enquanto escritor renomado. Nossa análise foi pautada nos seguintes livros: *Doença e Constituição de Machado de Assis*, de Peregrino Junior (1938), *Machado de Assis Desconhecido* (1955), *Dispersos de Machado de Assis* (1965) e *Ao redor de Machado de Assis* (1958), de Raimundo Magalhães Júnior. Além disso, também utilizamos como base os prefácios dos livros já mencionados aqui, *Contos Esquecidos* (1996d), *Contos Esparsos* (1996c), *Contos Avulsos* (1996b) e *Contos sem Data* (1956b).

##### 4.1 Análise: referências, características e repetição de temas nos contos de 1863

O primeiro texto trata de um conto moral, o que se vê tanto em seu título quanto em sua forma, estrutura e característica. Observamos, primeiramente, a introdução, que se dedica a apresentar seus personagens pitorescos: o algodoeiro e as plantinhas do vale que viviam na encosta de uma colina. Machado de Assis escreveu em 1885 no jornal *Gazeta de Notícias* o texto “A agulha e a linha”, que foi recolhido mais tarde no livro *Várias histórias* com o título “Um Apólogo”. O texto também trata de uma conversa entre uma linha e uma agulha.

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

- Deixe-me, senhora.

- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Por que lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros. (ASSIS, 2019, p. 247)

Percebe-se a semelhança na forma por meio da qual a condução dos dois textos é acionada. Ambos têm esses personagens que disputam a sua relevância por meio do local de destaque que ocupavam. Durante o seguimento da narrativa verificamos a transformação do algodoeiro: ele tem uma voz e a usa para explicar e comentar tudo o que acontece com ele nessa situação de disputa. O personagem, ainda, elabora reflexões ao comparar a vida do algodão com a vida dos homens, “risos e prantos”. No parágrafo seguinte, afirma novamente que a vida dos homens é “um mosaico de prazer e infortúnios”. Ou seja, em três diferentes parágrafos o autor repete a comparação do algodão com a vida dos homens.

Ressaltamos, nesse momento, Peregrino Junior e seu comentário sobre “o sestro da repetição em Machado de Assis:

O sestro da repetição – de temas, de imagens, de palavras – não o abandona em nenhum livro. E a interatividades verbal ideativa do gliscroide. Nas “Memórias Póstumas” – Mau grado o cuidado literário com que escrevia Machado – essas repetições são frequentes e numerosas, e a gente tropeça nelas a cada página (em escritor menos preocupado com o asseio e a elegância do estilo, dir-se-ia desleixo ou inadvertência). Na página dois, declara que tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, e era solteiro, e logo na pg. 3 repete que “era um solteirão e espirara aos sessenta e quatro anos” Na pg. 2 fala duas vezes sucessivas dos amigos que o levaram ao cemitério: onze amigos aqui, adiante nove ou dez... (PEREGRINO JUNIOR, 1938, p. 116)

A citação de Peregrino Junior ressalta um dos vários exemplos de repetições que existem na obra de Machado de Assis, frisando inclusive a recorrência de palavras na escrita do autor. Neste conto moral se repete a vida do homem mais uma vez em outro parágrafo. Quando o algodão é transformado em linha e, depois, entra em um paletó como matéria prima, ele compara a vida do paletó a vida do homem: “Hoje de luto, amanhã de alegria” (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p. 201). Logo adiante o terno não sobrevive por tanto tempo e, após ser abandonado por um escravo, é levado a transformação para virar papel — mais uma vez, a reflexão sobre a vida do homem se alastra: “A vida do papel e do homem, tem pontos te contacto, e minutos de prazer sucedem horas de desgosto” (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p. 201). Quando, finalmente, o papel se torna livro, outra comparação com a vida do homem surge: semelhantes pois tem “variantes de ventura e desventura” (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, 203). No fim, o livro que é doado a uma criança acaba queimado em uma fogueira. No desfecho da narrativa uma lição moral — e mesmo religiosa — incita os leitores cristãos a refletirem sobre essa passagem, a fim de que aprendam a ser como o algodoeiro, que aceitou o

destino que teve e agradeceu ao criador, dando-lhe graças e afirmando que não devemos nos deixar vencer pelas tristezas.

É possível perceber essa marca moral e religiosa no desfecho do texto, mas ela não parece ser tão forte em seu início ou mesmo até sua metade. Apesar de muitos acharem que Machado de Assis nunca esteve envolvido com textos religiosos, sublinhamos aqui que ele não somente praticou a escrita com esses temas, como publicou materiais literários com esse teor — o que incluía poesia.

Machado de Assis, tenha ou não sido sacristão, como se presume, foi educado na fé católica, que era a dos pais, e aproveitou o que pode, no convívio dos padres de que recebeu ensinamentos úteis, inclusive umas rabugens em latim. Suas primeiras poesias, que foram também suas primeiras manifestações de sua vida literária, estão impregnadas de sentimento cristão. Aos dezenove anos, publicava na semana santa uma poesia sobre a morte de Cristo no calvário, dedicando-a ao padre mestre Silveira Sarmiento. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1955, p. 337)

O texto denominado “Machado de Assis e a religião”, que se encontra no livro *Machado de Assis desconhecido* (1955), de Magalhães Júnior, aponta as várias referências religiosas em obras do Bruxo. Citamos, como exemplo, a leitura do poema “Fascinação”, publicado em *O futuro*, o qual fala sobre Deus. Há, ainda, uma tradução feita por ele que se encontra em “Falenas” de 1870, a lira chinesa que possui 8 poesias, sendo a sétima intitulada “As flores e os Pinheiros”, tratando de algo muito similar ao acontecido na passagem do algodoeiro. Neste poema, os pinheiros no alto da montanha que, naquela estação, estavam ouriçados e velhos, ouviam as flores bonitas zombarem deles; no outono, contudo, os pinheiros vivos e verdes embelezavam a montanha, mas as flores “zombeteiras” não mais estavam naquele local, pois haviam morrido.

Essa poesia é de autoria de Tin-Tun-Ling, tutor de Chinês de Judith Walther<sup>14</sup>. A poeta francesa dedica o “Le livre de jade” em sua primeira edição ao seu tutor chinês. Aqui podemos amarrar duas possíveis referências: Judith era francesa, e famosa na França em 1863, isto é, possivelmente Machado tivera contato com esse poema nas revistas francesas que chegavam ao Brasil na época. Machado frequentava o Gabinete Português de Leitura, e neste local os acessos a essas bibliografias também eram constantes. Ademais, um segundo autor que pode ter inspirado o título deste conto, e que já era conhecido por Machado, é o escritor francês Marmontel, o qual, coincidentemente, intitulou um de seus livros mais famosos de “Contos Morais” — sendo este vendido na tipografia de Paula Brito já em 1844. Marmontel escreveu durante alguns anos para a revista *Mercure de France*, uma revista literária famosa na França

---

<sup>14</sup> Judith Walther era pseudônimo de Judith Gautier.

até os dias de hoje. Nota-se, a seguir, que a transcrição de “Conto moral” foi feita respeitando a escrita do português oitocentista. Alguns termos, a princípio, podem ser complicados, mas isso não configura empecilho para a interpretação e a leitura da história.

## 4.2 Transcrição do conto de 1863 assinado por F.

### Conto Moral

Na encosta de uma collina inculta e pedregosa balançava-se brandamente, açoutado pela viração da tarde, um algodoeiro, cujas flores grandes e amarellas, de que, estava carregado, mal consentião que se descobrissem suas folhas.

E as outras plantinhas e arbustos que vegetavão no valle que circumdava a collina escarnecião e mofavão d’elle.

— Vêde o infeliz, dizião ellas, e quão digna de lastima é a sua sorte! Emquanto que nós nascemos e habitamos um solo humido, fofo e nutriente, o misero mal se sustem com suas raizes mettidas pelas frestas do rochedo e pelos intersticios das pedras, tirando o sustento dos detritus e do pó tocado pelos ventos! Nós, abrigadas pela collina, apenas sentimos a aragem fresca que nos regala; desconhecemos os tufões e pés de vento que elle é obrigado a suportar, curvando-se até o chão e em risco de ser arrancado a todo o momento! A chuva e o orvalho que cahem no valle nelle se demorão, dando-nos tempo a que apreciemos até a sua última gotta; mas a água que cahe na collina desce com rapidez, e mal pôde o miseravel apagar a sêde que lhe deve causar o sol ardente que o cresta todo o dia com seus ardentes raios! Tão dura é a sua sorte, que, sendo as nossas flores das formas as mais delicadas e matizadas das mais lindas côres, as d’elle são abrutadas, feias, e a sua còr é a da icterícia e da febre amarella! Oh ! quão digna de lastima é a sua sorte!

E o algodoeiro, que nada d’isto ouvia, balançava-se brandamente, açoutado pela viração da tarde, murmurando:

— Bemdito seja o Autor da creação. que tão prodigo foi de seus dons para comigo! Fazendo-me nascer nesta eminência, deo-me o ar o mais puro e a mais pittoresca paisagem para alegrar os meus olhos! Nenhum obstaculo se oppõe a que eu receba toda a luz e calor do sol que aquece e faz abrir as minhas flores, a aragem que faz brincar mansamente as minhas folhas e ramos, e a água que cahe do céu para fazer as delícias de meu tronco e de minhas raizes! O terreno solido em que me apoio não oscilla e foge com os ventos e chuvas, e a inclinação da collina impede que as águas se demorem junto ao meu pé e afoguem minhas raizes, como succede com as plantas que vivem acolá no valle. As minhas flores são adornadas de vivas côres, e o seu tamanho dá-lhes a vantagem de serem apreciadas desde grande distância! Oh! sou feliz! Bemdito seja o Autor da creação, que tão prodigo foi de seus dons para comigo!

Mas a vida do algodoeiro é como a vida dos homens: tem alternativas de risos e de pranto.

Erão passados poucos dias; as flores tinham cahido, deixando em seu lugar grande quantidade de casulos cheios de avelludada seda alva como a neve que cobre os vertices dos Andes. Vierão então uns homens malfazejos, que despojárão o algodoeiro de seus casulos,

deixando-o reduzido ás suas folhas e galhos, estes mesmos quebrados e cobertos de cicatrizes e esfoladuras.

Desditosos casulos! quantos martyrios vos erão destinados!... Primeiramente forão violentamente abertos e roubada a sua delicada e nivea pennugem; expozerão depois esta aos abrasadores raios do sol durante alguns dias; espremêrão-a horriavelmente entre dous cylindros de madeira para extrahirem-lhe os caroços. Não parou aqui: estendêrão-a no chão e batêrão-a com varas; rasgárão-a depois com pentes de ferro. Não satisfeitos ainda, torcêrão-a e a esticárão horriavelmente, reduzindo-a a fios compridos, que forão tecidos e derão em resultado o mais bello pedaço de fino algodão trançado que se tenha visto.

E enquanto o enrolavão, formando uma peça, e o depositavão na prateleira, o algodão exclamava:

—Enfim acabárão os meus tormentos!... Oh! quanto soffri!... Homens perversos, a quem nunca tinha offendido, torturárão-me; mas não me faltou a coragem um só momento, nem um queixume meu fou ouvido!... Mas despois... quanto melhorei de sorte!... Outr'ora fechado no meu casulo, preso ao galho, agitado sempre pelos ventos, ora molhado pela chuva, ora queimado pelo calor solar... e hoje... descansado, recostado negligentemente sobre esta prateleira, só desço d'ella para ser examinado e admirado pelos freguezes da loja!

Pobre algodão!... breve ia perder essa felicidade de que tanto se ufanava, sem se lembrar que a vida do algodão é como a vida dos homens, um mosaico de prazer e de infortunio!

Foi vendido, medido aos covados, cortado pela tesoura do lojista, retalhado depois pela do alfaiate, finalmente (requinte de crueldade!) foi picado e atravessado em todas as direções pela agulha da costureira e furado pela cascadeira!

Depois d'esta última tribulação, achava-se o pedaço de algodão transformado em um paletó de gosto, que faria honra aos hombros do mais effeminado peralvilho.

— Salve, ó minha boa estrella! dizia agora o paletó. De hoje em diante data a mais afortunada era a da minha vida! Que porvir magestoso se me antolha! Em vez de estar ocioso, enchendo-me de pó na prateleira e ouvindo os ditos insolentes dos compradores (que todos desfazão de mim), vou agora correr o mundo; irei ao passei, à igreja, ao baile, ao parlamento; viajarei a pé. de carro, a cavallo, embarcado e até em wagon! Em casa, ficarei cuidadosamente estendido no cabide, ou repousando, dobrado com delicadeza, na gaveta da guardaroupa; na rua, abrigado sempre pela guardasol ou pela coberta do carro! Abençoadas sejam as dôres quando são a causa de melhorarmos de condição e de fortuna!

Com effeito assim foi. O paletó viajou por terra e por mar, por valles e por montes, ao sol, à chuva, ao luar e ao vento, de madrugada e à noite, de dous e de quatro pés, de duas e de quatro rodas. Vio os povos de várias nações, observou os seus usos e costumes, fez visitas, dansou, assistio a exposição de industria e ás sessões de diversos clubs, frequentou hóteis, examinou os museos, e tomou parte em todas as discussões, desde as mais banaes até ás da mais elevada transcendencia!

Mas... qual é o ente cuja felicidade nunca se desmente? A vida do paletó é como a vida do homem: hoje de luto, á manhã de alegria, e vice versá.

De vez em quanto lançavão o infeliz em uma bacia cheia d'agua, como para asphyxiarlo; batião com elle contra uma lage; enforcavão-o em uma corda, e a final estendião-o sobre uma mesa e passeavão com um ferro quente por todo o seu comprimento e largura.

Tantas vezes repetirão esta série de malvadezas, que começárão a apparecer sobre elle excoriações e contusões, que passarão rapidamente a feridas e úlceras de tão máo character que forão-lhe lavrando e desorganizando todo o corpo!

Neste lastimoso estado foi abandonado pelo seu barbaro dono, que (horror!) fez d'elle presente a um seu escravo. Ah! julgai agora o que com este soffreria! Cumulo da desdita, ser escravo de um escravo! Para ajuizar de sua tragica sorte, basta dizer que não decorrêrão muitos dias, e já o misero jazia em farrapos sobre um montão de lixo em uma praia!

E ahi jazeria até final decomposição se um ente mais caridoso não se condoesse d'elle, conduzindo-o para sua casa. E (quem diria?! ) esse ente, que parecia tão bondadoso à primeira vista, era um malvado! Por sua mão forão infligidos os mais atrozes soffrimentos ao pobre trapo, que pensou ser chegada a sua última hora! Foi esquartejado, cortado em bocadinhos; depois amassado, triturado em um almofariz, deitado a afogar em uma caixa d'agua, mettido em uma prensa, desseccado, lançado em um banho de colla e pedra hume; mas a final vio-se, cheio de pasmo, ir resuscitando sob a forma do mais alvo, liso e transparente papel!

— Oh! maravilha! murmurava elle transportado de jubilo... Nunca pela imaginação me passou, nos meus mais dourados sonhos, que me fosse reservado um tão brilhante futuro! Sem dúvida vão escrever sobre mim; vou saber o segredo de encantadoras donzellas, ou conter leis e ordens escriptas pelos poderosos da terra, ou representar grossas quantias! Por mim só posso valer o mais enorme thesouro; e o que vão ser comparados comigo, o diamante, o ouro, a prata, as saphiras e todas as preciosidades do globo?!... Como sou feliz!... Não mais me lamentarei nos meus dias de infortunio: elles quase sempre precedem os de ventura!...

Coitado! como se enganava!... Elle ignorava sem dúvida que a vida do papel tem pontos de contacto com a vida do homem, em que a minutos de prazer succedem horas de desgosto!

Quando menos o pensava, foi entregue a um impressor desalmado que o metteo no prelo e o apertou fortemente, dando-lhe pancadas, e não deixou enquanto não vio bem cheio de algarismos e caracteres negros, privando assim o pobre papel da linha côr branca de que se ufanava tanto!

Do impressor passou para o poder de um encadernador, que, ainda mais perverso que aquelle, cortou o desditoso papel em partes iguaes, e, reunindo-as, applicou-lhe sedenhos nas costas, submetteo-o novamente ao martyrio de uma prensa, cortou-lhe as extremidades, e, não sabendo o que mais fizesse, encerrou-o em uma prisão justa de couro!

As angústias forão atrozes, é verdade; mas que importa?... quando ellas findárão, estava o papel transformado em um bello livro, bem impresso, numerado, illustrado com figuras finas e com uma nitida encadernação!...

Oh! como se orgulhou então da nova phase que tomava agora o seu destino!

— Como eu era parvo, exclamava elle mirando-se todo, em alegrar-me outr'ora, quando não era mais do que um pedaço de papel sem valía alguma!

Enchia-me de louco orgulho, julgando-me destinado a representar grossas sommas, sem recorda-me que podia pertencer a algum sordido avarento que me privasse da liberdade e da luz do dia, sepultando-me em um buraco cavado em um muro ou sob o tronco de alguma annosa arvore! Não, não represento milhões; porém as minhas páginas encerrão valores de uma ordem mais subida! Homens sabios derramarão nellas lições elevadas da mais pura moral, da mais acrisolada virtude, da mais transcendente sciencia, para serem ensinadas aos mortaes, a fim de illuminar sua intelligencia e torna-los mais uteis á sociedade e mais gratos ao seu Creador! Ah! como é sublime o meu ministerio! Ser o mestre da humanidade, o missionario que vai fallar aos corações para melhora-los e extirpar o vicio, o sabio que deve illustrar os espiritos para fazelos comprehender os altos segredos da sciencia; finalmente, o guia fiel e experiente que tem de indicar aos homens a senda que os conduzirá com mais segurança á celeste mansão!

E era mesmo um livro muito util, cheio de eloquentes lições e notaveis exemplos de virtude e piedade!

Pertenceo a um varão respeitavel, que, lendo-o, tanto se encantou, tão santo e digno de estima julgo-o, que cuidava d'elle com o maior esmero e cuidado: todos os dias, durante algumas horas, extasiava-se diante d'elle, porque a sua leitura constituia os mais deliciosos passatempos de seus cansados dias. Que vida feliz e tranquilla gozava então o nosso livro! Quanto o invejarão os outros livros, que, lançados em um armario, ahí permanecião sem que alguém d'elles se lembrasse!

Porém... pela razão de ser essa vida feliz, devia ser pouco duradoura, porque a existencia de um livro parece-se nisso com a existencia do homem: tem variantes de ventura e de desventura.

Por sua morte, legou o digno ancião o seu livro predilecto a um pai de familia, como o mais precioso legado que lhe podia deixar. Este fez do livro o mais elevado conceito; tão alto, que suppoz não poder emprega-lo melhor do que entregando-o a seu filho, menino de doze annos de idade, para com sua leitura formar o seu tenro coração e dispô-lo cedo á prática da virtude e da honrdez.

Ah! chegou então a epocha a mais tormentosa da vida do pobre livro! Todas as passadas torturas que padecèra com o lavrador, com o cardador, o tecelão, o lojista, o alfaiate, a costureira, o peralvilho, a lavadeira, a engomadeira, o escravo, o trapeiro, o fabricante de papel, o impressor e o encadernador, nada erão, comparadas aos martyrios que lhe dava o tal aprendiz de homem de bem!

Jogava com elle a peteca, tirava-lhe as estampas, arrancava-lhe a hella capa aos pedaços, rabiscava-lhe as folhas, rasgava umas, recortava outras com a tesoura; quando o soletrava, escancarava-o horrivelmente, dizia despropositos a cada passo; encheo-o de bonecos e figuras extravagantes, d'aquellas que só a cabeça de uma criança pôde produzir; entornou-lhe o tinteiro por cima; por vezes deixou-o cahir no lama; até que em um bello dia, ou antes uma bella noite de S. João, encantado diante de uma crepitante fogueira em torno da qual saltavão alegres os seus pequenos e turbulentos camaradas, teve a funesta inspiração de nella lançar o seu livro.

Pobre martyr!

A princípio estorceo-se todo á força das dôres, semelhante a uma victima da Inquisição; suas folhas se enrolarão como as arvores do deserto ao sopro abrasador do suão; de brancas que



erão, tornarão-se amarelladas, depois pardas; breve a chamma envolve-o todo; ficou o livro incandescente, e transformou-se em uma brilhante lingua de fogo branca, vermelha e azulada, que derramou em torno de si uma viva claridade.

Pouco a pouco a chamma foi-se enfraquecendo e o livro reduzindo-se a luminosas faiscas, que, semelhantes a uma infinidade de estrellas, se arrojão a grande altura, subindo para os espaços celestes.

Já prestes a extinguir-se totalmente, ouviu-se um confuso e brado crepitar: era o abrasado livro que se despedia do mundo, em que tanto padecèra.

—Eis chegado o meu fim!... Bemditos os tormentos que soffri, visto que a final vou repousar eternamente na mansão celestial d’onde tive origem!... Louvores se vos dêem por todos os seculos, ó sabio Distribuidor de bens, pela vossa sabedoria e clemencia!... Para o meu último instante reservastes a mais subida gloria: fizestes dimanar de mim o calor, que é o princípio da vida, e a luz, que é o attributo da Divindade!... Bemdito sejais!...

---

Christãos, meditai sobre esta lição.

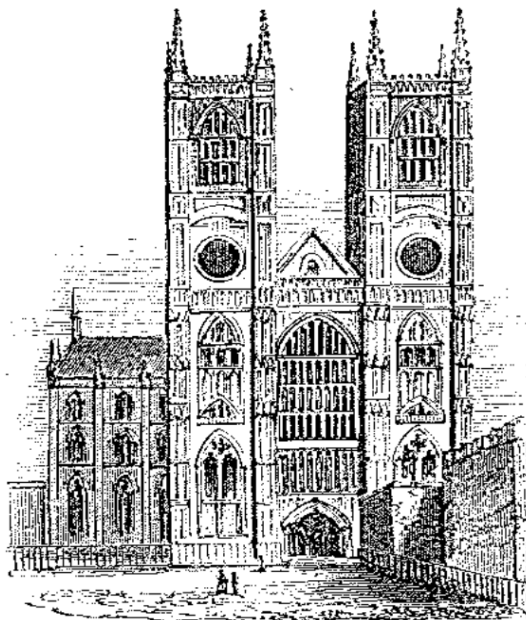
Imitai o algodoeiro, que em suas diversas transformações fez como deve fazer o verdadeiro justo: louvar o nome do Eterno no momento da dôr, e render-lhe graças depois d’ella passada!

Sêde pacientes; não vos deixeis vencer pelas tristezas passageiras d’esta vida. Resignai-vos: a adversidade é a seiva que faz brotar a virtude no coração humano.

É como as plantas odoríferas, na bella phrase de um illustre escriptor, que desprendem os mais vivos perfumes quando são maceradas.

No infortunio se exalta o sabio, assim como nas brasas é que rescende o incenso.

Não maldigais vossa sorte nem amaldiçoeis o que vos offende. Lembrai-vos do que diz S. Germain: O christão deve supportar as injurias da sorte como a arvore do sandalo, que, no momento em que cahe, cobre de perfume o machado que o derruba.



F.

### 4.3 Análise: referências, características e repetição de temas em “Lúcia”

O conto intitulado “Lucia” já desperta certa lembrança de nosso autor, o Bruxo do Cosme Velho, pois há um poema seu de mesmo nome. As semelhanças também se encaixam na situação referente a utilização de nomes de mulheres em títulos de contos, “Diana”, “Helena”, “Iáia Garcia”, D. Mônica, Milóca e tantas outras. A trama, assim como tantas outras que Machado desenvolveu nesse periódico, nos conta a história de José, um rapaz jovem, de apenas vinte anos, filho do comandante local, que queria se casar com Lucia, cuja família desfrutava de boa posição social e financeira. O casal se conhece às escondidas e se apaixona. José, apesar de ser um rapaz de “coração de ouro”, como diz o conto, tinha “um defeito que o mundo não perdoa”, que era ser pobre. Isso o impediu de casar-se com Lucia, visto que seu pai não permitiu que o rapaz pedisse a mão de sua filha em casamento, mesmo com a promessa de José de que não deixaria de trabalhar para prover tudo o que Lucia precisasse.

Com o coração despedaçado, José vai a capital tentar a vida, com objetivo de estudar ou fazer algo que lhe permita ganhar a confiança do velho. Enquanto ele parte, Lucia é acometida por uma doença, aquela que permeia também os contos machadianos no *Jornal das Famílias*, isto é: a loucura e a atração pela morte. Isso nos permite retomar a seguinte afirmação de Peregrino Junior (1938, p. 114): “seus assuntos favoritos são sempre: O mistério da vida, as dúvidas do espírito, o isolamento do homem, a atração secreta da morte, a inutilidade de tudo e de todos”. Lucia, tomada por uma tristeza profunda, retrata bem essa parte com a inscrição das lágrimas que caem de seu rosto, bem como seus soluços abafados. O estado da moça, que se agravava dia após dia, é muito bem construído com um signo bastante marcado na escrita machadiana, seus *olhos*:

Mas o estado de Lucia se agravava de dia em dia: as faces caíam-se-lhe, e os olhos, perdendo aquela expressão de suavidade que tanto lhe admirávamos, tornaram-se brilhantes, mas d’esse brilho que indica o devorar da febre, como o brilho que lampeja no olhar do louco. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p. 196)

O tema da loucura e da morte aparecerá por diversas vezes após 1863 no *Jornal das Famílias*, como nos contos “Sem olhos”, “Decadência de dois grandes homens” e “Anjo Rafael”, que aborda a insanidade individual. Os familiarizados com as narrativas e contos fantásticos de Machado se recordarão de alguns outros contos — sobretudo o texto “O alienista”.

Além disso — isto é, do tema da loucura e da morte —, podemos destacar a obsessão de Machado em descrever personagens femininas muito detalhadamente:

Merece exame especial, pela sua singular significação, a preferência de Machado de Assis por certos temas: Os braços, olhos, os cabelos das mulheres. Temas todos eles de sentido erótico, a insistência sensual, docemente voluptuosa, com que o romancista os toma e retoma a cada passo, em vários livros de épocas diferentes, deixa entrever certos complexos freudianos, certa tendência fetichista, que os biógrafos jamais assinalaram, mas que tem sem dúvida alta importância na sua vida e obra. (PEREGRINO JUNIOR, 1938, p. 103)

Sendo ou não Machado de Assis o autor desse conto, nota-se o demasiado cuidado e atenção nas descrições dos cabelos, olhos, lábios e pele da moça:

Lucia, a filha mais moça, era uma linda e interessante menina de quinze anos, viva, gentil como a gazela do deserto. Conheci-a eu. Era alta, esbelta, morena, mas d'esse moreno acetinado, d'esse, moreno de jambo como só tem as filhas da nossa terra. Nunca vi em olhos de ninguém tanta expressão, tanta beleza como nos olhos dela; eram olhos que sorriam, que falavam, que brincavam, meigos às vezes, dardejantes outras, mas sempre expressivos, sempre belos. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1864, p. 194)

Essa descrição prossegue no decorrer da trama, mudando de acordo com o adoecimento e perda de juízo da personagem. A palavra “olhos” aparece exatamente dez vezes durante toda a narrativa, fator curioso em se tratando de uma obsessão machadiana. De acordo com Peregrino Junior (1938, p. 108): “não só os cabelos e os braços: os olhos femininos também serviam de eixo para a gravitação gliscroide do pensamento do escritor. Sem falar das suas poesias, onde canta assiduamente os olhos das musas, ele insiste muito no motivo sem vários dos seus livros de prosa”. Jamais poderíamos nos esquecer da fixação pelos olhos de Capitu em *Dom Casmurro*, e das descrições dos olhares de Virgília em *Brás Cubas*. Lucia, no desfecho dessa narrativa, ao declarar que somente se uniria ao seu amado após a morte, decide tomar uma decisão definitiva dando fim ao seu sofrimento. A personagem, então, atira-se em um tanque de água fervente que havia sido preparada para o seu banho. A partir disso, ela sucumbe ao sofrimento e, em pouco tempo, padece em seu leito de morte.

O trágico destino de Lucia, ao morrer por amor, se repete em alguns contos de Machado de Assis publicados no *Jornal das Famílias*. O mesmo desfecho narrativo, contudo, mais próximo do destino de Lucia, acontece com Marcelina no conto “Cinco Mulheres”. Marcelina se apaixona pelo seu cunhado e, ao saber da impossibilidade de viver esse amor, vai às últimas consequências, padece em tristeza, e morre:

Devo morrer deste amor. Sinto que é o primeiro e o último. Podia ser a minha vida e é a minha morte. Por quê? Deus o quer.  
 Não viu ele nunca que era eu a quem devia amar. Não lhe dizia acaso um segredo instinto que eu carecia dele para ser feliz? Cego! foi procurar o amor de outra, tão sincero como o meu, mas nunca tão grande e tão elevado! Deus o faça feliz!  
 Escrevi um pensamento mau. Por que me hei de revoltar contra minha irmã?  
 Não pode ela sentir o que eu sinto? Se eu soffro por não ter a felicidade de

possuí-lo não sofreria ela, se ele fosse meu? Querer a minha felicidade à custa dela, é um sentimento mau que mamãe nunca me ensinou. Que ela seja feliz e sofra eu a minha sorte.

Talvez eu possa viver; e nesse caso, ó minha Virgem da Conceição, eu só te peço que me dês a força necessária para ser feliz só com a vista dele, embora ele me seja indiferente.

Se mamãe soubesse disto talvez ralhasse comigo, mas eu acho que...

O papel achava-se interrompido neste ponto.

O médico acabou estas linhas banhado em lágrimas. A mãe chorava igualmente. O segredo confiado aos dois morreu com ambos.

Mas um dia, tendo morrido a velha mãe de Marcelina, e procedendo-se ao inventário, foi achado o papel pelo cunhado de Marcelina... Júlio conheceu então a causa da morte da cunhada. Lançou os olhos para um espelho, procurando nas suas feições um raio da simpatia que inspirara a Marcelina, e exclamou:

— Pobre menina!

Acendeu um charuto e foi ao teatro. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1996, p. 158)

No final, mesmo ciente da morte da cunhada, o rapaz não se comove — não sente, inclusive, remorso ou tristeza. Machado finaliza a narrativa afirmando que o rapaz, em atitude totalmente tranquila, acende um charuto e vai ao teatro, de modo a realçar, talvez, uma fina e discreta ironia acerca dos homens daquele período. Situação semelhante acontece com o personagem José, que queria se casar com Lucia. Assim que ela partiu, é comentado que ele foi monitorado, pois tinham medo de que ele também tirasse a própria vida.

“P.S —Morreu a infeliz!... Eram sete horas da noite e exalava o último suspiro... Morreu como mártir e como santa... No último lampear da vida, lucidas se lhe tornarão as faculdades mentais. Em voz que comovia a todos, vibrante e segura, pediu perdão a Deus do crime que cometera, a família do desgosto que lhe causara, a sociedade do mau exemplo que lhe dera. Recebeu com profunda contrição os sacramentos da Igreja, e depois, cruzando os braços, exalou o último suspiro.)

— E o moço? Perguntei comovido.

— O moço, disse o meu amigo, engordou, tornou-se capitalista, casou-se, tem filhos e vai às partidas do club. (JORNAL DAS FAMILIAS, 1863, p. 198)

A narrativa é encerrada, portanto, do mesmo modo que o conto “Cinco Mulheres”, que gira ao redor da personagem Marcelina. Comparar a forma por meio da qual os contos são encerrados nos diz muito a respeito das relações da época. Por um lado, as moças tinham tendências a não aceitarem o que o destino lhes reservava — seja um casamento não aprovado pela família ou mesmo o surgimento de outros obstáculos —, a ponto de sucumbirem lentamente à loucura e à morte. Do outro, os personagens seguiam suas vidas de forma tranquila, sem nenhum empecilho armado pelo destino.

Outro conto — publicado no *Jornal das Famílias* em 1871 — que também narra algo similar intitula-se “Mariana”. O principal narrador da história, de nome Coutinho, conta toda a trajetória do amor de uma “agregada” de sua casa. Esta, atravessa a narrativa

consumida por um amor impossível de ser realizado. A frustração e a dor experienciada pela personagem é tão forte que, no fim, ela acaba falecendo. O narrador, contudo, ao encerrar o seu relato, parece seguir com sua vida sem dor e sem remorso, comprovando que no fundo não se importou com a morte da moça.

Coutinho concluiu assim a sua narração, que foi ouvida com tristeza por todos nós. Mas daí a pouco saíamos pela Rua do Ouvidor fora examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas. Duas horas de conversa tinha-nos restituído a mocidade. (ASSIS, 2019, p. 85)

Assim, concluo que a comparação dos desfechos das narrativas aqui mencionadas, se não ajudam no processo de comprovação da autoria machadiana, ao menos nos permite refletir a respeito do comportamento masculino oitocentista. A forma por meio da qual os personagens masculinos seguem suas vidas — mesmo após as decepções amorosas — define muito bem que as mulheres do período ainda tinham muito o que evoluir em termos de emancipação e identidade, visto que elas, pelo menos nas narrativas, simplesmente sucumbiam com um caso de amor malsucedido. O patriarcado era forte, e talvez Machado quisesse, mesmo que de maneira muito sutil, retratar essa situação.

#### **4.4 Transcrição do conto de 1863 assinado por F.**

Lucia

Na bela e pitoresca villa de Itaparica, um sitio balão encantador e tão lindo, que attrahe constantemente as vistas dos nacionais e estrangeiros que a visitão.

Chama-se a — Eminencia.

Bello é ir ahi, nessas lindíssimas e perfumadas manhãs da nossa terra, contemplar o sol que nasce: bello é ir aspirar á tarde o aroma das brizas, ouvir o bulício das folhas; e sentar-se á sombra das mangueiras copadas, a ver o sol reclinar-se no occidente.

Ahi fui um dia. Nunca meus olhos havião admirado tão encantador panorama. Em pé no alto da collina, contemplava as ondas azuladas do mar, que, rolando e formando extensos lençoes d'espuma, vinhão lamber as areias da praia, e lá, ao longe, como um imenso presepe, a capital da província, á semelhança de fada enamorada a lavar os lindos pés no azul das aguas da bahia.

Na extremidade da villa, em uma ponta que se estendia para o mar, via-se a velha fortaleza que lhe defendèra outr'ora a entrada no ataque que contra ela movéra a esquadilha inimiga nas lutas da independencia.

Bem denodada que se mostrou... hoje porém é um montão de ruínas, de paredes que desabão, sem que se lembrem os que tem obrigação de lembrar-se de mandarem restaurar e conservar aquelle monumento das nossas glorias passadas.

E quando absorto, estendendo as vistas pelo espaço, fazia a sós as reflexões que ahí deixo escritas, senti bater-me no hombro o amigo que me acompanhava.

— Olhas para a fortaleza, disse-me; não vale a pena olha-la: são ruínas do que já foi grande e imponente.

— E porque não a restaurão?

— Porque? ... Deixemos porém isso, e ouça a historia que lhe vou contar, e que é como o laço que a prende á eminencia em que nos achamos.

E o meu amigo começou a falar:

— Era o anno de 18.....

Ali, naquela bonita casa que vès lá em baixo tão pittorescamente situada, morava uma família respeitável, proprietária d'este sitio, que tão aprazível achamos.

Lucia, a filha mais moça, era uma linda e interessante menina de quinze anos, viva, gentil como a gazela do deserto. Conheci-a eu. Era alta, esbelta, morena, mas d'esse moreno acetinado, d'esse, moreno de jambo como só tem as filhas da nossa terra. Nunca vi em olhos de ninguém tanta expressão, tanta belleza como nos olhos d'ella; erão olhos que sorrião, que fallavão, que brincavão, meigos ás vezes, dardejantes outras, mas sempre expressivos, sempre bellos.

Notára a família que rápida transformação se havia operado no character de Lucia: pensativa, seria, quando até então era risonha, descuidosa e alegre, levava horas inteiras encerrada em seu quarto, e as tardes passava-as solitária no cimo da eminencia.

E quando lhe perguntavão a razão de semelhante transformação, de tão insipido viver, murmuravão-lhe os lábios não sei que palavras e vivo carmesim lhe coloria as faces.

O commandante da fortaleza tinha um filho, bello mancebo de vinte annos, de apparencia gentil, e que distinguia-se entre os demais moços da villa pela amabilidade de maneiras, distincção de trato, e certa queda que tinha para o que a linguagem moderna chrismou de — romantismo.

E quando á tarde Lucia, só, com um livro, subia a ladeira da eminencia e ia scismar, que não ler, á sombra das mangueiras que a cobrem, estendendo os olhos para a fortaleza, via também no torreão, a scismar como ella, e triste e só, o bello mancebo, filho do commandante.

Dizião as más línguas da terra que mutua sympathia havia prendido a ambos.

Começarão a falar a linguagem muda dos olhos, depois a mais expressiva dos signaes, e quando, ao descahir do sol, a escuridão da noite envolvia a terra, bem que se não podessem mais ver, ainda dou lenços alvos, sobresahindo por entre as trevas, se fallavão no espaço.

E depois começarão as cartas, e depois as entrevistas.

E o mancebo, que até então evitava as reuniões, procurava agora frequentar aquellas que sabia frequentava a família de Lucia.

José era um nobre mancebo... O nome é prosaico, mas tinha um coração de ouro.

Bem que filho de um homem respeitável pela sua posição e caracter, tinha o mancebo um defeito que o mundo não perdoa... era pobre.

Pobre!... e no entanto bem quente sentia o coração a arder-lhe no peito, e no entanto amava Lucia com essa intensidade, com esse delírio que transformão o homem, que lhe mudão a essência e que lhe tornão a vida ou um paraíso de delicias ou um inferno de tormentos.

E quanta vez não derramou no papel os sentimentos que lhe transbordavão do peito, e quanta poesia intima, ardente, não lhe surgio do cérebro escaldado.

Algumas conheço eu: são cantos de amor, são hinos a Deos, á maneira do ciciar da briza nas folhas das mangueiras ao descahir da tarde; são votos fervidos, apaixonados, de um coração que ama; outras, porém, são como o delirar do desespero, o grito rouco do desalento, como o bramido da tempestade que estoura ao longe.

Corrião os lindos dias de dezembro... Era uma tarde como esta, e, segundo costumava, havia Lucia subido a ladeira, e aqui, sentada na relva, lançava os olhos pelo espaço, e via o mar sereno e tranquillo a estender-se pela praia.

Um que de inquietação se lhe notava no semblante pallido: parecia esperar... O sino da matriz chamava os fieis á oração da tarde... Era essa hora tão melancólica e doce que tanto falla á alma, que tanto se harmonisa com um coração que ama; essa hora que Garret cantára em tão maviosos versos, e que em outros tão sentidos descreveo o sceptico poeta que teve Albion por berço e Missolonghi por tumulo:

*Ave Maria! This the hour of prayer'*

*Ave Maria! This the hour of love!*

A noite estendia-se já pela terra, e quanto mais se adiantava, tanto mais viva era a inquietação da moça.

De repente sentio um ruido, como de folhas que se agitão; depois, por entre as bastas de mangueiras, assomou o vulto de um homem.

— Lucia! disse ele, minha boa Lucia! aqui estou... Não me foi possível vir mais cedo!

— Tambem mais cedo seria arriscarmo-nos murmurou a moça.

E sentárão-se, occultos pela folhagem, e fallárão por muito tempo... Ninguem os ouviu... Escutou-lhes Deos os juramentos que se fizeram, e levou-lhes a briza as expressões de seu amor.

Era noite cerrada quando erguêrão-se.

— Coragem! Disse Lucia: meu pai não recusará fazer minha felicidade.

— Deos te ouça! mas dará ele sua filha a um homem cujo unico tesouro é o seu amor?

— Tenta e pede-me em casamento; e depois, não crès em mim?... não nos desposámos já á face dos céos?

— Sim, mas...

—Ouve, José: não podes compreender quanto vai aqui de affecto no coração; não sabes de quanto é capaz uma mulher que ama. Ouve bem, acrescentou em tom baixo, serei tua, porque já te dei o coração que tinha; serei tua, porque me será impossível viver amarrada ao poste de outro homem: serei tua, ou então... desposarei a morte.

E separarão-se.

No dia seguinte dirigio-se José á casa do pai de Lucia e pedio-a em casamento.

— Não duvidaria dar-lhe minha filha, respondeo o velho; mas que me tem o senhor para trata-la com a distincção a que tem direito, com as commobidades a que está habituada?

— Oh! Eu trabalharia, senhor, trabalharia noite e dia para cerca-la de commobidades, para fazer-lhe a vida risonha e prazenteira.

— Isto é bom de dizer, meu amigo; mas não passa de palavriado. Estimo-o muito, acredite; aprecio-lhe o character; mas é minha obrigação também velar sobre o futuro da minha filha.

— Então...

— É minha ultima palavra: sinto muito, mas não poderei consentir em semelhante casamento, que aliás muito me honraria pela família a que o senhor pertence, pelas qualidades que o distinguem.

E retirou-se José com a morte dentro d'alma.

Agora, disse-me o narrador tirando da carteira uma carta já amarelada, agora ouça a leitura d'este papel, que d'aqui dirigio-me um amigo. É a continuação da historia que lhe estou narrando:

(( Como sabes, não se poudo realizar o casamento da interessante Lucia.

(( Oppoz-se o pai e foi inflexível. José retirou-se para a capital: foi ver se a fortuna lhe sorria, se podia em breve, pelo commercio ou pelas letras, adquirir uma posição, conquistar um futuro. Isto já te mandei dizer; mas o que ainda não sabes, o que tem enchido a população d'esta villa de consternação e de luto, é que a pobre Lucia está a expirar, é que a infeliz abreviou os dias, que ainda risonhos e felizes lhe poderião ser.

(( Depois da repulsa que soffrèra o mancebo, tristeza mortal se apoderou da moça. Vio-o a família; mas esperou que o tempo fosse trazendo algum allivio ás sua dõres depois de alguns dias amargurados, de algumas lagrimas derramadas na solidão, de alguns soluços abafados... e que depois viria o esquecimento e a calma... ou que estão os esforços do moço mudarião a face de sua fortuna.

(( Mas o estado de Lucia se agravava de dia em dia: as faces caárão-se-lhe, e os olhos, perdendo aquella expressão de suavidade que tanto lhe admirávamos, tornarão-se brilhantes, mas d'esse brilho que indica o devorar da febre, como o brilho que lampeja no olhar do louco.

(( E, de feito, notava-se-lhe um quer que seja de desarranjo mental: proferia muitas vezes palavras incertas, vagas, sem nexo: ria-se com esse rir sem alegria, com esse rir que faz eriçar os cabelos...

(( Erão bem patentes os symptommas da loucura.



(( Evitando a companhia da família, vião-na só, sempre só. Subia á tarde á eminencia, e, imóvel como a estatua do Desalento, estendia os olhos pela imensidade do oceano, como se além d'elle, no espaço que o limita, concentrasse todos os seus votos, toda a aspiração de sua alma.

(( De ha muito que não vião-a mais chorar; porém mais cavadas tinha as faces, mais brilhantes os olhos, mais desconcertadas as ideias, mais desalinhado o trajar... Parecia querer morrer! Assustada a família, escreveo a José, solicitou o seu auxilio, prometteo-lhe tudo, uma vez que a salvasse.

(( Em balde!... O desalento esmagára aquelle coração de virgem!... Só Deos poderia salva-la.

(( Triste foi a entrevista entre os dous; mas nem uma lagrima se deslizou pelas faces de Lucia, nem um sorriso, sequer, lhe pairou nos lábios.

((— É inútil tudo, disse ella ao desperdi-se... meu véo de noiva será a mortalha do sepulcro... Está escrito no céo que só no céo nos uniremos... Nada mais quero da terra!

(( No dia seguinte desejou tomar um banho. Acompanhada de uma criada, dirigio-se ao lugar em que se achava a banheira.

(( Era nas imediações da casa.

(( Ao lado fervia em um tanque a aguardente, que corria do alambique por meio de tubos. A misera contemplou-a por um momento de silencio... pensamento sinistro de morte lhe pairava na mente... o genio do mal piava-lhe aos ouvidos conselhos do inferno... A mesquinha succumbio.

(( Esqueci-me da toalha, disse á criada; vai busca-la.

(( E quando vio todos distrahdos, sem hesitar um momento debruçou-se no tanque, e em um momento a agua, que não fevia mais, porém que ainda conservava gráo intenso de calor, lhe queimava as carnes.

(( A dôr, a dôr horrível lhe arrancou um grito, grito de morte que congelou o sangue dos que o ouvirão. Outro grito respondeo ao d'ella. Rapido como o pensamento, correo um dos escravos que trabalhavão no alambique, decruçou-se sobre a misera e puxou-a pelos vestidos...

(( Era horrível!... Imagina como devia achar-se!... Fazia dó vê-la... Mas nem um gemido soltára, nem um ai se lhe ouviu gemer; a dôr ás vezes contrahia-lhe o semblante, porém mudos se lhe conservarão os lábios.

(( Hoje vai mal; nenhuma esperanza há de restitui-la á vida; espera-se a cada momento que expire.

(( Quanto ao moço, conservão-o em custodia. recea-se-lhe também pela vida, e já lhe arrancárão um punhal que tinha guradado...))

(( P.S —Morreo a infeliz!... Erão sete horas da noite e exhalava o ultimo suspiro... Morreo como martyr e como santa... No ultimo lampear da vida, lucidas se lhe tornarão as faculdades mentaes. Em voz que comovia a todos, vibrante e segura, pedio perdão a Deos do crime que commettèra, á família do desgosto que lhe causára, á sociedade do máo exemplo que lhe dera.

Recebeo com profunda contrição os sacramentos da Igres, e depois, cruzando os braços, exalou o ultimo suspiro.))

— E o moço? Perguntei comovido.

— O moço, disse o meu amigo, engordou, tornou-se capitalista, casou-se, tem filhos e vai ás partidas do club.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível verificar, ao longo desta dissertação, que ainda há muitas investigações que demandam mais tempo e atenção dos pesquisadores da obra machadiana, principalmente no que diz respeito à juventude e à escrita de folhetim do autor. O *Jornal das famílias* abriga até hoje uma enorme lista de pseudônimos, abreviações e anônimos que não foram reconhecidos por ninguém, estando arquivados e esquecidos nas bibliotecas nacionais como documentos de grande importância, mas sem que alguém esteja trabalhando com esses cadernos e pesquisando tudo o que eles ainda podem oferecer como forma de documentação histórica da nossa sociedade oitocentista, sobretudo ao que se refere à transformação e à caminhada de Machado de Assis enquanto escritor.

Verifica-se também que essa empreitada seria longa e extensa caso tivéssemos optado por ampliar nossos objetivos e nossas análises, visto que não teríamos tempo hábil que desse conta de abordar todos os detalhes descobertos ao longo desses quase três anos de intensa pesquisa. Por meio dela, contudo, foi possível notar que poemas, crônicas e contos a respeito dos quais não se tem nenhum registro de autoria estão sob capas e poeiras, seja na França ou no Brasil. Esses textos ultrapassam a inscrição de mera “amenidade”, termo já bastante utilizado para se referir ao jornal aqui investigado. O olhar atento, observador e conhecedor — este, carregado de paciência e dedicação — pode ainda revelar obras importantes mascaradas nos cadernos que vão de 1863 a 1878.

Infelizmente não foi possível abordar todos os detalhes que gostaríamos de abordar nessa pesquisa, seja por conta do tempo, seja pela quantidade de informações pertinentes que tratam da obra de Machado e do *Jornal das Famílias*. Acreditamos, por outro lado, que as informações contidas aqui são de grande ajuda não somente aos pesquisadores machadianos, mas àqueles que ainda se interessam pela cultura e história da literatura do Rio de Janeiro oitocentista. Assim, encerramos com reflexão voltada às narrativas aqui tratadas, isto é: independentemente de a escrita dos textos aqui analisados terem sido publicados sob pseudônimos, acreditamos que eles compõem a quarta camada de contos machadianos.

À guisa de conclusão, portanto, parafraseamos Magalhães: que leiam essas páginas os conhecedores de Machado e aqueles que por ele se interessam; observem e atentem-se aos elementos presentes em sua escrita. Caso não concordem com os fatos apontados, que refutem com suas razões, sejam elas de grande peso ou não.

## REFERÊNCIAS

### DE MACHADO DE ASSIS:

ASSIS, Machado de. *A Poesia Completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Semana: crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora Hucitec, 1996a.

\_\_\_\_\_. *Balas de estalo*. Org. Heloisa Helena Paiva de Luca. São Paulo: Annablume, 1998.

\_\_\_\_\_. *Bons Dias!* Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. *Comentários da semana*. Organização, introdução e notas de Lúcia Granja e Jefferson Cano. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Contos avulsos*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996b.

\_\_\_\_\_. *Contos e Crônicas*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

\_\_\_\_\_. *Contos esparsos*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996c.

\_\_\_\_\_. *Contos esquecidos*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996d.

\_\_\_\_\_. *Contos Recolhidos*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956a.

\_\_\_\_\_. *Contos sem Data*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956b.

\_\_\_\_\_. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Editora Unicamp, 2008b.

\_\_\_\_\_. *O Futuro*. Introdução, organização e notas de Rodrigo Camargo de Godoi. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

\_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Vol. 1-4. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015.

\_\_\_\_\_. “Um apólogo” In: \_\_\_\_\_. *Todos os contos*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 247-249.

ASSIS, Machado de.; NABUCO, Joaquim. *Correspondência*. Prefácio de José Murilo de Carvalho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

## **SOBRE MACHADO DE ASSIS:**

AZEVEDO, Sílvia Maria. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das famílias aos contos e histórias em livro*. 1990. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. *De Revista Popular a Jornal das Famílias: A imprensa carioca do século XIX a serviço dos interesses das famílias brasileiras*. Belo Horizonte: 2. Congresso Abralic – Literatura e memória cultural, 1991.

\_\_\_\_\_. Joaquim Norberto: o nacional e a história. In: *Continente sul Sur. Revista do Instituto Estadual do Livro*. Porto Alegre, n. 2, p. 133-148, 1996.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Typographia nacional, 1883. Disponível em: [11nq.com/aPBh7](http://11nq.com/aPBh7)

CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. “Machado de Assis nas folhas públicas oitocentistas”. In: ZILBERMAN; Regina; SARAIVA; Juracy Assmann. *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, p. 299-316.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis contista: dos salões às páginas de jornal*. São Paulo: Alameda, 2021.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo, Rio de Janeiro: Global, Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001.

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis e o processo de criação literária*. São Paulo: Edusp: Nankin, 2014.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.

CUNHA, Fernanda Oliveira. *Moralidade e bons costumes nos contos de Machado de Assis (Jornal das Famílias, 1864-1878) e de Marmontel (Mercure de France, 1761-1765)*. 2020. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2020.

GLEDSON, John. “Introdução”. In.: ASSIS, Machado de. *A Semana: crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. “Os contos de Machado de Assis: O Machete e o violoncelo”. In.: ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRANJA, Lúcia; GLEDSON, John. Introdução. In.: ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

\_\_\_\_\_. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. In: *Floema*. vol. 2 n. 9, p. 147-158, 2011.

GRANJA, Lúcia; CANO, Jefferson. Introdução. In.: ASSIS, Machado de. *Comentários da semana*. Organização, introdução e notas de Lúcia Granja e Jefferson Cano. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

\_\_\_\_\_. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. 2ª ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2012.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTEYN, Ieda. *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares (1908-1939)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2017.

HANSEN, João Adolfo. “Autor”. In.: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da Crítica: Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Machado de Assis*. 2ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Academia Brasileira de Letras; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2021.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. “As repetições de Machado de Assis”. In. \_\_\_\_\_. *Machado de Assis*. São Paulo: LISA/Livros Irradiantes, 1971.

\_\_\_\_\_. *A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres*. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.

\_\_\_\_\_. *Ao redor de Machado de Assis (pesquisas e interpretações)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958.

\_\_\_\_\_. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1958.

\_\_\_\_\_. *Contos fantásticos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1955.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: vida e obra*. Vol. 4. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília: INL, 1981.

MARTINS, Ana Luiza. A produção de uma nova mulher: Revistas Femininas. *In.: Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Fapesp, Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p. 371-377.

MASSA, Jean Michel. *Dispersos de Machado de Assis*. Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1965.

\_\_\_\_\_. *A Juventude de Machado de Assis – 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. São Paulo: UNESP, 2009.

MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de Dom Pedro II*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro. *In.: Machadiana Eletrônica*, Vitória, vol. 1, n. 1, 2018, pp. 65-73.

PEREGRINO JÚNIOR, João. *Doença e constituição de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1938.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: Edusp, 1988.

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade - O Jornal das Famílias (1863-1878)*. 2007. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

\_\_\_\_\_. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

ROSSO, Mauro. *Contos de Machado de Assis: relicários e raisonnés*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

SANTOS, Fernando Borsato dos. *As assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações da autoria*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SILVA, Jaqueline Padovani da. *Desta para melhor: a presença das viúvas machadianas no Jornal das Famílias*. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp/Cultura Acadêmica, 2015.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Com. Ed. Nacional, 1977.

SILVEIRA, Daniela Magalhães. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. 2005. Dissertação. (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

SOUZA, Ana Paula Cardozo de. *Machado de Assis e a República de “A Semana”:* *Literatura, Imprensa e Práticas Populares (1892-7)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

TEIXEIRA, Ivan. *O Altar e o Trono: Dinâmica do Poder em O Alienista*. São Paulo: Ateliê Editorial: Unicamp, 2010.

TELES, Adriana da Costa. *Machado e Shakespeare: intertextualidades*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017.

### **PERIÓDICOS CONSULTADOS:**

Jornal das Famílias. Hemeroteca digital Brasileira. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx> e <http://gallica.bnf.fr>.

Mercure de France. Biblioteca Nacional da França – Gallica. Disponível em:  
<http://gallica.bnf.fr>.



## ANEXO A - Fac-símile de “Conto moral”



## CONTO MORAL



a encosta de uma collina inculca e pedregosa balançava-se brandamente, açoutado pela viração da tarde, um algodoeiro, cujas flores grandes e amarellas, de que, estava carregado, mal consentião que se descobrissem suas folhas.

E as outras plantinhas e arbustos que vegetavão no valle que circumdava a collina escuruçião e mofavão d'elle.

— Vêde o infeliz, dizião ellas, e quão digna de lastima é a sua sorte! Enquanto que nós nascemos e habitamos um solo humido, fofo e nutritivo, o misero mal se sustem com suas raizes mettidas pelas frestas do rochedo e pelos interstícios das pedras, tirando o sustento dos detritus e do pó tocado pelos ventos! Nós, abrigadas pela collina, apenas sentimos a aragem fresca que nos regala; desconhecemos os tuões e pés de vento que elle é obrigado a supportar, curvando-se até o chão e em risco de ser arrancado a todo o momento! A chuva e o orvalho que cahem no valle nelle se demorão, dando-nos tempo a que apreciemos até a sua ultima gotta; mas a agua que cahê na collina desce com rapidez, e mal póde o miseravel apagar a sêde que lhe deve causar o sol ardente que o cresta todo o dia com seus ardentes raios! Tão dura é a sua sorte, que, sendo as nossas flores das formas as mais delicadas e matizadas das mais lindas côres, as d'elle são abrutadas, feias, e sua côr é a da ictericia e da febre amarella! Oh! quão digna de lastima é a sua sorte!

E o algodoeiro, que nada d'isto ouvia, balançava-se brandamente, açoutado pela viração da tarde, murmurando :

— Bendito seja o Autor da criação, que tão prodigo foi de seus dons para comigo! Fazendo-me nascer nesta eminencia, deo-me o ar o mais puro e a mais pittoresca paisagem para alegrar os meus olhos! Nenhum obstaculo se oppõe a que eu receba toda a luz e calor do sol que aquece e faz abrir as minhas flores, a aragem que faz brincar mansamente as minhas follhas e ramos, e a agua que cabe do céu para fazer as delicias de meu tronco e de minhas raizes! O terreno solido em que me apoio não oscilla e foge com os ventos e chuvas, e a inclinação da collina impede que as aguas se demorem junto ao meu pé e afoguem minhas raizes, como succede com as plantas que vivem acolá no valle. As minhas flores são adornadas de vivas côres, e o seu tamanho dá-lhes a vantagem de serem apreciadas desde grande distancia! Oh! sou feliz! Bendito seja o Autor da criação, que tão prodigo foi de seus dons para comigo!

Mas a vida do algodoeiro é como a vida dos homens: tem alternativas de risos e de pranto.

Erão passados poucos dias; as flores tinham cahido, deixando em seu lugar grande quantidade de casulos cheios de avelludada seda alva como a neve que cobre os vertices dos Andes. Vierão então uns homens malfazejos, que despojão o algodoeiro de seus casulos, deixando-o reduzido ás suas folhas e galhos, estes mesmos quebrados e cobertos de cicatrizes e esfoladuras.

Desditosos casulos! quantos martyrios vos erão destinados!... Primeiramente forão violentamente abertos e roubada a sua delicada e nivea pennugem; exposerão depois esta aos abrasadores raios do sol durante alguns dias; espremerão-a horriavelmente entre dous cylindros de madeira para extrahirem-lhe os caroços. Não parou aqui: estenderão-a no chão e baterão-a com varas; rasgárão-a depois com pentes de ferro. Não satisfeitos ainda, torcêrão-a e a esticárão horriavelmente, reduzindo-a a fios compridos, que forão tecidos e derão em resultado o mais bello pedaço de fino algodão trançado que se tenha visto.

E enquanto o enrolavão, formando uma peça, e o depositavão na prateleira, o algodão exclamava:

— Enfin acabárão os meus tormentos!... Oh! quanto soffri!... Homens perversos, a quem nunca tinha offendido, torturárão-me; mas não me faltou a coragem um só momento, nem um queixume meu foi ouvido!... Mas depois... quanto melhorei de sorte!... Ont'ora fechado no meu casulo, preso ao galho, agitado sempre pelos ventos, ora molhado pela chuva, ora queimado pelo calor solar... e hoje... descansado, recostado negligentemente sobre esta prateleira, só desço d'ella para ser examinado e admirado pelos frequentes da loja!

Pobre algodão!... breve ia perder essa felicidade de que tanto se ufanava, sem se lembrar que a vida do algodão é como a vida dos homens, um mosaico de prazer e de infortunio!

Foi vendido, medido aos covados, cortado pela tesoura do lojista, retalhado depois pela do alfaiate, finalmente (requite de crueldade!) picado e atravessado em todas as direcções pela agulha da costureira e furado pela casca-deira!

Depois d'esta ultima tribulação, achava-se o pedaço de algodão transformado em um paletó de gosto, que faria honra aos hombros do mais effeminado peralvilho.

— Salve, ó minha boa estrella! dizia agora o paletó. De hoje em diante data a mais afortunada era da minha vida! Que porvir magestoso se me antolha! Em vez de estar ocioso, enchendo-me de pó na prateleira e ouvindo os ditos insolentes dos compradores (que todos desfazião em mim), vou agora correr o mundo; irei ao passeio, á igreja, ao baile, ao parlamento; viajarei a pé, de carro, a cavallo, embarcado e até em wagon! Em casa, ficarei cuidadosamente estendido no cadide, ou repousando, dobrado com delicadeza, na gaveta da guardaroupa; na rua, abrigado sempre pelo guardasol ou pela coberta do carro! Abençoadas sejam as dôres quando são a causa de melhorarmos de condição e de fortuna!

Com effeito assim foi. O paletó viajou por terra e por mar, por valles e por montes, ao sol, á chuva, ao luar e ao vento, de madrugada e á noite, de dous e de quatro pés, de duas e de quatro rodas. Vio os povos de varias nações, observou os seus usos e costumes, fez visitas, dansou, assistio a exposições de industria e ás sessões de diversos clubs, frequentou os hôtéis, examinou os museos, e tomou parte em todas as discussões, desde as mais banaes até ás da mais elevada transcendência!

Mas... qual é o ente cuja felicidade nunca se desmente? A vida do paletó é como a vida do homem: hoje de luto, á manhã de alegria, e *vice versa*.

De vez em quando lançavão o infeliz em uma bacia cheia d'agua, como para asphyxia-lo; batião com elle contra uma lage; enforcavão-o em uma corda, e a final estendião-o sobre uma mesa e passavão com um ferro quente por todo o seu comprimento e largura.

Tantas vezes repetirão esta serie de malvadezas, que começarão a apparecer sobre elle excoriações e contusões, que passarão rapidamente a feridas e ulceras de tão máo character que forão-lhe lavrando e desorganizando todo o corpo!

Neste lastimoso estado foi abandonado pelo seu barbaro dono, que (horror!) fez d'elle presente a um seu escravo. Ah! julgai agora o que com este soffre-

ria! Cumulo da desdita, ser escravo de um escravo! Para ajuizar de sua tragica sorte, basta dizer que não decorrerão muitos dias, e já o misero jazia em farrapos sobre um montão de lixo em uma praça!

E ali jazeria até final decomposição se um ente mais caridoso não se coadesses d'elle, conduzindo-o para sua casa. E (quem diria?!) esse ente, que parecia tão bondadoso á primeira vista, era um malvado! Por sua mão forão infligidos os mais atrozes soffrimentos ao pobre trapo, que pensou ser chegada a sua ultima hora! Foi esquartejado, cortado em bocadinhos; depois amassado, triturado em um almofariz, deitado a afogar em uma caixa d'agua, mettido em uma prensa, desseccado, lançado em um banho de colla e pedra hume; mas a final vio-se, cheio de pasmo, ir resuscitando sob a forma do mais alvo, liso e transparente papel!

— Oh! maravilha! murmurava elle transportado de jubilo... Nunca pela imaginação me passou, nos meus mais dourados sonhos, que me fosse reservado um tão brilhante futuro! Sem duvida vão escrever sobre mim; vou saber o segredo de encantadoras donzellas, ou conter leis e ordens escriptas pelos poderosos da terra, ou representar grossas quantias! Por mim só posso valer o mais enorme thesouro; e o que vão ser, comparados comigo, o diamante, o ouro, a prata, as saphiras e todas as preciosidades do globo?... Como sou feliz!... Não mais me lamentarei nos meus dias de infortunio: elles quasi sempre precedem os de ventura!...

Coitado! como se enganava!... Elle ignorava sem duvida que a vida do papel tem pontos de contacto com a vida do homem, em que a minutos de prazer succedem horas de desgosto!

Quando menos o pensava, foi entregue a um impressor desalmado que o metteo no prelo e o apertou fortemente, dando-lhe pancadas, e não o deixou em quanto não o vio bem cheio de algarismos e caracteres negros, privando assim o pobre papel da linda côr branca de que se ufanava tanto!

Do impressor passou para o poder de um encadernador, que, ainda mais perverso que aquelle, cortou o desditoso papel em partes iguaes, e, reunindo-as, applicou-lhe sedenhos nas costas, submetteo-o novamente ao martyrio de uma prensa, cortou-lhe as extremidades, e, não sabendo o que mais lizesse, encerrou-o em uma prisão justa de couro!

As angustias forão atrozes, é verdade; mas que importa?... quando ellas findarão, estava o papel transformado em um bello livro, bem impresso, numerado, illustrado com figuras finas e com uma nitida encadernação!...

Oh! como se orgulhou então da nova phase que tomava agora o seu destino!

— Como eu era parvo, exclamava elle mirando-se todo, em alegrar-me

outr'ora, quando não era mais do que um pedaço de papel sem valia alguma! Enchía-me de louco orgulho, julgando-me destinado a representar grossas sommas, sem recordar-me que podia pertencer a algum sordido avaro que me privasse da liberdade e da luz do dia, sepultando-me em um buraco cavado em um muro ou sob o tronco de alguma annosa arvore! Não, não represento milhões; porém as minhas paginas encerrão valores de uma ordem mais subida! Homens sabios derramarão nellas lições elevadas da mais pura moral, da mais acrisolada virtude, da mais transcendente sciencia, para serem ensinadas aos mortaes, afim de illuminar sua intelligencia e torna-los mais uteis á sociedade e mais gratos ao seu Creator! Ah! como é sublime o meu ministerio! Ser o mestre da humanidade, o missionario que vai fallar aos corações para melhora-los e extirpar o vicio, o sabio que deve illustrar os espiritos para fazelos comprehender os altos segredos da sciencia; finalmente, o guia fiel e experiente que tem de indicar aos homens a senda que os conduzirá com mais segurança á celeste mansão!

E era mesmo um livro muito util, cheio de eloquentes lições e notaveis exemplos de virtude e piedade!

Pertenceo a um varão respeitavel, que, lendo-o, tanto se eucantou, tão santo e digno de estima julgou-o, que cuidava d'elle com o maior esmero e cuidado: todos os dias, durante algumas horas, extasiava-se diante d'elle, porque a sua leitura constituia o mais delicioso passatempo de seus cansados dias. Que vida feliz e tranquillã gozava então o nosso livro! Quanto o invejavão os outros livros, que, lançados em um armario, ahí permanecião sem que alguem d'elles se lembrasse!

Porém... pela razão de ser essa vida feliz, devia ser peno duradoura, porque a existencia de um livro parece-se nisso com a existencia do homem: tem variantes de ventura e de desventura.

Per sua morte, legou o digno aucião o seu livro predilecto a um pai de familia, como o mais precioso legado que lhe podia deixar. Este fez do livro o mais elevado conceito; tão alto, que suppoz não poder emprega-lo melhor do que entregando-o a seu filho, menino de doze annos de idade, para com sua leitura formar o seu tenro coração e dispô-lo cedo á pratica da virtude e da honradez.

Ah! chegou então a epocha a mais tormentosa da vida do pobre livro! Todas as passadas torturas que padecêra com o lavrador, com o cardador, o tecelão, o lojista, o alfaiate, a costureira, o peralvilho, a lavadeira, a engommadeira, o escravo, o trapeiro, o fabricante de papel, o impressor e o encadernador, nada erão, comparadas aos martyrios que lhe dava o tal aprendiz de homem de bem!

Jogava com elle a peteca, tirava-lhe as estampas, arrancava-lhe a bella capa aos pedacos, rabiscava-lhe as folhas, rasgava umas, recortava outras com a tesoura; quando o soletrava, escancarava-o horrivelmente, dizia despropositos a cada passo; encheo-o de bonecos e figuras extravagantes, d'aquellas que só a cabeça de uma criança pôde produzir; entornou-lhe o tinteiro por cima; por vezes deixou-o cair no lama; até que em um bello dia, ou antes uma bella noite de S. João, encantado diante de uma crepitante fogueira em torno da qual saltavão alegres os seus pequenos e turbulentos camaradas, teve a funesta inspiração de nella lançar o seu livro.

Pobre martyr!

A principio estorceo-se todo á força das dôres, semelhante a uma victima da Inquisição; suas folhas se enrolarão como as das arvores do deserto ao sopro abrasador do suor; de brancas que erão, tornárão-se amarelladas, depois pardas; breve a chamma envolveo-o todo; ficou o livro incandescente, e transformou-se em uma brilhante lingua de fogo branca, vermelha e azulada, que derramou em torno de si uma viva claridade.

Pouco a pouco a chamma foi-se enfraquecendo e o livro reduzindo-se a luminosas faíscas, que, semelhantes a uma infinidade de estrellas, se arrojavão a grande altura, subindo para os espaços celestes.

Já prestes a extinguir-se totalmente, ouviu-se um confuso e brando crepitar: era o abrasado livro que se despedia do mundo, em que tanto padecêra.

— Eis chegado o meu fim!... Benditos os tormentos que soffri, visto que a final vou repousar eternamente na mansão celestial d'onde tive origem!... Louvores se vos dêem por todos os seculos, ó sabio Distribuidor dos bens, pela vossa sabedoria e clemencia!... Para o meu ultimo instante reservastes a mais subida gloria: fizestes diminuir de mim o calor, que é o principio da vida, e a luz, que é o attributo da Divindade!... Bendito sejais!...

---

Christãos, meditai sobre esta lição.

Imitai o algodoeiro, que em suas diversas transformações fez como deve fazer o verdadeiro justo: louvar o nome do Eterno no momento da dôr, e render-lhe graças depois d'ella passada!

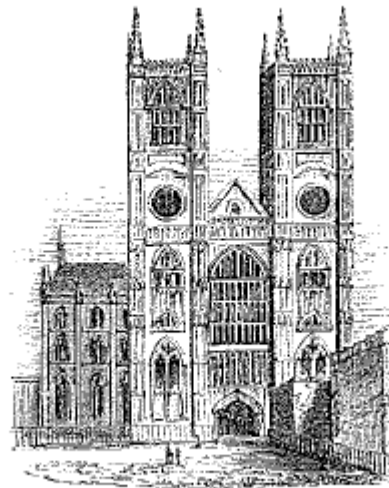
Sêde pacientes; não vos deixeis vencer pelas tristezas passageiras d'esta vida. Resignai-vos: a adversidade é a seiva que faz brotar a virtude no coração humano.

É como as plantas odoríferas, na bella phrase de um illustre escriptor, que desprendem os mais vivos perfumes quando são maceradas.

No infortunio se exalta o sabio, assim como nas brasas é que rescende o incenso.

Não maldigais vossa sorte nem amaldiçoéis o que vos offende. Lembrai-vos do que diz S. Germain : *O christão deve supportar as injurias da sorte como a arvore do sandalo, que, no momento em que cahe, cobre de perfume o machado que o derruba.*

F.



## ANEXO B - Fac-símile de Lucia



## LUCIA



Na bella e pittoresca villa de Haparica, um sítio ha tão encantador e tão lindo, que atrahê constantemente as

vistas dos nacionaes e estrangeiros que a visitão.

Chama-se a — Eminencia.

Bello é ir ali, nessas lindissimas e perfumadas manhãs da nossa terra, contemplar o sol que nasce; bello é ir aspirar á tarde o aroma das brizas, ouvir o bulicio das folhas; e sentar-se á sombra das mangueiras copadas, a ver o sol reclinarse no occidente.

Ahi fui um dia. Nunca meus olhos havião admirado tão encantádor panorama. Em pé no alto da collina, contemplava as ondas azuladas do mar, que, rolando e formando extensos lenções d'espuma, viuhão lambe as areias da praia, e lá, no longe, como um immenso presepe, a capital da provincia, á semelhança de fada enamorada a lavar os lindos pés no azul das aguas da bahia.

Na extremidade da villa, em uma ponta que se estendia para o mar, via-se

Nº 7. — JULHO DE 1865.



a velha fortaleza que lhe defendêra outr'ora a entrada no ataque que contra ella movêra a esquadriha inimiga nas lutas da independência.

Bem denodada que se mostrou... hoje porém é um montão de ruínas, de paredes que desabão, sem que se lembrem os que tem obrigação de lembrars-se de mandarem restaurar e conservar aquelle monumento das nossas glórias passadas.

E quando absorto, estendendo as vistas pelo espaço, fazia a sós as reflexões que ahí deixo escritas, senti bater-me no hombro o amigo que me acompanhava.

— Olhas para a fortaleza, disse-me; não vale a pena olha-la : são ruínas do que já foi grande e imponente.

— E porque não a restaurão?

— Porque?... Deixemos porém isso, e ouça a historia que lhe vou contar, e que é como o laço que a prende á eminencia em que nos achamos.

E o meu amigo começou a fallar :

— Era o anno de 18....

Ahí, naquella bonita casa que vêz lá em baixo tão pittorescamente situada, morava uma familia respeitavel, proprietaria d'este sitio, que tão aprazivel achamos.

Lucia, a filha mais moça, era uma linda e interessante menina de quinze annos, viva, gentil como a gazella do deserto. Conheci-a eu. Era alta, esbelta, morena, mas d'esse moreno assefinado, d'esse moreno de jumbo como só o tem as filhas da nossa terra. Nunca vi em olhos de ninguém tanta expressão, tanta belleza como nos olhos d'ella; erão olhos que sorrião, que fallavão, que brincavão, meigos ás vezes, dardejantes outras, mas sempre expressivos, sempre bellos.

Notára a familia que rapida transformação se havia operado no caracter de Lucia : pensativa, seria, quando até então era risonha, descuidosa e alegre, levava horas inteiras encerrada em seu quarto, e as tardes passava-as solitaria no cimo da eminencia.

E quando lhe preguntavão a razão de semelhante transformação, de tão insípido viver, murmuravão-lhe os labios não sei que palavras e vivo carmesim lhe coloria as faces.

O commandante da fortaleza tinha um filho, bello mancebo de vinte annos, de apparencia gentil, e que distinguia-se entre os demais moços da villa pela amabilidade de maneiras, distincção de trato, e certa quêda que tinha para o que a linguagem moderna christou de— romantismo.

E quando á tarde Lucia, só, com um livro, subia a ladeira da eminencia e ia scismar, que não ler, á sombra das mangueiras que a cobrem, estendendo

os olhos para a fortaleza, via tambem no torreão, a seismar como ella, e triste e só, o bello mancebo, filho do commandante.

Dizião as más linguas da terra que mutua sympathy havia prendido a ambos.

Começarão a fallar a linguagem muda dos olhos, depois a mais expressiva dos signaes, e quando, ao descahir do sol, a escuridão da noite envolvia a terra, hem que se não podessem mais ver, ainda dous lenços alvos, sobresa-hindo por entre as trevas, se fallavão no espaço.

E depois começarão as cartas, e depois as entrevistas.

E o mancebo, que até então evitava as reuniões, procurava agora frequentar aquellas que sabia frequentava a familia de Lucia.

José era um nobre mancebo... O nome é prosaico, mas tinha um coração de ouro.

Bem que filho de um homem respeitavel pela sua posição e caracter, tinha o mancebo um defeito que o mundo não perdoa... era pobre.

Pobre!... e no entanto hem quente sentia o coração a arder-lhe no peito, e no entanto amava Lucia com essa intensidade, com esse delirio que transformão o homem, que lhe mudão a essencia e que lhe tornão a vida ou um paraíso de delicias ou um inferno de tormentos.

E quanta vez não derramou no papel os sentimentos que lhe transbordavão do peito, e quanta poesia intima, ardente, não lhe surgio do cerebro es-caldado.

Algunas conheço eu : são cantos de amor, são hymnos a Deos, á maneira do ciclar da briza nas folhas das mangueiras ao descahir da tarde; são votos fervidos, apaixonados, de um coração que ama; outras, porém, são como o delirar do desespero, o grito rouco do desalento, como o branido da tempestade que estoura ao longe.

Corrião os lindos dias de dezembro... Era uma tarde como esta, e, segundo costumava, havia Lucia subido a ladeira, e aquí, sentada na relva, lançava os olhos pelo espaço, e via o mar sereno e tranquillo a estender-se pela praia.

Um que de inquietação se lhe notava no semblante pallido : parecia esperar... O sino da matriz chamava os fiéis á oração da tarde... Era essa hora tão melancolica e doce que tanto falla á alma, que tanto se harmonisa com um coração que ama; essa hora que Garrell cantára em tão maviosos versos, e que em outros tão sentidos descreveo o sceptico poeta que teve Albion por berço e Missolonghi por tumulo :

*Ave Maria! this the hour of prayer!*

*Ave Maria! this the hour of love!*

A noite estendia-se já pela terra, e quanto mais se adiantava, tanto mais viva era a inquietação da moça.

De repente sentiu um ruído, como de folhas que se agitão; depois, por entre as bastas mangueiras, assomou o vulto de um homem.

— Lucia! disse elle, minha boa Lucia! aqui estou... Não me foi possível vir mais cedo!

— Também mais cedo seria arriscarmo-nos, murmurou a moça.

E sentárão-se, occultos pela folhagem, e fallarão por muito tempo... Ninguém os ouviu... Escutou-lhes Deos os juramentos que se lizerão, e levou-lhes a briza as expressões de seu amor.

Era noite cerrada quando erguerão-se.

— Coragem! disse Lucia: meu pai não recusará fazer minha felicidade.

— Deos te ouça! mas dará elle sua filha a um homem cujo unico thesouro é o seu amor?

— Tenta e pede-me em casamento; e depois, não crês em mim?... não nos desposámos já á face dos céos?

— Sim, mas...

— Ouve, José: não podes comprehender quanto vai aqui de affecto no coração; não sabes de quanto é capaz uma mulher que ama. Ouve bem, acrescentou em tom baixo, serei tua, porque já te dei o coração que t'alia; serei tua, porque me será impossível viver amarrada ao poste de outro homem; serei tua, ou então... desposarei a morte.

E separárão-se.

No dia seguinte dirigio-se José á casa do pai de Lucia e pediu-a em casamento.

— Não duvidaria dar-lhe minha filha, respondeo o velho; mas que me tem o senhor para trata-la com a distincção a que tem direito, com as commodidades a que está habituada?

— Oh! eu trabalharia, senhor, trabalharia noite e dia para cerca-la de commodidades, para fazer-lhe a vida risonha e prazenteira.

— Isto é bom de dizer, meu amigo; mas não passa de palavriado. Estimo-o muito, acredite; aprecio-lhe o character; mas é minha obrigação tambem velar sobre o futuro de minha filha.

— Então...

— É minha ultima palavra: sinto muito, mas não poderei consentir em semelhante casamento, que aliás muito me honraria pela familia a que o senhor pertence, pelas qualidades que o distinguem.

E retirou-se José com a morte dentro d'alma.

Agora, disse-me o narrador tirando da carteira uma carta já amarellada,

agora ouça a leitura d'este papel, que d'aquí dirigio-me um amigo. É a continuação da historia que lhe estou narrando :

« Como sabes, não se pode realizar o casamento da interessante Lucia. « Oppoz-se o pai e foi inflexível. José retirou-se para a capital : foi ver se a « fortuna lhe sorria, se podia em breve, pelo commercio ou pelas letras, ad- « quirir uma posição, conquistar um futuro. Isto já te mandei dizer ; mas o « que ainda não sabes, o que tem enchido a população d'esta villa de conster- « nação e de luto, é que a pobre Lucia está a expirar, é que a infeliz abreviou « os dias, que ainda risonhos e felizes lhe poderiam ser.

« Depois da repulsa que soffrera o mancebo, tristeza mortal se apoderou da « moça. Viu-o a familia; mas esperou que o tempo fosse trazendo algum allivio « ás suas dôres depois de alguns dias amargurados, de algumas lagrimas der- « ranadas na solidão, de alguns soluços abafados... e que depois viria o es- « quecimento e a calma... ou que então os esforços do moço mudariam a face « de sua fortuna.

« Mas o estado de Lucia se aggravava de dia em dia : as faces cavárão-se- « lhe, e os olhos, perdendo aquella expressão de suavidade que tanto lhe ad- « miravamos, tornárão-se brilhantes, mas d'esse brilho que indica o devorar « da febre, como o brilho que lampeja no olhar do louco.

« E, de feito, notava-se-lhe um quer que seja de desarranjo mental : proferia « muitas vezes palavras incertas, vagas, sem nexo: ria-se com esse rir sem « alegria, com esse rir que faz erigir os cabellos...

« Erão bem patentes os symptomas da loucura.

« Evitando a companhia da familia, vião-na só, sempre só. Subia á tarde á « eminencia, e, immovel como a estatua do Desalento, estendia os olhos pela « immensidade do oceano, como se além d'elle, no espaço que o limita, con- « centrasse todos os seus votos, toda a aspiração de sua alma.

« De ha muito que não vião-a mais chorar ; porém mais cavadas tinha as « faces, mais brilhantes os olhos, mais desconcertadas as ideias, mais desali- « nhado o trajar... Parecia querer morrer! Assustada a familia, escreveu a « José, solicitou o seu auxilio, prometteo-lhe tudo, uma vez que a salvasse.

« Em balde!... O desalento esmagára aquelle coração de virgem!... Só Deos « poderia salva-la.

« Triste foi a entrevista entre os dous; mas nem uma lagrima se deslizou « pelas faces de Lucia, nem um sorriso, sequer, lhe pairou nos labios.

« — É inutil tudo, disse ella ao despedir-se... meu véo de noiva será a mor- « talha do sepulcro... Está escrito no céu que só no céu nos iremos... Nada « mais quero da terra!

« No dia seguinte desejou tomar um banho. Acompanhada de uma criada, dirigio-se ao lugar em que se achava a banheira.

« Era nas immedições da casa.

« Ao lado fervia em um tanque a aguardente, que corria do alambique por meio de tubos. A misera contemplou-a por um momento em silencio... pensamento sinistro de morte lhe paraiva na mente... o genio do mal piava-lhe aos ouvidos conselhos do inferno... A mesquinha succumbio.

« Esqueci-me da toalha, disse á criada; vai busca-la.

« E quando vio todos distraidos, sem hesitar um momento debruçou-se no tanque, e em um momento a agua, que não fervia mais, porém que ainda conservava grão intenso de calor, lhe queimava as carnes.

« A dôr, a dôr horrivel lhe arrancou um grito, grito de morte que congelou o sangue dos que o ouvirão. Outro grito respondeu ao d'ella. Rapido como o pensamento, correo um dos escravos que trabalhavão no alambique, debruçou-se sobre a misera e puxou-a pelos vestidos...

« Era horrivel!... Imagina como devia achar-se!... Fazia dô vê-la... Mas nem um gemido soltara, nem um ai se lhe ouviu gemer; a dôr ás vezes contrahia-lhe o scublante, porém mudos se lhe conservarão os labios.

« Hoje vai mal; nenhuma esperança ha de restitui-la á vida; espera-se a cada momento que expire.

« Quanto ao moço, conservão-o em custodia; recca-se-lhe tambem pela vida, e já lhe arrancirão um punhal que tinha guardado... »

« P. S. — Morreo a infeliz!... Erão sete horas da noite e exhalava o ultimo suspiro... Morreo como martyr e como santa... No ultimo lampejar da vida, lucidas se lhe tornarão as faculdades mentaes. Em voz que commovia a todos, vibrante e segura, pediu perdão a Deos do crime que commettêra, á familia do desgosto que lhe causára, á sociedade do máo exemplo que lhe dera. Recebeo com profunda contrição os sacramentos da Igreja, e depois, cruzando os braços, exhalou o ultimo suspiro. »

— E o moço? perguntei commovido.

— O moço, disse o meu amigo, engordou, tornou-se capitalista, casou-se, tem filhos e vai ás partidas do club.

F.



## ANEXO C - Lista de pseudônimos

CONTOS	MES DE PUBLICAÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO	PSEUDÔNIMO
FREI SIMÃO	JUNHO	1864	M. A.
O ANJO DAS DONZELAS	SETEMBRO E OUTUBRO	1864	MAX
CONFISSÕES DE UMA VIUVA MOÇA	ABRIL E MAIO	1865	J.
CINCO MULHERES	AGOSTO E SETEMBRO	1865	JOB
LINHA RETA E LINHA CURVA	OUTUBRO	1865	JOB
O ORÁCULO	JANEIRO	1865	MAX
DIANA	FEVEREIRO	1866	[ANÔNIMO]
UMA EXCURSÃO MILAGROSA	ABRIL E MAIO	1866	A.
O QUE SÃO AS MOÇAS	MAIO E JUNHO	1866	MAX
FELICIDADE PELO CASAMENTO	JUNHO E JULHO	1866	F./S.
A PIANISTA	SETEMBRO E OUTUBRO	1866	J. J.
ASTÚCIAS DE MARIDO	OUTUBRO E NOVEMBRO	1866	JOB
FERNANDA E FERNANDO	NOVEMBRO E DEZEMBRO	1866	MAXIMO
POSSÍVEL E IMPOSSÍVEL	JANEIRO E FEVEREIRO	1867	MARCO-AURÉLIO
ONDA	ABRIL	1867	MAXIMO
O ÚLTIMO DIA DE UM POETA	MAIO E JUNHO	1867	MAX
HISTÓRIA DE UMA LÁGRIMA	NOVEMBRO	1867	J. B.
NÃO É MEL PARA BOCA DO ASNO	JANEIRO	1868	VICTOR DE PAULA
O CARRO N° 13	MARÇO	1868	VICTOR DE PAULA
A MULHER DE PRETO	ABRIL E MAIO	1868	J. J.
QUINHENTOS CONTOS	JUNHO E JULHO	1868	OTTO
LUÍS SOARES	JANEIRO	1869	J. J.
O ANJO RAFAEL	OUTUBRO A DEZEMBRO	1869	VICTOR DE PAULA
A VIDA ETERNA	JANEIRO	1870	CAMILO DA ANUNCIAÇÃO
O REI DOS CAIPORAS	SETEMBRO E OUTUBRO	1870	JOB
MARIANA	JANEIRO	1871	J. J.
AYRES E VERGUEIRO	JANEIRO	1871	J. J.
A FELICIDADE	MARÇO E ABRIL	1871	X.
O CAMINHO DE DAMASCO	NOVEMBRO E DEZEMBRO	1871	JOB
RUI DE LEÃO	JANEIRO A MARÇO	1872	MAX
QUEM NÃO QUER SER LOBO	ABRIL E MAIO	1872	J. J.
UMA LOUREIRA	MAIO E JUNHO	1872	LARA
A PARASITA AZUL	JUNHO A SETEMBRO	1872	JOB
CANSEIRAS EM VÃO	JULHO E AGOSTO	1872	O. O.
UMA ÁGUA SEM ASAS	SETEMBRO E OUTUBRO	1872	J. J.
QUAL DOS DOIS?	SETEMBRO A JANEIRO	1872/1873	J. J.
QUEM CONTA UM CONTO	JANEIRO E MARÇO	1873	J. J.
O RELÓGIO DE OURO	ABRIL E MAIO	1873	JOB
TEMPO DE CRISE	ABRIL	1873	LARA
ERNESTO DE TAL	ABRIL	1873	JOB
DECADÊNCIA DE DOIS GRANDES HOMENS	MAIO	1873	MAX
AS BODAS DO DR. DUARTE	JUNHO E JULHO	1873	LARA
UM HOMEM SUPERIOR	AGOSTO E SETEMBRO	1873	JOB
NEM UMA NEM OUTRA	AGOSTO A OUTUBRO	1873	J. J.
AURORA SEM DIA	NOVEMBRO E DEZEMBRO	1873	VICTOR DE PAULA
A MENINA DOS OLHOS PARDOS	DEZEMBRO A FEVEREIRO	1873/1874	OTTO
MILOCA	FEVEREIRO, NOVEMBRO A JANEIRO	1874/1875	J. J.
OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO	MARÇO A MAIO	1874	J. J.
UM DIA DE ENTRUDO	JUNHO A AGOSTO	1874	LARA
MUITOS ANOS DEPOIS	OUTUBRO E NOVEMBRO	1874	LARA
VALÉRIO	DEZEMBRO A MARÇO	1874/1875	JOB
QUEM BOA CAMA FAZ	ABRIL A JUNHO	1875	O. O.
BRINCAR COM FOGO	JULHO E AGOSTO	1875	LARA
ANTES QUE CASES...	JULHO A SETEMBRO	1875	B. B.
A MÁGOA DO INFELIZ COSME	AGOSTO E SETEMBRO	1875	JOB
A ÚLTIMA RECEITA	SETEMBRO	1875	J. J.
UM ESQUELETO	OUTUBRO E NOVEMBRO	1875	VICTOR DE PAULA
O PASSADO, PASSADO	JUNHO A AGOSTO	1876	LARA
D. MÔNICA	AGOSTO A OUTUBRO	1876	LARA
UMA VISITA DE ALCIBÍADES	OUTUBRO	1876	VICTOR DE PAULA
SILVESTRE	JUNHO A AGOSTO	1877	VICTOR DE PAULA
A MELHOR DAS NOIVAS	SETEMBRO E OUTUBRO	1877	VICTOR DE PAULA
O MACHETE	FEVEREIRO E MARÇO	1878	LARA



Secretaria Integrada de Programas de Pós-Graduação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**Soraya Vieira Januário**

**“Machado de Assis no Jornal das Famílias: um estudo sobre a jovem escrita machadiana”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Aprovada em 27 de março de 2023.

Comissão Examinadora:

**Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES)**  
Orientador e Presidente da Comissão

**Prof. Dr. José Américo de Miranda Barros (UFMG)**  
Coorientador

**Prof. Dr. Paulo Roberto de Souza Dutra (UFES)**  
Examinador Interno

**Prof. Dr. Wolmyr Aimberê Alcantara Filho (SEDU)**  
Examinador Externo





## Folha de aprovação Soraya Vieira Januário PPGL UFES

Data e Hora de Criação: 29/03/2023 às 10:41:41

Documentos que originaram esse envelope:

- Folha de aprovação SVJ.pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)



### Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: 0a38807d0b2326c814e6cec65864d94a13ba80e17c79fc4754d9b0aaecc2542c

[SHA512]: 64180c0090da240b2c4dce320fc5ef8fa3f0f2f1cc20ce36940f3edd39f777c4203065e28abe3fbbf00adbe78f0d1dd6353eabf8a148229822c9f9134ce462ee

### Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope



#### ASSINADO - Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (wilberthcfs@gmail.com)

Data/Hora: 30/03/2023 - 00:22:36, IP: 149.19.207.114, Geolocalização: [-19.940175, -43.934131]

[SHA256]: 7b7080b95db8b9f96f08d81e98f5fb2fad2ca0bf89cd69d52ed3e4deeb642e4



#### ASSINADO - José Américo de Miranda Barros (bmaj@uol.com.br)

Data/Hora: 30/03/2023 - 05:30:20, IP: 131.0.217.23, Geolocalização: [-17.930178, -43.790845]

[SHA256]: 89ab41730b2ecdaeb5dd917f5dd2e02eb70da6b59c93de4ebb71ddb0d7c25584



#### ASSINADO - Paulo Roberto de Souza Dutra (paulorsdutra@gmail.com)

Data/Hora: 30/03/2023 - 11:19:29, IP: 174.28.90.59

[SHA256]: c8655c5d4e0af02008167699ffb83a90275bd76c34f3ff1e330f1836195d69c8



#### ASSINADO - Wolmyr Aimerê Alcantara Filho (wolmyralcantara@gmail.com)

Data/Hora: 30/03/2023 - 11:28:51, IP: 201.62.37.1, Geolocalização: [-20.309606, -40.307916]

[SHA256]: 885f2202f3fd9642ecc95220bb1dd37e514ca393691d084116fb06dbf2ccaafa1

### Histórico de eventos registrados neste envelope

30/03/2023 11:28:51 - Envelope finalizado por wolmyralcantara@gmail.com, IP 201.62.37.1

30/03/2023 11:28:51 - Assinatura realizada por wolmyralcantara@gmail.com, IP 201.62.37.1

30/03/2023 11:21:51 - Envelope visualizado por wolmyralcantara@gmail.com, IP 201.62.37.1

30/03/2023 11:19:29 - Assinatura realizada por paulorsdutra@gmail.com, IP 174.28.90.59

30/03/2023 11:19:18 - Envelope visualizado por paulorsdutra@gmail.com, IP 174.28.90.59

30/03/2023 05:30:20 - Assinatura realizada por bmaj@uol.com.br, IP 131.0.217.23

30/03/2023 05:29:56 - Envelope visualizado por bmaj@uol.com.br, IP 131.0.217.23

30/03/2023 00:22:37 - Assinatura realizada por wilberthcfs@gmail.com, IP 149.19.207.114

30/03/2023 00:22:26 - Envelope visualizado por wilberthcfs@gmail.com, IP 149.19.207.114

29/03/2023 10:45:19 - Envelope registrado na Blockchain por ariel.sessa@ufes.br, IP 200.137.65.104

29/03/2023 10:45:18 - Envelope encaminhado para assinaturas por ariel.sessa@ufes.br, IP 200.137.65.104

29/03/2023 10:41:42 - Envelope criado por ariel.sessa@ufes.br, IP 200.137.65.104